



PROFHISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

DANNYLLO DOS SANTOS NASCIMENTO

**AS PANELEIRAS DO TABULEIRO DOS CABOCLOS, ITABAIANA, AGRESTE DE
SERGIPE - SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS DE UMA HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL:
Recurso Educacional Aberto sob o formato de SD e HQ**

São Cristóvão – SE

2026

DANNYLLO DOS SANTOS NASCIMENTO

**AS PANELEIRAS DO TABULEIRO DOS CABOCLOS, ITABAIANA, AGRESTE DE
SERGIPE - SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS DE UMA HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL:
Recurso Educacional Aberto sob o formato de SD e HQ**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação Profissional em História – PROFHISTÓRIA da Universidade Federal de Sergipe - UFS, como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de Concentração: Ensino de História

Linha de Pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória

Orientador: Prof. Dr. José Vieira da Cruz

São Cristóvão - SE

2026

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

N244p Nascimento, Dannyllo dos Santos
As panelleiras do Tabuleiro dos Caboclos, Itabaiana, Agreste de Sergipe
- sequências didáticas de uma história étnico-racial: recurso educacional
aberto sob o formato de SD e HQ / Dannyllo dos Santos Nascimento;
orientador José Vieira da Cruz. – São Cristóvão, SE, 2026.
115 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em História) Universidade Federal
de Sergipe, 2026.

1. História - Estudo e ensino. 2. Panelleiras de barro - Itabaiana (SE). 3.
História local – Itabaiana (SE). 4. Negros - Educação. 5. Tabuleiro dos
Caboclos – Itabaiana (SE). 6. Trabalhos em cerâmica. I. Cruz, José Vieira
da, orient. II. Título.

CDU 94:745.5(813.7)



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



Ata da Defesa DANNYLLO DOS SANTOS NASCIMENTO, do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, da Universidade Federal de Sergipe, ocorrida no dia 27 de fevereiro de 2026.

Ao vigésimo sétimo dia do mês de fevereiro de 2026, às 14h, remotamente via link <[Meet: Banca de defesa da dissertação As Paneleiras de Barro do Tabuleiro dos Caboclos: uma história étnico-racial](#)>, reuniu-se em sessão pública a banca examinadora aprovada pelo Colegiado do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, constituída pelos Prof(a). Dr(a). JOSE VIEIRA DA CRUZ (Orientador(a)), Prof(a). Dr(a). FÁBIO ALVES DOS SANTOS, Prof(a). Dr(a). JOSEFA ELIANA SOUZA e Prof(a). Dr(a). JOCENEIDE CUNHA DOS SANTOS. Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da banca e o (a) candidato(a) das normas que regem o Exame de Defesa. A seguir, o(a) mestrando(a) iniciou seu Exame, apresentando seu projeto de Defesa **AS PANELEIRAS DO TABULEIRO DOS CABOCLOS, ITABAIANA, AGRESTE DE SERGIPE - SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS DE UMA HISTÓRIA ÉTNICO-RACIAL**. Na Linha de Pesquisa: **SABERES HISTÓRICOS NO ESPAÇO ESCOLAR**. Os membros da banca formularam questões para serem respondidas pelo(a) mestrando(a). Após suas respostas, procedeu-se o julgamento da Defesa, sendo o(a) mestrando(a) **DANNYLLO DOS SANTOS NASCIMENTO** considerado(a) aprovado.

Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora. Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos (São Cristóvão), 27 de fevereiro de 2026.

Documento assinado digitalmente
 JOSE VIEIRA DA CRUZ
Data: 27/02/2026 17:01:56-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof(a). Dr(a). JOSE VIEIRA DA CRUZ
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - UFS

Documento assinado digitalmente
 FÁBIO ALVES DOS SANTOS
Data: 27/02/2026 17:09:38-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof(a). Dr(a). FÁBIO ALVES DOS SANTOS
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - UFS

Documento assinado digitalmente
 JOSEFA ELIANA SOUZA
Data: 27/02/2026 18:19:47-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof(a). Dr(a). JOSEFA ELIANA SOUZA
Programa de Pós-Graduação em Educação - UFS

Documento assinado digitalmente
 JOCENEIDE CUNHA DOS SANTOS
Data: 06/03/2026 17:26:14-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof(a). Dr(a). JOCENEIDE CUNHA DOS SANTOS
Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras- UNEB

Documento assinado digitalmente
 DANNYLLO DOS SANTOS NASCIMENTO
Data: 06/03/2026 19:06:07-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

DANNYLLO DOS SANTOS NASCIMENTO

Figura 01 – Espaço central do bairro São Cristóvão, Itabaiana, Agreste de Sergipe, com destaque para a igreja dedicada ao mesmo santo e residências do antigo Tabuleiro dos Caboclos, como era nomeado a localidade no contexto da década de 1970.



Fonte: Acervo de José Paulo de Oliveira (Paulinho de Dóci).

Mapa 01 – Croqui do contorno do bairro, com destaque para o grande espaço abraçado pela Capela de São Cristóvão (vide figura 01), incluindo a escola Maria da Conceição (Maria Pereira). O campo do Cantagalo que ficava entre a Praça da Juventude e a referida capela.



Fonte: Autoria do arquiteto e urbanista Wendel Paes da Costa (2025).

DEDICATÓRIA

À Maria Lúcia dos Santos (1942-2021), minha avó, professora, e à Vilma Maria dos Santos Nascimento (1970 -), minha mãe, feirante. Duas grandes mulheres, que com seus esforços proporcionaram minha trajetória!

RESUMO

Este estudo, intitulado “As Panelas do Tabuleiro dos Caboclos, Itabaiana, Agreste de Sergipe - sequências didáticas de uma história étnico-racial”, tem o objetivo de conferir visibilidade aos registros étnico-raciais em Itabaiana, Agreste de Sergipe, Nordeste do Brasil, ao desenvolver sequências didáticas que possibilitem relacionar elementos de história local e diversidade étnico-racial. Evidências pouco ou não trabalhadas tanto pela historiografia estabelecida quanto pelo ensino de história. Em torno deste tema-problema-objeto o objetivo deste trabalho é reconhecer a comunidade de origem afro e indígena localizada próxima ao atual centro urbano de Itabaiana – o então Tabuleiro dos Caboclos – formado por remanescentes de um mocambo não reconhecido oficialmente e atualmente nomeado de bairro São Cristóvão. Esta comunidade, até fins do século XX, concentrou o ofício das panelas de barro como evidente remissão à ancestralidade, tradição e práticas africanas e indígenas, marcadas por saberes inerentes ao próprio ofício, costumes e fenótipo dos seus habitantes. Nesta perspectiva, observa-se a partir do exame dos registros da referida comunidade, o protagonismo de mulheres pretas e pardas em torno da produção, estética e comércio de artefatos domésticos culinários de barro como: panelas, potes, moringas entre outros – cujos saberes para o fabrico foram transmitidos oralmente, por gerações. O resgate desta tradição, associada à história da comunidade, tem também a pretensão de trabalhar, discutir e estimular o conhecimento acerca da presença, participação e contribuições de uma comunidade formada de pretos e pardos, denominada de “caboclos”, para pensar a história do Brasil a partir do bairro São Cristóvão, Itabaiana, Agreste de Sergipe, Nordeste do Brasil. Em termos metodológicos, a dissertação propôs-se a sondagem sobre o perfil sociocultural e de verificação da aprendizagem de conhecimentos já adquiridos, junto a alunos das turmas de sexto ano, A, B e C, da Escola Estadual Professora Maria da Conceição, conhecida como “Maria Pereira”, de ensino fundamental e de tempo integral, situada no Bairro São Cristóvão. Após a aplicação do questionário com os discentes, foi constatada a grande carência de referências étnico-raciais sobre suas realidades e sobre a comunidade. Para suprir estas lacunas, foram desenvolvidas sequências didáticas que possibilitam o conhecimento das contribuições, visibilidade e reconhecimento desta comunidade tanto para a história local quanto para campo dos estudos étnico-raciais. Neste sentido, a partir de observação participante acerca das características do bairro, exame de sua espacialidade, registros escritos e imagéticos, bem como da escuta das panelas e de outros moradores da comunidade, este estudo debruçou-se sobre a historicidade quilombola da cidade, em especial ao Tabuleiro dos Caboclos. Ao final, é apresentado um

Recurso Educacional Aberto, sob o formato de sequências didáticas, para proporcionar aos alunos uma visão decolonial do ensino de história, valorizar os saberes ancestrais e o conhecimento da história local sob perspectiva antirracista.

Palavras-chaves: Ensino de História; Educação étnico-racial; Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos; Sequências Didáticas;

ABSTRACT

This study, titled “The Clay Potters of Tabuleiro dos Caboclos, Itabaiana, Agreste of Sergipe – didactic sequences of an ethnic-racial history,” aims to provide visibility to ethnic-racial records in Itabaiana, Agreste of Sergipe, Northeast Brazil, by developing didactic sequences that connect local history with ethnic-racial diversity. This evidence has been seldom or never addressed by either established historiography or history education. Centered on this theme-problem-object, the goal of this work is to recognize the community of Afro-Indigenous origin located near the current urban center of Itabaiana – the former Tabuleiro dos Caboclos – formed by remnants of an officially unrecognized mocambo (settlement), currently known as the São Cristóvão neighborhood. Until the end of the 20th century, this community maintained the craft of clay pottery as a clear link to ancestry, tradition, and Afro-Indigenous practices, characterized by the knowledge inherent to the craft, the customs, and the phenotype of its inhabitants. From this perspective, an examination of the community's records highlights the agency of Black and mixed-race (pardo) women in the production, aesthetics, and trade of domestic clay culinary artifacts – such as pots, pans, and water jugs – whose manufacturing techniques have been passed down orally for generations. The recovery of this tradition, coupled with the community's history, also intends to explore and stimulate knowledge regarding the presence, participation, and contributions of a community composed of Black and mixed-race people, referred to as “caboclos,” to rethink Brazilian history from the perspective of the São Cristóvão neighborhood. Methodologically, the dissertation proposed a survey of the sociocultural profile and an assessment of prior knowledge among students in the 6th-grade classes A, B, and C at the Escola Estadual Professora Maria da Conceição (known as “Maria Pereira”), a full-time elementary school in the São Cristóvão neighborhood. After administering a questionnaire to the students, a significant lack of ethnic-racial references regarding their reality and the community was identified. To fill these gaps, didactic sequences were developed to foster knowledge of the community's contributions, visibility, and recognition within both local history and the field of ethnic-racial studies. Based on participant observation, spatial examination, written and visual records, and interviews with the potters and other residents, this study focused on the town's quilombola historicity, particularly regarding Tabuleiro dos Caboclos. Ultimately, an Open Educational Resource (OER) is presented in the form of didactic sequences to provide students with a decolonial view of history teaching, valuing ancestral knowledge and local history through an anti-racist lens.

Keywords: History Teaching; Ethnic-racial Education; Potters of Tabuleiro dos Caboclos.

RESUMEN

Este estudio, titulado "Los alfareros de Tablero de los Caboclos, Itabaiana, Agreste de Sergipe: secuencias didácticas de una historia étnico-racial", busca visibilizar los registros étnico-raciales en Itabaiana, Agreste de Sergipe, en el noreste de Brasil, mediante el desarrollo de secuencias didácticas que permitan relacionar elementos de la historia local con la diversidad étnico-racial. Esta evidencia ha sido poco o nada abordada tanto por la historiografía establecida como por la enseñanza de la historia. En torno a este tema-problema-objeto, el objetivo de este trabajo es reconocer a la comunidad afroindígena ubicada cerca de lo que entonces era Tablero dos Caboclos, ahora el centro urbano de Itabaiana, vestigios de un mocambo (asentamiento de esclavos fugitivos) no reconocido oficialmente y actualmente denominado barrio de São Cristóvão. Esta comunidad, hasta finales del siglo XX, se centró en la alfarería como una clara referencia a la ascendencia, tradición y prácticas africanas e indígenas, marcadas por el conocimiento inherente al oficio, las costumbres y el fenotipo de sus habitantes. Desde esta perspectiva, el análisis de los registros de la comunidad revela el papel protagónico de las mujeres negras y mestizas en la producción, la estética y el comercio de utensilios domésticos de barro para la cocina, como ollas, tinajas, jarras de agua y otros artículos. El conocimiento para su elaboración se transmitió oralmente durante generaciones. La recuperación de esta tradición, vinculada a la historia de la comunidad, también busca explorar, debatir y fomentar el conocimiento sobre la presencia, la participación y las contribuciones de una comunidad de personas negras y mestizas, conocidas como "caboclos", para comprender la historia de Brasil desde la perspectiva del barrio de São Cristóvão en Itabaiana, región de Agreste, Sergipe, noreste de Brasil. En términos metodológicos, esta disertación tuvo como objetivo analizar el perfil sociocultural y verificar el aprendizaje de conocimientos previos entre los estudiantes de sexto grado (clases A, B y C) de la Escola Estadual Professora Maria da Conceição, conocida como "Maria Pereira", una escuela primaria de jornada completa ubicada en el barrio de São Cristóvão. Tras la aplicación de un cuestionario a los estudiantes, se observó una notable falta de referencias étnico-raciales sobre sus realidades y la comunidad. Para subsanar estas deficiencias, se desarrollaron secuencias didácticas que permitieran comprender las contribuciones, la visibilidad y el reconocimiento de esta comunidad, tanto para la historia local como para el campo de los estudios étnico-raciales. En este sentido, a partir de la observación participante de las características del barrio, el análisis de su espacialidad, los registros escritos y visuales, así como la escucha de los alfareros y otros residentes de la comunidad, este estudio

se centró en la historia quilombola de la ciudad, especialmente en el Tablero dos Caboclos. Finalmente, se presenta un recurso educativo abierto, en forma de secuencias didácticas, para brindar a los estudiantes una visión decolonial de la enseñanza de la historia, valorando el conocimiento ancestral y el conocimiento de la historia local desde una perspectiva antirracista.

Palabras clave: Enseñanza de la historia; Educación étnico-racial; Alfareros de Tablero de los Caboclos; Secuencias didácticas.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi possível graças à capacidade, paciência, tolerância e estímulo do professor José Vieira da Cruz (UFS). Quando menciono capacidade, refiro-me ao traquejo pedagógico de apontar erros e sugerir novas rotas. A paciência se manifestou na serenidade com que me acompanhou em momentos de improdutividade. A tolerância esteve presente nas indulgências concedidas diante dos gargalos do cronograma acadêmico. Registro aqui minha profunda gratidão.

Ao Professor Francisco José Alves (UFS), falecido em agosto de 2025, citado nesta dissertação por suas contribuições à minha graduação, rendo essa homenagem. Estendo-a a todos os professores da Universidade Federal de Sergipe e, de modo especial, agradeço ao fomento à ciência no Brasil nos governos Lula e Dilma, que tornaram possível a continuidade da pesquisa acadêmica em nosso país. Reconheço, ainda, o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa que viabilizou este trabalho.

Quatro acontecimentos dolorosos provocaram sentimento de impotência e letargia, mas paradoxalmente impulsionaram a escrita desta dissertação. As mortes sequenciais de minha prima, Laysiane Acácia dos Santos, vítima de COVID-19, de minha sogra, Eliana Silva Santos, que sucumbiu ao câncer, e de minha avó, Dona Maria Lúcia dos Santos, por complicações de diabetes, respectivamente em junho, outubro e novembro de 2021, passamentos que suscitaram muita tristeza e reflexão. Outro baque foi a morte de meu tio, Valtênio José dos Santos, em 2023, companheiro de viagens e responsável por me apresentar Chico, Gal, Gil, Caetano, Erasmo e Roberto. Agradeço a todos por suas contribuições em minha trajetória, em especial à minha avó Maria Lúcia, paneleira e professora, que me criou e ensinou a fazer o certo na vida.

Agradeço à minha mãe, Vilma Maria dos Santos, e à minha irmã, Dannyelle dos Santos Nascimento, sobretudo pelos cuidados com meus filhos em meio à minha rotina de trabalho e estudo. Sou igualmente grato a José Carlos, marido de minha mãe, e a seu filho Thiago, meu irmão, por sempre me ajudarem. À minha tia Vera Lúcia, minha prima Isabela Katrine e ao meu avô José Alves dos Santos, deixo também meu reconhecimento.

Aos colegas professores e companheiros de jornada pedagógica e acadêmica — Eraldo Neves, Odiler Rezende, Matheus Damasceno, Paulo Altran e Wesley Paes — agradeço pelas orientações e conversas em tom de desabafo. Estendo minha gratidão a todos os colegas de

turma do ProfHistória (UFS-2024/26) e aos professores do Programa, pelas valorosas contribuições.

Agradeço ainda ao arquiteto Wendel Paes, pelas artes gráficas e mapas, e aos historiadores José Almeida e Wanderley Menezes, pela disponibilidade e deferência em minhas consultas. Aos populares do Tabuleiro dos Caboclos, que me ouviram com paciência — Claudete, Dona Bernadete, Dona Tereza, Dona Irene, Dona Dina, Dona Ana, Báu (José Ubaldo), Iá Vêia (Maria José), Ronaldo e Valtenes —, deixo meu sincero agradecimento.

Quando iniciei o mestrado, Francisco, meu filho mais novo, tinha apenas dois anos, e Paulo Martín, o mais velho, aproximava-se de seis. Juntamente com minha esposa, Ivana Silva, sentiram minhas ausências. A eles, agradeço por tudo. Ivana, obrigado por sempre me apoiar.

Este trabalho foi realizado em meio à complexidade da construção da casa própria, da criação dos filhos e da rotina de trabalho. O mar revoltado precisou se acalmar para que viesse a conquista da aprovação em dois concursos públicos: o da Secretaria de Educação de Aracaju (2024) e o da Secretaria de Educação de Sergipe (2025). Essas vitórias só foram possíveis pelas bençãos de Deus e de Ogum, Iemanjá e Oxum, muito obrigado pela proteção e abertura de caminhos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Espaço central do bairro São Cristóvão, Itabaiana, Agreste de Sergipe, com destaque para a igreja dedicada ao mesmo santo e residências do antigo Tabuleiro dos Caboclos, como era nomeado a localidade no contexto da 1970.....	03
Figura 02 - Dona Vilma, minha mãe, na feira de Itabaiana: Uma mulher negra, mãe solo e feirante, década 1990.....	26
Figura 03 - Futebol no antigo campo do Cantagalo, bairro São Cristóvão, Itabaiana, final da década de 1990. Em pé, da esquerda para a direita: Cledson Rocha (Jabá da União), Assinho, Sidney, não identificado, Clodoaldo, Éverton. Agachados: Thiago, Adson, eu sou o do meio, Tancredo e Luciano.....	32
Figura 04 - O futebol agita a comunidade aos domingos. No passado, uma bola mal chutada poderia quebrar as panelas armazenadas nos quintais.....	60
Figura 05 - A imagem abaixo é da década de 90 e mostra maioria de homens negros e pardos. Da esquerda para a direita, em pé: Carlos de Pirrô, Egnaldo, Orlando Brito, Tinho, Wesley, Clodoaldo, Carlos, Véio e Cotó. Agachados: Ricardo, Lô, Carlinhos, Almir, Sandro, Gilvan e Cotó-filho.....	61
Figura 06 - Gráfico com a distribuição étnica de Itabaiana – Censo 2022.....	63
Figura 07 - Ex-paneleira Dona Irene. Hoje, uma rezadeira muito procurada.....	67
Figura 08 - Valtenes, filho de Paulo de Belinha (paneleira), aponta para um barreiro.....	68
Figura 09 - Nesta área ficava outro barreiro, em terreno doado, mas que foi tomado.....	69
Figura 10 - “Sessão das crianças”, na Feira das Panelas.....	70
Figura 11 - Destaque para o empresariado. Esquecimento para os trabalhadores.....	74
Figura 12 - Dona Tereza de Zé de Chico, foi paneleira junto a sua mãe, Dona Maria Rosa de Almeida, “Maria Padeiro”.....	76
Figura 13 - Cuscuzeiro com fogareiro e panela de barro que pertenciam a minha avó, Dona Maria Lúcia, paneleira e professora.....	77
Figura 14 - Dona Maria Madalena dos Santos, residente do bairro São Cristóvão.....	78
Figura 15 - Ronaldo, morador do Tabuleiro dos Caboclos, exhibe com orgulho sua moringa. Ao seu lado, seu irmão Valtenes. Ambos os filhos do falecido bodegueiro Seu Paulo De Belinha. Na infância, os dois coletavam barro e madeira para alimentar os fornos das panelas.....	81
Figura 16 - Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira).....	81

Figura 17 - Tabulação das respostas dos alunos do 6º Ano da Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira), frente a pergunta: O que você conhece acerca da história da comunidade Tabuleiro dos Caboclos?.....83

Figura 18 - Tabulação das respostas dos alunos do 6º Ano da Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira), frente a pergunta: O que você conhece sobre as Panelleiras do Bairro São Cristóvão?.....84

Figura 19 - Tabulação das respostas dos alunos do 6º Ano da Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira), frente a pergunta: Para você, qual a importância da História de Itabaiana?.....85

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Croqui destacando o contorno do bairro, com destaque para o grande espaço abraçado pela Capela de São Cristóvão (vide figura 01), incluindo a escola Maria da Conceição (Maria Pereira). O campo do Cantagalo ficava entre a Praça da Juventude e a referida capela.....	03
Mapa 02 - Mapa destacando as cidades e as distâncias das feiras que percorri em Sergipe e Bahia.....	25
Mapa 03 - Mapa de Itabaiana com o Povoado Fazenda Grande em destaque, abaixo do ponto amarelo.....	28
Mapa 04 - Mapa da Fazenda Grande, de fins dos anos 1950.....	29
Mapa 05 - Mapa com destaque para os municípios nos quais lecionei.....	38
Mapa 06 - Divisas originais de Itabaiana até o início do século XIX. O mapa mostra os municípios que já fizeram parte da “Itabaiana Grande”.	56
Mapa 07 - Mapa destacando o município de Itabaiana, no coração de Sergipe.....	71
Mapa 08 - Mapa de Sergipe com destaque para as cidades que compõem a Diretoria Regional de Educação 3 (amarelo claro). Itabaiana é a sede da regional (amarelo escuro).....	82

LISTA DE SIGLAS

AMEA - Associação Metropolitana de Esportes Athleticos

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEACrim - Coordenadoria de Estatística e Análise Criminal

COVID-19 - (CO)rona (VI)rus (D)isease)

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

NHS - National History Standards

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PNLD - Programa Nacional do Livro e do Material Didático

PREUNI - SEDUC - Pré-Universitário da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe

PROFHISTÓRIA - Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

REA - Recurso Educacional Aberto

SD - Sequência Didática

SUCAM - Superintendência de Campanhas de Saúde Pública

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO: DA SERRA AO PROFHISTÓRIA.....	23
2. ENSINO DE HISTÓRIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:	43
2.1 Reflexões sobre o ensino de história, experiências e Recurso Educacional Aberto.....	43
2.2 O ensino de história sob perspectiva antirracista	49
3 – OS MOCAMBOS NA FORMAÇÃO DE ITABAIANA.....	53
3.1 O Tabuleiro dos Caboclos	53
3.1.2 O futebol e o Tabuleiro dos Caboclos	58
3.2 A invisibilidade do negro em Itabaiana.....	61
3.3 O ofício das Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos	65
4. SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE AS PANELEIRAS DO TABULEIRO DOS CABOCLOS, ITABAIANA, AGRESTE DE SERGIPE	80
4.1 A proposta de Sequência Didática	87
4.2 A Sequência Didática	93
4.2.1 Sequência Didática 01 – Quem eu sou e quem somos nós?.....	93
4.2.2 Sequência Didática 02 – Raízes da Minha História	94
4.2.3 Sequência Didática 03 – "Do silêncio à visibilidade: A construção antirracista da História" .	95
4.2.4 Sequência Didática 04 – A História das Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos.....	96
CONSIDERAÇÕES.....	99
REFERÊNCIAS	100

INTRODUÇÃO

Eu não moro no [bairro] São Cristóvão, moro no Centro, o endereço dos correios é Centro, não [bairro] São Cristóvão (Autor desconhecido, 2025).

No decorrer das últimas décadas, o bairro São Cristóvão foi impulsionado pelo crescimento urbano, a ponto de ser confundido com a área central do município de Itabaiana. Argumento ao qual, por conveniência, muitos de seus moradores se apegam para justificar a residência no centro urbano da sede do referido município. Para além desta comodidade, recordo que desde a juventude ouvi inúmeras expressões preconceituosas dirigidas aos que provinham da "Coreia", denominação pela qual também era conhecido o bairro São Cristóvão, anteriormente chamado Cruzeiro – cujas raízes remontam ao Tabuleiro dos Caboclos. Diante deste e de outros estereótipos, muitas pessoas negavam ou procuravam evitar a associação de serem residentes daquela localidade de Itabaiana, Agreste de Sergipe, Nordeste do Brasil.

É possível, que muitas outras sejam as razões para esta negativa. A respeito, para o escopo desta pesquisa e para o desenvolvimento de um Recurso Educacional Aberto (REA) voltado para aprendizagem histórica, a questão que nos norteia é compreender o quanto aspectos associados às questões étnico-raciais podem estar vinculados a este posicionamento. Desse modo, a intenção é propor esta ferramenta pedagógica para promover uma educação antirracista na Escola Maria da Conceição (Maria Pereira), Itabaiana, Sergipe, a partir do próprio entorno da escola e da comunidade escolar, frente ao reconhecimento destes como uma localidade formada originalmente por remanescentes de um antigo mocambo, que concentrou negros, indígenas, suas tradições, conhecimentos, logo, precisam integrar o ambiente escolar.

Antes de aprofundar sobre este tema-problema-objeto, decidi ingressar no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, motivado por um incômodo persistente acerca da memória formulada sobre o aniversário de Itabaiana, na verdade aniversário de sua elevação à categoria de cidade vinculado ao final do século XIX, em 28 de agosto de 1888. Por esse motivo, inicialmente, conduzi-me a inquirir sobre uma encruzilhada historiográfica da minha terra. Mesmo mudando a rota, considero oportuno descrever o percurso o qual me fez debruçar sobre esse objeto de estudo.

Aparentemente, a coexistência do processo de elevação à cidade com o final do Império e a consequente Proclamação da República teria trazido uma aura de modernidade que ajudaria a afirmar a condição superior atingida. Isso, no entanto, não ocorreu. A elevação à cidade não alterou de modo significativo a vida local, sobretudo, no campo das festividades populares.

A subida de vila à cidade pegou carona com a lei provincial cujo texto inicial elevaria apenas a então vila de Capela à condição de cidade. Naquele contexto, o deputado Guilhermino Bezerra habilmente acrescentou Itabaiana e diretamente beneficiou parentes professores, que passaram de 3ª categoria, na então condição de vila, para 2ª categoria, alcançando o *status* de cidade (Carvalho, 2000, p. 24).

Entretanto, o cônego Domingos de Melo Resende não aprovou a mudança, criticando em sermão: “Civildade!... Civildade! Quanto perdeu, agora, Itabaiana ao deixar sua vida simples de vila! Civildade! Civildade sem civilização!” (Sobrinho, 1941, p. 159). A amargura do pároco local talvez fosse o prenúncio da separação entre Estado e Igreja, que se faria no ano seguinte, após o advento da Proclamação da República (Brasil, 1891).

Curiosamente, a elevação de vila à cidade, em 28 de agosto de 1888, deu-se entre dois momentos marcantes da História do Brasil: A abolição da escravidão, em 13 de maio do mesmo ano, e a Proclamação da República, em 15 de novembro do ano seguinte. O primeiro evento permitiu a um número significativo de escravizados o direito à liberdade. A esse respeito, Armindo Guaraná registrou no Diário de Notícias que na Comarca de Itabaiana, por volta de 1886, existiam 1683 pessoas escravizadas naquele lugar (Guaraná, 1886).

Assim, independente da resistência do pároco, a cidade continuou reunindo a população anualmente no Trezenário de Santo Antônio de Itabaiana – cujas origem remontam o tempo de vila. Acerca deste fato, Sebrão Sobrinho, em sua obra Tobias Barreto, o desconhecido, destaca a forte presença da religiosidade popular, evidenciada nas festas da Semana Santa, do mês Mariano, de Nossa Senhora da Graça, de Santo Antônio e de Nossa Senhora da Conceição (Sobrinho, 1941, p. 158).

Sob o prisma desta análise, a data cívica da elevação à categoria de cidade não constituía um evento proeminente nas celebrações festivas do município, as quais eram dominadas pelas comemorações religiosas. Este argumento se robustece ao considerar que a elevação de Itabaiana a cidade foi incorporada como feriado municipal apenas em 1954, por meio de legislação específica (Sergipe, Lei nº 119/1954). Contudo, inexistem registros que evidenciam celebrações expressivas em torno deste marco, permanecendo, assim, a solenidade reservada integralmente à festa de Santo Antônio como grande marco de celebração popular.

Tudo muda na acirrada disputa política da década de 1980. Junto ao fato de as festividades do centenário (1888-1988) coincidirem com a quebra da hegemonia política do grupo de Chico de Miguel e a ascensão do grupo político de oposição liderado por Djalma Lobo e Luciano Bispo de Lima (Dantas, 1987, p. 77). Neste contexto, o centenário foi incorporado à campanha tanto do grupo de situação, como de oposição. Após as eleições, a oposição vitoriosa

tratou de sedimentar a construção de uma memória relativa aos acontecimentos ao manter a festa, conforme evidenciam até hoje, as festividades em 28 de agosto (Itabaiana, 2025).

Surge, portanto, uma problemática associada a uma memória orientada para a constituição da cidade, concentrada na programação oficial, a partir da comemoração do centenário em 1988 (Santos, 2016). Desde então, essa interpretação e posicionamento político são reforçados anualmente por festividades com atrações musicais de forte apelo midiático (Schneider, 2025).

Tal ênfase, embora conte com grande número de participantes, contribui para o apagamento de períodos históricos precedentes, marcados tanto por séculos de acontecimentos quanto por nuances da formação de seu núcleo urbano, elevação à condição de vila, constituição étnico-racial dos munícipes, sentimento de autonomia econômica e de identidade cultural. Estas duas últimas razões foram suficientes para motivar a população a invadir São Cristóvão – então sede do território da Comarca de Sergipe, à época vinculado à Capitania da Bahia –, para protestar contra a intensificação dos impostos sobre a comercialização do gado, na denominada Rebelião dos Curraleiros, ocorrida em outubro de 1656 (Bispo, 2022, p.75).

Em torno desse problema, a motivação inicial da pesquisa concentrava-se em discutir os efeitos da interpretação e das apropriações da fundação da cidade de Itabaiana, desconectada dos acontecimentos decorridos no século XVII, em favor de um reposicionamento envolto em ocorrências mais recentes, que em nada ligavam-se a autonomia econômica e política do referido território. Ocorre um questionamento latente: A quem ou a quais grupos sociais interessou este apagamento, recorte e interpretação?

A conquista do território do atual município de Itabaiana e áreas circunvizinhas, é marcada por uma violenta tomada das terras dos povos indígenas que habitavam a região. Os registros escritos disponíveis apontaram o início deste processo a partir do século XVII. No mencionado contexto, a povoação portuguesa iniciou a doação de sesmarias aos que combateram junto ao conquistador Cristóvão de Barros (Freire, 1906, p. 282). As sesmarias eram um sistema de concessão de terras utilizado pela Coroa Portuguesa tanto em Portugal quanto em suas colônias, especialmente no Brasil (Salomão, 1981; Santos, 2012).

Em torno desta estrutura de concessão de terras, a Rebelião dos Curraleiros – sesmeiros criadores de gado, estabelecidos em Itabaiana contra São Cristóvão, sede da Comarca de Sergipe então subordinada Capitania da Bahia –, deve ser compreendida como símbolo de autonomia política e de fundação da povoação, visto que, décadas depois, já no final do século XVII, no âmbito político e administrativo ocorreu a sua elevação à condição de vila, em 20 de outubro de 1697, e o estabelecimento da câmara municipal (Carvalho, 2009, p. 131).

Deste cenário colonial do século XVII, avançamos para debates contemporâneos e novas leituras historiográficas, sendo assim, a motivação inicial evoluiu para novas perspectivas no decorrer das disciplinas do mestrado e em consonância com as propostas do campo de estudos do Ensino de História. Nesta conjuntura, as discussões, leituras e orientações promovidas no âmbito do Profhistória, sob a supervisão do professor José Vieira da Cruz, despertaram minha atenção para a vinculação dessa motivação de pesquisa com uma historiografia de cunho político e econômico estabelecida.

A partir disso, o desafio posto foi o de trazer à tona sujeitos históricos que refletissem a diversidade étnico-racial de uma história não limitada aos curraleiros, grandes negociantes, ou de figuras políticas associados a homens brancos, galegos e católicos – cujas origens são frequentemente associadas a cristãos novos, franceses e holandeses. Desvincular-se desta associação, além da empreitada historiográfica, impeliu-nos ao desafio político, educacional, étnico-racial e, sobretudo, historiográfico, de visibilizar as contribuições, legados e registros da população que teceu a referida história de Itabaiana, entre o agreste e o sertão de Sergipe, e que constitui, atualmente, à população do município, formada, segundo dados do IBGE (2022), por uma maioria negra, o que contradiz discursos estabelecidos.

A respeito, o médico sanitarista Antônio Samarone, em artigo recentemente publicado acerca de suas memórias, narrou que na infância “ouvira: Itabaiana não tem negros! Éramos uma cidade só de branco, os poucos negros vinham de fora. Os negros eram invisíveis, escondidos, negados. Uma forma negacionista de racismo” (Samarone, 2023). Este autor demonstra conhecer os estereótipos de branquitude do município. Inclusive, enquanto componente da Academia Itabaianense de Letras, instituição acadêmica e cultural formada na totalidade ou em grande parte por brancos letrados – cujos escritos evidenciam, quando abordam o tema, não destoarem da ênfase das origens europeias de seus conterrâneos.

Partindo dessa interpretação, construiu-se uma ideia de uma Itabaiana de brancos, forjada pelas mãos de antepassados europeus, cabendo aos de origem africana e indígenas, assim como aos seus descendentes pretos e pardos, por vezes, denominados de caboclos, mestiços, mulatos ou sararás, o papel de apêndice quase invisível. Ademais, o cotidiano de pessoas comuns como estas, não fazia parte da História, ou seja, suas trajetórias de vida foram silenciadas, apagadas e invisibilizadas pela historiografia estabelecida. Estes sujeitos históricos, compreendidos como agentes ativos, partícipes e presentes, constituem o foco central desta pesquisa e proposta educacional sobre uma História étnico-racial de Itabaiana, a partir das memórias, tradições, costumes e reminiscências das paneleiras de barro do Tabuleiro dos Caboclos, atualmente bairro São Cristóvão - um capítulo da história negra a ser conhecida.

A construção de uma história negra sem silenciamentos, apagamentos e invisibilidades é um dos desafios atuais da historiografia. Em torno desta discussão, Petrônio Domingues destaca que a história da população negra possui elementos próprios e distintivos, que merecem atenção específica na produção historiográfica, cujas escolhas de temas afro-brasileiros é “...sobretudo, um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificados à experiência negra (Domingues, 2025, p. 11).

Após estas reflexões, não tive mais dúvidas em escolher os estudos da educação étnico-racial. E, como discutido com o orientador, surgiu a ideia de desenvolver um “Caderno de Educação Étnico-racial e Outras Histórias de Itabaiana, Agreste de Sergipe”. Um Recurso Educacional Aberto (Furtado; Amiel, 2019), formatado em Sequências Didáticas (Freitas; Oliveira, 2022) voltadas também à aprendizagem da história local. Para este intento, busco, na seção 2, “Ensino de História e relações étnico-raciais”, partir de minhas experiências e reflexões sobre o ensino de história, aliadas ao entendimento do ensino de história, sob pilar antirracista, e subsidiado pelas produções do ProfHistória acerca da temática, a construção do recurso educacional aberto anexo ao final desta dissertação.

Em torno deste propósito, a história do coletivo das paneleiras de barro do bairro São Cristóvão – protagonizado por homens e mulheres caboclas, pardos e pretos, que exerciam o ofício ancestral de uma comunidade remanescente de mocambo – revela muitos significados, como também o potencial de contribuir para a sensibilização quanto ao valor de histórias e memórias pouco reconhecidas, em particular, no que tange à educação étnico-racial. Neste sentido, ao destacar o coletivo das paneleiras de barro, o presente estudo busca valorizar a trajetória da mencionada comunidade na formação da história de Itabaiana, de Sergipe e do Brasil – de forma mais diversa e sem apagamentos.

A respeito de Itabaiana, enquanto parte da História de Sergipe, Nordeste do Brasil, já se debruçaram importantes autores como Sebrão Sobrinho (1972), Maria Nele dos Santos (1984), Wladimir de Souza Carvalho (2009), Francisco Antônio de Carvalho Lima Júnior (1914), Wanderley Menezes (2011), José Ibarê Costa Dantas (1987), José de Almeida Bispo (2022), entre outros. Estes estudos, não obstante as suas respectivas contribuições, lastro documental e sistematização, evidenciaram com maior ênfase a política e a economia da região. Alguns destes estudos até referendam a participação das populações de escravizados africanos e de povos indígenas, assim como de seus descendentes, porém não conferem a relevância devida ao tema que estamos focalizando. A exemplo, da forma secundária ou de explícito apagamento de remanescentes de mocambo como o do Tabuleiro dos Caboclos.

Assim, esta pesquisa voltada para o ensino de História, busca estimular o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica ao eurocentrismo, e de educação antirracista, na prática, ao propor que alunos do ensino fundamental analisem fontes primárias e secundárias sobre as origens de Itabaiana a partir de uma perspectiva étnico-racial. Ao interpretá-las, os estudantes podem realizar um primeiro exercício enquanto cidadãos aprendizes no fazer-se do ofício do historiador – a partir do contexto étnico-racial e histórico em que estão enlaçados.

A constatação, seja como cidadão, seja como profissional do campo do ensino de História que há 18 anos tem observado a carência de referências didáticas sobre a história étnico-racial de Sergipe e do Brasil, a partir de Itabaiana, impõe dupla feitura de ações pedagógicas e de reinterpretação historiográfica.

Em consonância com esta discussão, a feira-livre de Itabaiana, tradicional espaço de intercâmbio econômico e de sociabilidade, ainda mantém um setor dedicado às panelas de barro. O espaço reservado a elas constitui uma feira inserida no contexto da feira maior. Popularmente designado como “Feira das Panelas”, este local materializa uma conexão significativa entre o passado e o presente. Deste modo, compreendo que compete à História estabelecer tais articulações, analisar as tradições e debater a pluralidade de identidades culturais e de interesses socioeconômicos. Portanto, a feira, enquanto espaço cultural e socioeconômico, torna-se um exemplo concreto de como o cotidiano carrega marcas da memória coletiva e de resistência cultural na história do tempo presente (Hartog, 2013, p. 165).

A “Feira das Panelas” ganhou capítulo especial no trabalho do professor itabaianense José Wilson Moura Santos, *A feira e o ensino de história: caderno de sequências didáticas a partir da feira de Itabaiana/SE*. A contribuição deste trabalho reside no fato de possibilitar ao aluno enxergar a feira muito além de um local de compra e venda, levam-no a concebê-la como espaço que revela um universo de saberes e tradições (Santos, 2021, p. 69). Um trabalho instigante, mas que não teve como propósito explorar especificamente a “Feira das Panelas”, o ofício das paneleiras e os elos étnico-raciais que constituem o espaço, sujeitos e diferentes tempos históricos dos envolvidos.

Neste sentido, a perspectiva desta dissertação era desenvolver um Recurso Educacional Aberto (REA), a ser formatado como Caderno de Educação Étnico-racial e outras histórias de Itabaiana, como forma de contribuir com uma educação crítica e distante da “concepção bancária” (Freire, 1987). Entretanto, a proposta foi apenas estabelecida parcialmente a partir do desenvolvimento de Sequências Didáticas.

Inserido neste propósito, as panelleiras de barro do bairro São Cristóvão marcaram seu ofício ancestral na memória popular do município e regiões circunvizinhas. Uma memória associada ao povoamento do Tabuleiro dos Caboclos, comunidade formada por homens e mulheres pardas e pretas pobres, que teve seu nome original extirpado, tanto como parte do intuito de evidenciar a cristianização do local, como também uma forma de apagar seu passado. No final do século XIX, o local passou a ser chamado Cruzeiro do Século. Mais tarde, em 1958, foi renomeado para Bairro São Cristóvão, por força da lei municipal nº 172, de 30 de junho de 1958.

O propósito de elaboração de Sequências Didáticas (SDs) não consiste em fornecer respostas prontas e inflexíveis aos alunos, mas sim em apresentar aspectos da história e da sociedade dentro de uma perspectiva crítica e emancipadora (Freire, 1967). A pretensão desta abordagem é contribuir para que os discentes se percebam como sujeitos históricos que podem conservar, interagir e, sobretudo, mudar a realidade a partir da compreensão de seu passado e de seu presente histórico.

Ao estabelecer esta relação, indivíduo e mundo social, por meio da educação para as relações étnico-raciais e da história local, a concepção de cidadania se fortalece, pois esta revela o reconhecimento do conjunto de lutas para conquistas de direitos, e a ideia de participação ativa para a manutenção desses mesmos direitos (Cruz, 2019, p. 134). Neste sentido, Gerusa Faria e Debora Breder (2023), alerta-nos sobre a necessidade de uma educação antirracista. Neste mesmo campo de discussões, Chimamanda Adichie (2009) destaca que a “história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (2009, p. 14). Logo, o estímulo a aprendizados ampliados evidencia outros grupos formadores da sociedade – sejam em Itabaiana ou em qualquer outra parte do mundo. E, desta forma, possibilita ir além do já sedimentado imaginário historiográfico de uma cidade, estado e país de hegemonia branca.

Ao pesquisar as panelleiras e seu esquecimento, apagamento ou secundarização por parte da historiografia estabelecida, comungo da leitura de Michael Pollak, quando diz que “lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas (Pollak, 1989, p. 5). Deste modo, a produção de SDs com “histórias étnico-raciais de Itabaiana”, como o caso das Panelleiras do Tabuleiro dos Caboclos, acrescentam ainda mais amálgama à identidade itabaianense, além de também trazer contribuições para a formação escolar e cidadã dos jovens do município. E, tudo isto, conecta-se ao universo de aguçadas descobertas, que se deseja, para a formação dos jovens estudantes.

Balizado por estas discussões a dissertação encontra-se estruturada em 4 seções. Na primeira, são tecidas considerações sobre minhas experiências de quase duas décadas na educação básica, associadas a como concebemos o ensino de história e a educação para as relações étnico-raciais entrelaçadas à história local. A respeito, a historiografia local é importante, mas não diz tudo. E ao não dizer tudo, ela acabou contribuindo para um apagamento e invisibilização de muitas outras narrativas, sujeitos e compreensões históricas. A existência das paneleiras de barro, do Tabuleiro dos Caboclos e até mesmo a minha existência como homem negro, nascido e criado nesta comunidade, são provas incontestáveis de uma outra Itabaiana. Uma povoação formada também por levas de indígenas, pretos, pardos e caboclos.

Na segunda, apresentaremos as considerações para a escolha do objeto de estudo da pesquisa, bem como os diálogos com as fontes e referências sobre este, com o objetivo de quebrar a ideia homogeneizada de povoação estabelecida pela historiografia.

Na terceira seção, apresentaremos as potencialidades do Recurso Educacional Aberto (REA), concebido enquanto Sequências Didáticas, e versaremos sobre o potencial desta metodologia para uma aprendizagem étnico-racial.

Na última seção, descrevemos a proposta de Sequência Didática de ensino e de aprendizagem sobre a História de Itabaiana, a partir de uma perspectiva étnico-racial, balizada na história e nas experiências das Paneleiras de Barro do Tabuleiro dos Caboclos.

1 MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO: DA SERRA AO PROFHISTÓRIA

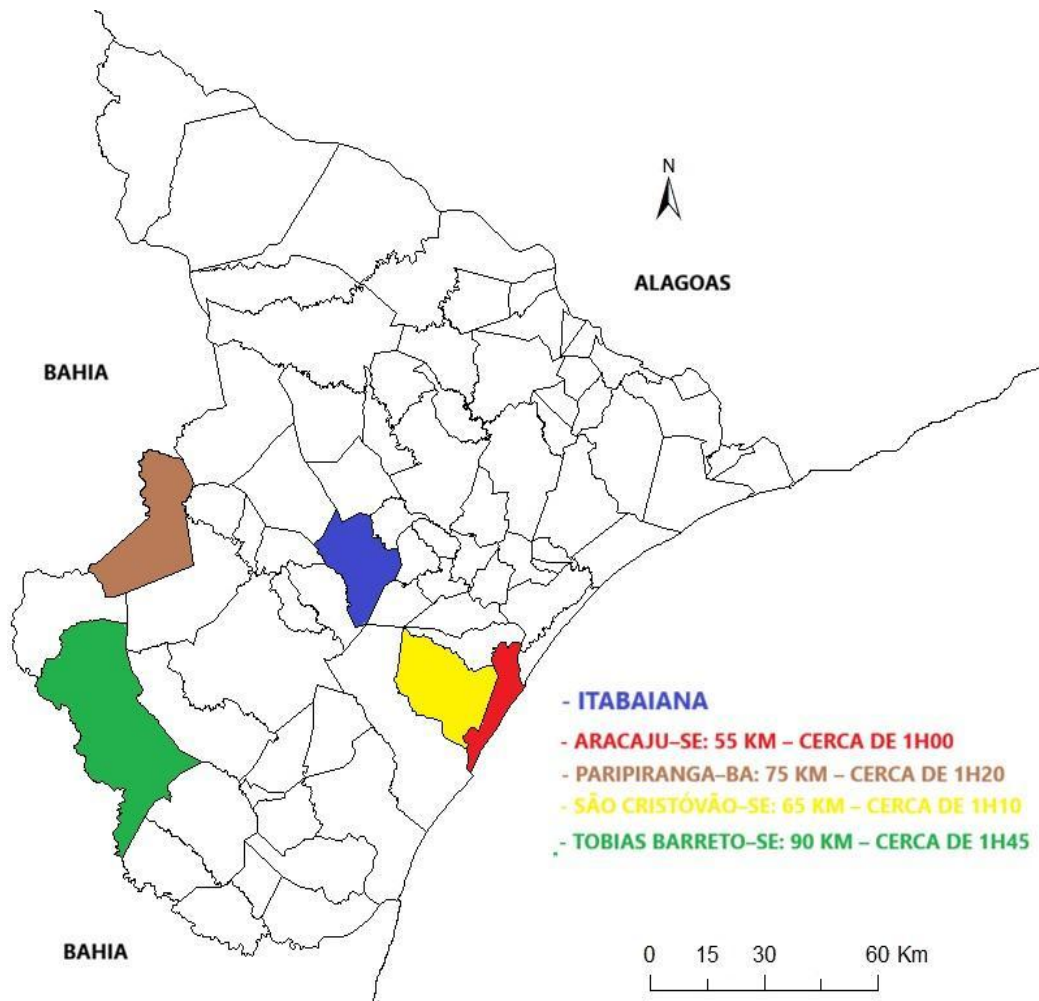
Eu nasci em Itabaiana, Sergipe, no ano de 1988, já no contexto da Nova República (Fernandes, 2006), da atual Constituição (Brasil, 1988) e da Globalização (Bauman, 1999). Sou filho de pais separados, Vilma Maria dos Santos e Almir Sales do Nascimento, criado quase integralmente por meus avós maternos, o senhor José Alves dos Santos, agricultor, e Dona Maria Lúcia dos Santos, professora.

Esta apresentação pessoal surge inspirada também no constructo do “eu fonte” definido como “a percepção que tenho dessa trajetória e como me constituí enquanto fonte numa determinada temporalidade autobiográfica” (Souza, 2020, p. 778). A partir deste entendimento, procuro relacionar minha trajetória de vida, caminhada de estudos e experiências profissionais junto ao ProfHistória.

Em torno deste diálogo compreendi que os momentos de formação inicial e continuada são elementos essenciais na construção da identidade pessoal e profissional docente. Já que parte da hipótese de que o processo formativo imprime marcas profundas na trajetória de vida dos sujeitos. Nesse sentido, o método narrativo assume papel relevante, tanto como instrumento de pesquisa e construção de fontes, quanto como recurso de autorreflexão sobre a própria formação em curso (Souza, 2020, p. 779). Desta forma, eu me surpreendo cada vez que rememoro os diversos desafios experienciados ao longo de minha vida, trajetória acadêmica e profissional docente. Na vida aprendi muito, na universidade reconheci-me como negro, na minha profissão, vivo um contínuo processo de crescimento. O saldo de tudo isso é onde estou agora, no mestrado profissional em ensino de história - ProfHistória/UFS.

Junto a minha mãe, Vilma Maria dos Santos, mulher negra, feirante de calçados, vivi experiências incríveis ao acompanhá-la nas feiras-livres de municípios do estado de Sergipe e Bahia. Em Sergipe, percorríamos os municípios de Itabaiana, às quartas e sábados, Tobias Barreto, às segundas, Aracaju e São Cristóvão, em dias variados. Na Bahia, frequentávamos as feiras realizadas nos municípios Paripiranga, às sextas, e Rio Real, na segunda-feira (mapa 02). Logo, reafirmo que, as feiras são expressão viva da cultura popular e isso sempre me encantou (Ferreira, 2015; Lima, 2012).

Mapa 02: Mapa destacando as cidades e as distâncias das feiras que percorri em Sergipe e Bahia.



Fonte: Autoria do arquiteto e urbanista Wendel Paes da Costa (2025).

Elas, as feiras, foram palcos de muitas brincadeiras de infância em meio ao trânsito frenético dos passantes - jogar bola com qualquer moleque que encontrasse, pega-pega, esconde-esconde ou malabarismos mil em corrimões, alambrados, coretos e palcos das estruturas de ferro e concreto das praças das feiras. Assim, estes importantes espaços, as feiras são, além de patrimônios imateriais, lugares concentrados de produção de vivências e práticas culturais de uma região (Santos, 2024). Mas a vida do feirante não é nada fácil. A realidade é a incerteza. A incerteza de voltar para casa com toda a sua mercadoria após um comércio ruim, especialmente, nas feiras de final de mês, cuja realidade frequentemente se repetia. Lembro-me de que, quando isso acontecia, havia um trabalho enorme de arrumar tudo novamente e retornar para casa, situação bastante incômoda.

O tempo da feira suscita muitos causos. Um deles, transcrito, minha mãe (figura 02) relembra com tristeza e constrangimento:

Certa vez, em 1998, saí para a feira da cidade de Tobias Barreto (SE), sem um real no bolso. Após arrumar a barraca, sempre tomava café da manhã em uma mesma lanchonete. Nesse dia, porém, como estava sem dinheiro, esperei fazer a venda do primeiro par de calçados, para poder ir. Já eram 10h da manhã e nada. A fome apertou, então, foi assim mesmo, dizendo a dona do estabelecimento que assim que vendesse o primeiro par de calçados, voltaria para pagar. Café servido. Barriga cheia. Porém, nesse dia, as vendas foram quase nada e os lucros passaram longe das despesas com transporte e alimentação (Vilma Maria dos Santos, em 10 de fevereiro de 2025).

Relatos como esse revelam as dificuldades econômicas enfrentadas pelos feirantes, e as múltiplas inseguranças enfrentadas pelos feirantes no cotidiano das feiras livres no final do século XX, dentre elas as precárias condições das estradas e o elevado número de acidentes de trânsito no país.

Figura 02: Dona Vilma, minha mãe, na feira de Itabaiana: Uma mulher negra, mãe solo e feirante, década 1990.



Fonte: Acervo pessoal do autor (2026).

No final dos anos 1990, relatórios anuais mostravam que o Brasil registrava mais de 30 mil mortes por acidentes de trânsito por ano (Brasil, 2000). Sergipe contribuía negativamente para a marca ao registrar, em 2002, mais de 300 mortes por acidentes de trânsito (Brasil, 2002). O triste número revela taxas altas proporcionais com estados mais populosos. O reflexo destas estatísticas, que atingiam caminhoneiros e feirantes, era demonstrado na angústia das pessoas

na expectativa da chegada dos seus parentes sãos e salvos. Muitas vidas foram transformadas com perdas repentinas de alicerces familiares. O clima era de incerteza.

As viagens eram muito perigosas. O Brasil é um país violento também no trânsito. Tudo era muito perigoso. Certa vez, quando criança, lembro bem da cena de minha mãe chegando do hospital, toda enfaixada dos pés à cabeça após um grave acidente. Felizmente sobreviveu. Mas, lamentavelmente, sua amiga foi esmagada por uma caixa de madeira e não resistiu, deixando três filhos órfãos (Folha de S. Paulo, 1996).

Sobre a obtenção de lucro também pairavam incertezas, somadas à tensão com o perigo dos ladrões. Ter qualquer par de sandália ou sapato roubado poderia significar a perda do pequeno lucro de uma viagem de trabalho intenso. Restavam ainda os perigos da estrada. A incerteza também residia na tensão por voltar à casa com vida. Nós viajavamos nas carrocerias dos caminhões em meio às caixas das mercadorias. Ali se montavam camas improvisadas, forrando o chão da carroceria, para dormir um pouco, no balanço da viagem. Por tudo isso, pela dureza, pelos perigos, mas também pelos estudos, não viajava sempre, era mais nas férias escolares.

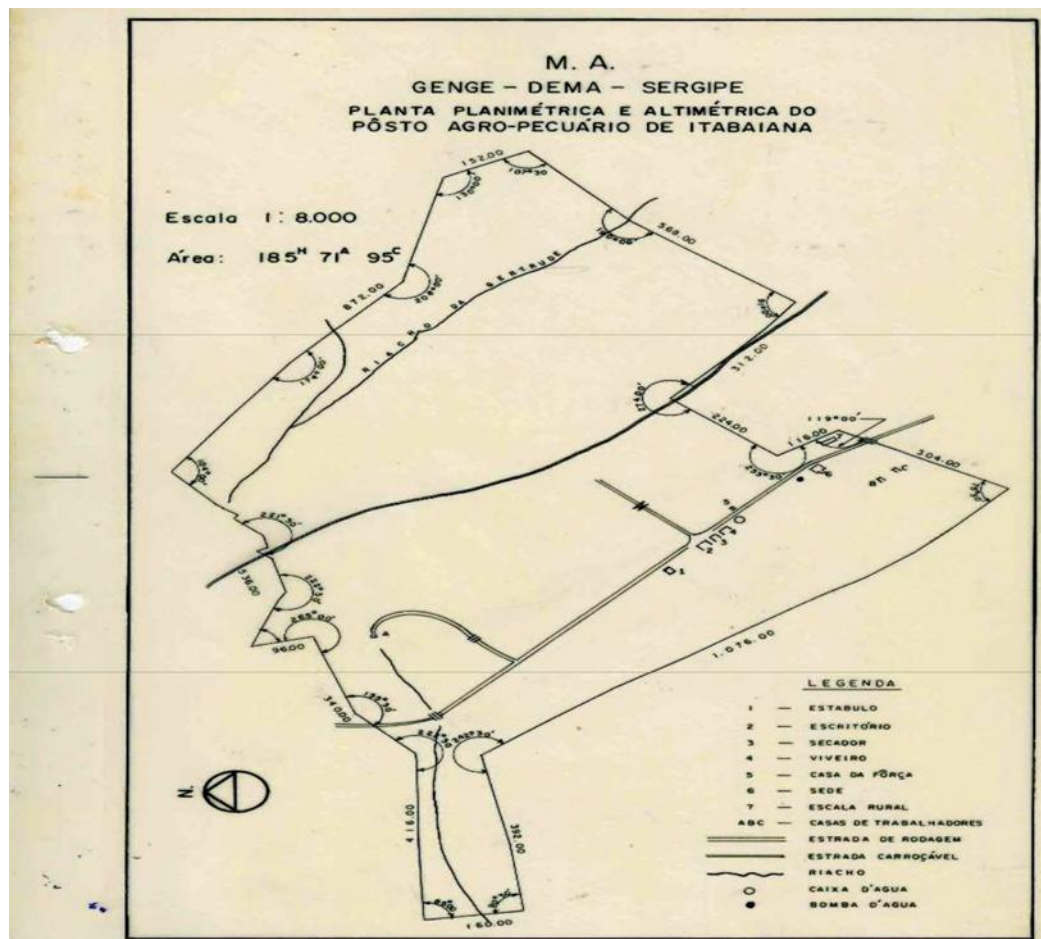
Foi nesse contexto de viagens, entre um lugar e outro, que muitas imagens passaram a marcar significativamente a minha memória. Lembro-me de várias cenas, de crianças da minha idade, cheirando cola. Crianças com roupas esfarrapadas, sujas, descalças. Isso não sai da minha cabeça. Tenho a fotografia exata delas sentadas no beiral de entrada do supermercado GBarbosa, localizado no largo Santo Antônio, em Itabaiana. Na época, não questionava o porquê daquilo. Era tudo aparentemente “normal”. Hoje, pergunto, por que eu tive escola e família e outras crianças cresceram abandonadas? Que sociedade é essa que não cuidava de suas crianças?

Apesar das contradições políticas e econômicas, percebo que avançamos enquanto sociedade, visto que na década de 1990, era muito pior. A meta global, em 2014, estabelecida pela Cúpula Mundial de Educação, na Conferência Mundial de Educação para Todos, da UNESCO, era de universalização do acesso à Educação Básica. Em 1989, a faixa de escolaridade obrigatória (7 a 14 anos) atingia 82,2% de crianças e jovens na escola, já o atendimento à população de 0 a 6 anos era de 15,3% e o da população de 15 a 19 no ensino médio era de 16,5%. No mesmo ano, a taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais, estava em 18,8% (Brasil, 2014, p. 8). No início dos anos 2000, crianças e jovens de 7 a 14 anos, perfaziam 95,8% na escola (Brasil, 2014, p. 9). Em 2012, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 2012), a taxa de escolarização da população de 7 a 14 anos ultrapassou os 95%.

A resolução não permitiu a melhor visualização dos demais povoados, mas na imagem ampliada (mapa 03, acima) vê-se os povoados do município de Itabaiana, até o ano 2000. Com a expansão da cidade, muitos foram incorporados à zona urbana e viraram bairros. No caso do povoado Fazenda Grande, este não virou bairro, mas hoje os sitiantes já divisam com várias casas de conjuntos habitacionais. A Fazenda Grande, que por extensão dá nome ao povoado, foi um polo agrícola fomentado pelo governo federal e que introduziu o cultivo de dois produtos ícones da cidade: a batata inglesa e a cebola (Bispo, 2013, p. 160).

Na imagem abaixo, o mapa da Fazenda Grande mostra, na legenda 4, o viveiro que servia à reprodução das mudas dessas culturas.

Mapa 04: Mapa da Fazenda que deu nome ao povoado. Fins dos anos 1950.



Fonte: Acervo particular de José Almeida Bispo, reproduzido de arquivos do Ministério da Agricultura.

O sítio do meu avô ficava a menos de quinhentos metros da Fazenda Grande, no sentido sul (lado direito do mapa). Como moleque trabalhador, posso afirmar que não plantávamos a batata inglesa fomentada na Fazenda Grande, mas sim batata doce. Cultivo o qual a produção de Itabaiana, em 2020, representava 21 mil toneladas. Esta produção ajuda a colocar o Estado de Sergipe no topo do nordeste, representando 17,4% do total de toda a região (EMDAGRO, 2020).

Após braçadas e mais braçadas de ramas de batata para plantar, lavar e ensacar, ainda restava, a madrugada, depois do cansativo dia de colheita, para transportá-la para o mercado. Foi aí, um dia que percebi, que o primeiro trabalhador, aquele que coloca a mão na massa, de sol a sol, que trabalha desde o preparo da terra, semeadura, cuidados e colheita, fica com muito pouco dos lucros. Lembro que achei aquilo injusto porque eu não entendia ainda o valor do dinheiro, mas achei pouco. Meio que sem querer ou saber, indignei-me com a figura do atravessador. Esse sim deteria enormes lucros ao comprar as pequenas produções dos vários sítiantes, encher seu grande caminhão e agregar valor ao produto em um mercado distante.

A minha avó materna, Dona Maria Lúcia dos Santos, professora e também paneleira, foi a grande tutora dos meus estudos. Inspirado por seus estímulos, segui o mesmo ofício. Ela tinha, tacitamente, um projeto. Contudo, nunca sonhei com a profissão. Diria que, fluidamente, as coisas foram acontecendo, e quando surgiu o convite para dar aulas, aceitei e gostei. Porém, apesar de nunca ter dito diretamente que eu deveria ser professor, ou mostrado as potencialidades da profissão, a palavra de ordem de minha avó era sempre seguir em frente. Todos os cursos, eventos acadêmicos, materiais, transporte, alimentação..., eram prontamente custeados.

Lembro bem como ficou muitíssima orgulhosa quando fui aprovado no concurso de professor da educação básica da rede estadual de Sergipe, em 2012. Na ocasião, fez questão de também lembrar seu ingresso no magistério estadual, sendo recebida com louvor pelo governador Lourival Baptista (1967-1970), ao conquistar a primeira colocação na seleção.

Antes de ser professora, e depois, por um tempo, concomitante à docência, seu ofício primeiro foi o de paneleira de barro - ofício, memória e tradição que renderam inspiração para o texto desta dissertação. Ainda criança, participei, ao lado de primos e primas, da atividade de recolher lenha para alimentar os fornos que queimavam as panelas habilidosamente moldadas pelas mãos de minha avó, de suas irmãs e de minha bisavó.

Como professora das redes estadual e municipal, ela tratou de me apresentar desde cedo a rotina docente. Cresci em meio a diários de classe e livros didáticos. Talvez aí tenha começado a traçar minha futura identidade de professor. Sua trajetória de vida serve, para mim, ainda hoje,

como exemplo em sala de aula, sobre como as valentes mulheres brasileiras seguem triplas jornadas de trabalho e realizam múltiplos ofícios, por vezes invisibilizados: Trabalhar dois turnos em escolas e conseguir espaço nessa rotina para cozinhar, lavar, passar, limpar e cuidar de uma casa e de duas filhas pequenas. Além disso, vez ou outra ajudava sua mãe e irmãs na feitura das panelas. À noite, ainda a esperava para o preparo do jantar e com as costuras dos vestidos das filhas e das roupas do marido. Além disso, havia a elaboração e a correção de provas e atividades, acompanhadas da burocracia interminável dos diários escolares.

No bairro São Cristóvão, também passei boa parte da minha infância, e daquele momento as lembranças mais marcantes são as do futebol e brincadeiras no campo do Cantagalo e no Módulo Esportivo - Estas praças esportivas ficavam na entrada do bairro, no prolongamento de onde hoje está o Ginásio Chico Cantagalo. Muitas amizades construídas naquele período permanecem vivas até hoje. Porém, infelizmente, entre as marcas mais dolorosas estão as perdas de amigos para as drogas e para a violência urbana, além das cenas de execuções que ainda permanecem vivas em minhas memórias e notícias de jornais. A título de exemplo, o portal de notícias de Sergipe, Infonet, publicou:

Com uma taxa de 56 homicídios em 2006, o município sergipano era conhecido por ter o maior índice de mortes relacionadas a crimes de mando. Quatro anos depois, o delegado comemora o que considera um ótimo resultado para a segurança pública da região, registrando apenas 26 assassinatos” (Infonet, 2010). Quatro anos depois, destacou com surpresa em manchete publicada em agosto de 2014: “Itabaiana está sem registros de homicídios há 34 dias (Infonet, 2014).

Absurda realidade, de outrora, pois, ainda bem, hoje não temos nem de longe estes números.

Figura 03: Futebol no antigo campo do Cantagalo, bairro São Cristóvão, Itabaiana, final da década de 1990. Em pé, da esquerda para a direita: Cledson Rocha (Jabá da União), Assinho, Sidney, não identificado, Clodoaldo, Éverton. Agachados: Thiago, Adson, eu sou o do meio, Tancredo e Luciano.



Fonte: Foto cedida por Adson dos Santos, o segundo menino agachado.

A imagem acima é apenas uma de muitas semelhantes que marcaram a vida das crianças da comunidade, sobretudo nas décadas de 1990 e 2000. A Escolinha de Edilson (Adilson Rodrigues), homem negro, que reunia centenas de crianças entre treinos, jogos amistosos e campeonatos, tanto em Itabaiana, como em cidades vizinhas. O branco impecável dos meiões e calções era fruto da lavagem dedicada de alguma mulher da comunidade. Esta era ressarcida com um valor irrisório arrecadado pelas nossas contribuições. A compra do enxoval completo dos craques acontecia por conta de patrocínios de vereadores ou aspirantes ao cargo. O campo com poças de lama e o céu nublado denunciavam o período das chuvas constantes de inverno. As casas ao fundo, de arquitetura semelhante, algumas até sem pintura, denunciavam a riqueza da simplicidade do lugar. A felicidade estampada no sorriso das crianças diante de mais um amistoso (com cara de final de copa do mundo), prenuncia um adicional à lavadeira de plantão, por toda sujeira. Que sujeira!

Os meninos da imagem cresceram (figura 03). Trilharam seus próprios caminhos. Alguns, vejo com mais frequência, outros nem tanto. Da esquerda para a direita, em pé, o primeiro é o vereador de primeiro mandato Jabá da União (PL), seguido de Assinho (Alysson), Sidney, vendedor de medicamentos. Não conseguimos identificar o quarto menino. O quinto é Clodoaldo, árbitro do futebol amador e mototaxista. Vertinho (Éverton), finaliza. O primeiro agachado é Thiago, “Thiago de Damião”, motorista de uma empresa cerealista. Seu pai, já falecido, foi mais um grande jogador negro do Tabuleiro dos Caboclos, que serviu à Associação Olímpica de Itabaiana. O próximo é Adson, neto de tia Cecília, também paneleira, já falecida,

irmã do meu falecido avô Antônio Sales do Nascimento, ou simplesmente, Natonho Sapateiro. Eu, como descrito na foto, sou o menino agachado no meio. Seguem Tancredo Brito, já falecido, neto de Zé de Chico, ex-atleta da Associação Olímpica de Itabaiana e (irmão de Minha avó Maria Lúcia), e de Dona Tereza, ex-paneleira, que aparece na figura 12 (p. 85). O último é Luciano Lima, neto da paneleira Dona Loli (Maria Sales Nascimento).

Apesar de o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* ter revelado, em 2022, que Itabaiana é a única cidade de Sergipe entre as 50 mais violentas do país (Esteves, 2023), os dados indicam uma expressiva redução na taxa de homicídios. Segundo levantamento da Coordenadoria de Estatística e Análise Criminal (CEACrim, 2024), esse índice passou de 78,4 por 100 mil habitantes, em 2016, para 9,67 em 2021 — uma queda significativa no período. Embora Itabaiana tenha reduzido significativamente sua taxa de homicídios, a pergunta “Quem morre?” continua urgente: os dados nacionais mostram que as vítimas são majoritariamente jovens, negros e do sexo masculino, ou seja, padrões de violência ligados a recorte raciais, sociais e de gênero (Atlas da Violência, 2024). No entanto, esta pergunta não deve ser compreendida como meramente estatística, mas sim, como uma convocação para a reflexão urgente sobre políticas públicas que evoquem justiça social e uma memória histórica negra.

Contudo, mesmo diante dos perigos da autobiografia, como nos mostra Giovanni Levi, é válido ressaltar que a discussão de trajetórias biográficas fomenta reflexões e significados. Ele ainda observa que, embora a biografia e a autobiografia tenham ganhado espaço na historiografia contemporânea, elas carregam perigos potenciais, especialmente quando utilizadas de forma acrítica (Levi, 1996). Embora, existam ambiguidades, esquecimentos e riscos metodológicos, é muito enriquecedor refletir sobre como acontecimentos passados alteraram os rumos da vida pessoal e profissional.

Agora, falemos das paixões. Sou vascaíno apaixonado. E essa paixão não nasce apenas do futebol, mas, sobretudo, da dimensão social e histórica que atravessa a trajetória do clube. O Vasco peitou o elitismo dos clubes da zona sul, inserindo jogadores negros e pobres no seu plantel. Por isso, foi convidado a se retirar da competição sob a alegação de não ter estádio. O presidente, José Augusto Prestes, enviou carta à entidade organizadora do certame na capital federal, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA), negando a retirada dos atletas e rompendo com a instituição.

O documento, conhecido como “A Resposta Histórica”, de 07 de abril de 1924, representa o fim do *apartheid* no futebol brasileiro e uma marca do Vasco que o diferencia das agremiações nascidas em berços elitistas, na zona sul (Pires, 2019). Logo, então, os torcedores correram listas para arrecadação de fundos, compraram um terreno e construíram simplesmente

o maior estádio do Brasil e da América Latina na época, popularmente conhecido como Estádio de São Januário, em 1927, que anos depois também foi palco das manifestações getulistas de 1º de maio (Globo, 2023).

Igualmente, ocupa lugar no meu coração a Associação Olímpica de Itabaiana, por onze vezes campeã do Estado e campeã do Nordeste em 1971. A instituição que grandemente reforça o bairrismo e a identidade do itabaianense. Fui conselheiro da agremiação no triênio 2022 a 2024 e estou presidente do conselho de administração para o triênio 2025 a 2027.

No âmbito social, sou casado com a enfermeira Ivana Silva Nascimento e pai de dois filhos, Paulo Martín Nascimento Silva, de 7 anos, e Antônio Francisco Nascimento Silva, de 3 anos.

Vamos à escola: foi entre o extinto Colégio Águia, privado, e a Escola municipal Lenita Porto, em Itabaiana que conheci as primeiras letras. Estudei o restante do ensino fundamental e médio na rede privada de ensino. Até a 5ª série, no Colégio Renascer. Da 5ª série ao 3º ano do ensino médio, no Colégio Opção. Acredito que as razões de não estudar em escolas públicas, estejam no fato de minha avó ter convivido com seus problemas, como falta de livros, violência e pobreza. Então, provavelmente, na visão de minha avó, estudar na rede privada seria poder mudar de ares e ter novas perspectivas. Estudei o restante do ensino fundamental e médio na rede privada de ensino. Até a 5ª série, no Colégio Renascer. Da 5ª série ao 3º ano do ensino médio, no Colégio Opção. Não fui um aluno brilhante, mas mantive rendimentos razoáveis e não fiquei de recuperação final.

Em 2006, ingressei no curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal de Sergipe, concluído no primeiro semestre de 2010. A universidade abriu as portas para eu conhecer um mundo novo. Começar a semana com aulas de filosofia, às 7h da manhã, com o Professor Edmilson Menezes Santos, de Introdução à Filosofia, sendo que não havia essa disciplina na época do colégio, foi sensacional. Abria-se, então, um caminho fértil na mente para uma semana intensa de estudos. Da mesma forma, a professora Eufrásia Menezes Santos, de Antropologia I, apresentou-me o mundo Antropológico, com a leitura de Roberto da Matta e o racismo à brasileira. O professor Dilton Maynard destrinchando as entranhas do nazifascismo, em História Contemporânea II, proporcionou-me, depois, a leitura de Anatomia do Fascismo, de Robert Paxton, e de Futebol e Guerra, de Andy Dougan, narrando a ocupação nazista em Kiev. Essas duas obras são sempre abordadas nas salas de aula dos terceiros anos e o resultado é muito satisfatório. Os alunos processam as informações com atenção e as reelaboram em considerações e perguntas, pois saltam à curiosidade às semelhanças das

replicações do fascismo por grupos políticos atualmente, bem como o extermínio de jogadores de futebol por esse regime.

Outras duas disciplinas importantíssimas, que me apresentaram textos e autores que nortearam meu ofício docente, foram Introdução à História e Teoria da História, ministradas pelo professor Francisco José Alves, meu orientador do trabalho de conclusão de curso, “Uma fonte para a história do agreste sergipano - o livro de termos de serviço da Câmara de Itabaiana (1870:1877): introdução, transcrição em edição paleográfica e índice onomástico” (Nascimento, 2010).

O professor Francisco, com aulas bem didáticas, de roteiro bem definido, cujo início, a nível de introdução, incluía um poema etéreo, uma fábula provocante ou mesmo uma música clássica relaxante, fez-me alertar para a importância da didática, da apresentação e acima de tudo, da sensibilização dos alunos, ou seja, uma preparação antes da imersão no conteúdo das aulas. Marcou pela dicotomia entre as leituras que apresentavam uma história dura, engessada, pouco atrativa, para além do rigor metodológico dos positivistas como Leopold Von Ranke, Charles Langlois e Seignobos. Mas também, em contraponto, com a riqueza dos Annales, em Marc Bloch e Lucien Febvre, nas potencialidades das fontes, nos novos temas, novos personagens e novas abordagens.

Quanto ao transporte, todos os dias o transporte - de Itabaiana para o Campus São Cristóvão da UFS -, era realizado pelo ônibus da Associação Itabaianense dos Universitários. Esta instituição foi fundada pelos estudantes universitários de Itabaiana, no ano 2000, fruto da fusão de duas associações anteriores. Cada uma tinha ligação com um grupo político, mas perceberam que poderiam fortalecer-se com a fusão. Isso aconteceu, mas lembro bem que existia certa preocupação com a ocupação equilibrada do poder. De qual lado será o presidente? E os demais membros da diretoria? Uma coisa era certa, a política de benesses prevaleceu e ambos os grupos foram agraciados com “bolsas de transporte” integrais ou parciais. A disputa política foi suplantada pela intenção de facilitar o deslocamento, diminuir os custos, além de otimizar as viagens, ao apresentar uma maior flexibilidade de horários.

Em razão de já ter iniciado a carreira docente, precisava pegar disciplinas no turno noturno. Como esquecer do cansaço ao voltar para casa perto da meia-noite? Como não lembrar da dificuldade de tirar um cochilo, porque Carlos Alberto (Pompom), Charlysson e Edgilson (Camarão), estavam conversando em voz alta durante toda a viagem? Como esquecer dos perrengues que aconteciam: O ônibus quebrava ou éramos parados pela Polícia Rodoviária Federal (PRF). A intervenção da instituição advinha geralmente de problemas com a segurança: Superlotação e pessoas em pé, pneus carecas ou falta de cinto. No inverno a coisa complicava

e por várias vezes chegava no ônibus totalmente encharcado. A viagem de janela escancarada serviria para secar ao vento. O que falar das viagens feitas de pé? O horário mais concorrido era o da manhã, então, por várias vezes, a prática era de agrupar em apenas um ônibus, o que caberia em dois.

Entre as idas e vindas das viagens, os tempos em que frequentei a instituição me marcaram profundamente, inclusive foi nesse período que me reconheci como negro. Antes, isso era ocultado pelo colorismo à brasileira (Da Matta, 1981). As aulas com a professora Joceneide Cunha, de história da África, e com o professor Petrônio Domingues, de Historiografia Brasileira, contribuíram muito para a minha vida, tanto acadêmica e profissional, quanto pessoal.

Iniciar uma maior compreensão da dimensão da África no Brasil, por exemplo, a partir de uma obra de Alberto da Costa e Silva, Francisco Félix de Souza: O mercador de Escravos, comentada pela professora Joceneide, foi um grande aprendizado (Silva, 2004). Lembro que assisti ao filme “Madame Satã”, por sua indicação. Um impacto direto disso foi visitar o Rio de Janeiro pela primeira vez e me hospedar na Lapa. Em vez de buscar apenas as praias da zona sul, passei a compreender que o Rio também se inicia na Pequena África, especialmente nos bairros do Santo Cristo, da Gamboa e da Saúde.

A abordagem sobre a importância da obra de Clóvis Moura, nas aulas do Prof. Petrônio Domingues, de historiografia brasileira, apontava como a historiografia das elites durante tanto tempo negligenciou esses temas. Em mim, isto provocou profundas reflexões sobre os limites e exclusões da historiografia tradicional.

Ainda entre as disciplinas da graduação, comecei a ensinar no Colégio Opção, da rede privada de ensino de minha cidade, no ano de 2008. Meu primeiro contato com a rotina docente foi antes mesmo dos estágios do curso. Nessa instituição, lecionei em turmas de 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Mais à frente, assumi turmas de 2º, 3º, assistente e pré-vestibular. Permaneci na instituição de 2008 a 2020. Ainda na rede privada, atuei também no Colégio Nota Dez, da cidade de Malhador-SE, de 2012 a 2021. No cursinho Pré-Enem do Colégio Nota Dez, na cidade de Moita Bonita, no cursinho Pré-Enem do Colégio Alternativo, de Itabaiana, e no Instituto Dom Fernando Gomes, em Aracaju, nos terceiros anos, de 2017 a 2020. Também na rede privada, leciono no Colégio Dom Bosco, desde 2020, em Itabaiana, em turmas do 9º ao 3º ano.

Ingressei na rede estadual de Sergipe, via concurso público, no ano de 2012. Era o sonho de minha avó e meu também. Na rede, fui professor dos colégios Augusto Franco e Lourival Fontes, no município de Pedra Mole; Colégio Martinho Garcez, em Frei Paulo, e antigo Colégio

Eduardo Marques, hoje Genaro Dantas, no município de Pinhão. Também atuei no cursinho pré-universitário da rede estadual de Sergipe (Prouni - SEDUC). Quantas amizades, quanto aprendizado!

Ao adentrar o interior do mapa do Brasil, deparei-me com uma nova cultura: a do sertanejo. Repensar acerca do maior cuidado com a água, adotar outra relação com a terra e ter relações pessoais mais próximas, e o carinho ainda maior por parte dos alunos e da comunidade, me chamou atenção.

Cresci em Itabaiana, cidade do agreste, mas com os olhos voltados apenas para o litoral. É como se até então, apenas existisse um mundo novo somente olhando para o leste, ou seja, durante muito tempo, literalmente, virava as costas ao pôr do sol. Grande engano. Hoje reconheço esse período da vida como o grande momento de aprendizado histórico para mim, sobretudo, ao analisar os estudos de Rüsen (2012) a respeito do

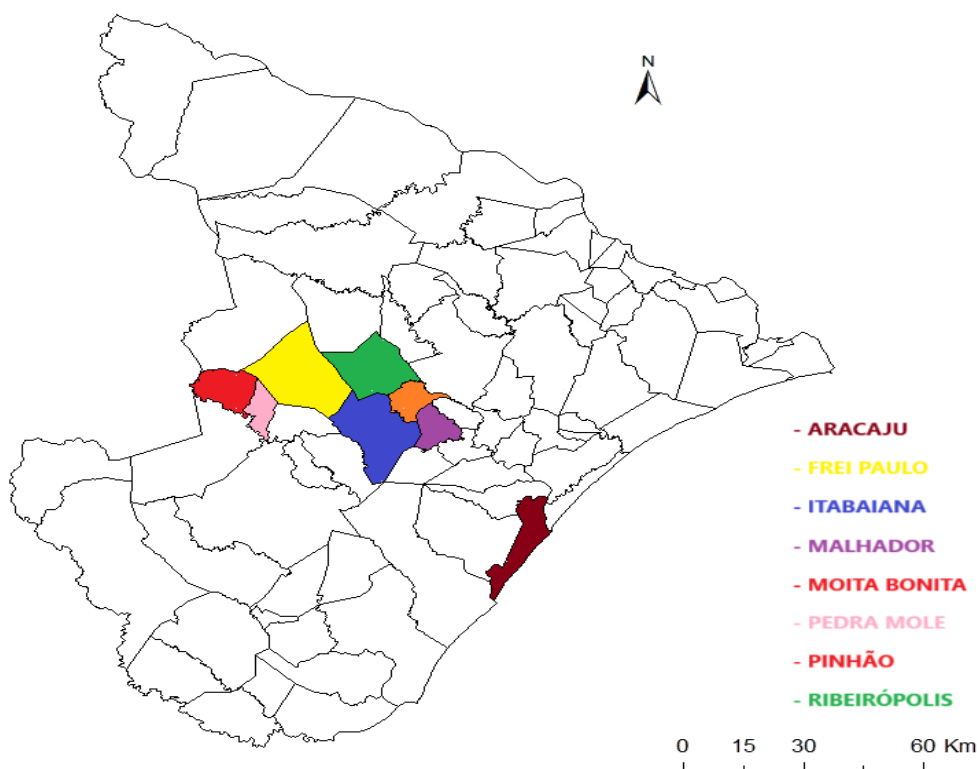
lado subjetivo do aprendizado histórico [que] refere-se a processos mentais em que é por meio de que a subjetividade humana se constitui ao serem especificamente processadas as experiências históricas temporais. Aprende-se a capacidade de dizer a si mesmo "eu" e "nós" a respeito de memórias articuladas em comum e a organizar a própria vida prática sob representações temporais orientadoras (Rüsen, 2012, p. 122).

Diria que foi no sertão, a partir da prática docente, que me ressignificou como professor e como pessoa. Nesses anos, aprimorei minha didática e acredito que ao longo do tempo a tornei mais atrativa. Aprendi também que, em nenhum momento, a história deve parecer para o aluno algo velho ou restrito ao passado. Não, não é isso. As aulas de história devem ser uma constante de idas e vindas entre passado e presente.

Até 2018, concentrava as aulas que tinha na rede estadual nas cidades de Pinhão, Frei Paulo e Pedra Mole. A mudança ocorreu quando apareceu a oportunidade de lecionar em Itabaiana. A peregrinação foi grande: Passei pelos colégios Augusto César Leite, Airton Teles, Nestor Carvalho e Vicente Machado Menezes, até fixar carga horária completa no Colégio Estadual Murilo Braga.

Quando deixei de lecionar nas três cidades supracitadas, as três mais ao oeste, à esquerda do mapa abaixo, a situação não melhorou. Necessitando complementar a renda, precisava fazer uma verdadeira maratona semanal percorrendo cinco cidades. Conforme mapa abaixo, em Ribeirópolis (verde), tinha turmas do curso pré-universitário da rede estadual. Em Malhador (laranja), lecionava no Colégio Nota Dez (rede privada). Em Moita Bonita (roxo), no curso pré-vestibular do Colégio Nota Dez. Em Aracaju (vermelho escuro), no Instituto Dom Fernando Gomes (rede privada). Por fim, em Itabaiana (azul), as aulas da rede estadual no Colégio Estadual Murilo Braga.

Mapa 05: Mapa com destaque para os municípios nos quais lecionei.



Fonte: Autoria do arquiteto e urbanista Wendel Paes da Costa (2025).

Na graduação, o professor Francisco José Alves já ressaltava a importância de um destaque inicial para as aulas, um ponto de partida. Isto poderia ser um poema, uma música ou uma reflexão sobre algo da atualidade, em evidência jornalística. No início da prática docente, por inexperiência ou falta de habilidade, algumas vezes isso foi minimizado ou relegado a segundo plano. Entretanto, como em um jogo de tentativa e erro, esta mudança foi acontecendo, de fato, na prática docente, no Colégio Estadual Eduardo Marques, hoje Genaro Dantas, na cidade de Pinhão, entre os anos de 2012 e 2016.

Percebi, pelo retorno positivo dos alunos, que o maior estímulo à aprendizagem parte de demandas do presente, de exemplos do presente – lição destacada por Bloch (2001). Daí então, o aluno será convidado a lançar seu olhar inquiridor sobre o passado: Por que isso aconteceu? Onde? Quando? Quais os impactos desse fato histórico? Quais personagens participaram? Quais tiveram suas vozes silenciadas?

Como professor de cursinhos para concurso público, tive, e ainda hoje tenho, o prazer de ensinar História de Sergipe. Esse tema é negligenciado no ensino médio com foco total na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Essa lacuna deixada pode e deve

ser minimamente preenchida por trabalhos como este, que buscam valorizar a história local. Nos cursinhos, vale ainda a aula mais decoreba, pois as provas costumam cobrar fatos, nomes e datas. Apresento aos alunos um resumo em tópicos, usando o quadro, onde a história de Sergipe aparece conectada ao que acontece no Brasil e aos acontecimentos da História Global. Maria Thetis Nunes, Felisbello Freire e Beatriz Góes Dantas formam a tríade maior para temas de Sergipe colonial e imperial. Na república, escritos de Ibarê Dantas, José Vieira da Cruz e Petrônio Domingues, apresentam diferentes abordagens.

Em 2018, devido a ascensão da extrema direita, senti-me na obrigação de ser candidato a deputado federal, sobretudo para contrapor o discurso fascista que crescia. Filiei-me ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e obtive 4.843 votos, 0,48% do total de votos dentre todos os partidos para este cargo. Fui votado em mais de 70 municípios sergipanos, alcançando a segunda colocação dentro do meu partido, sendo o Delegado Mário Leony o primeiro, com 9.396 votos, 0,94% do total de votos. Esta eleição teve um quociente eleitoral para o cargo de 119.246 e o meu partido alcançou 20.378 de um total de 953.969 votos válidos (Tribunal Superior Eleitoral, 2024).

Dois anos mais tarde, em 2020, candidatei-me ao legislativo municipal, obtendo 494 votos. Encerrado o período eleitoral, retornei integralmente à minha atuação docente, reafirmando meu compromisso com o ensino de História como instrumento de formação crítica e emancipatória. É nesse contexto que compreendo a prática educativa como espaço de resistência e de promoção da justiça social. Ensinar história também é um posicionamento político.

Inspirando-me nas reflexões de Jörn Rüsen, defendo que a História possui uma função pública imprescindível de contribuir para o fortalecimento da consciência histórica dos sujeitos, de forma a prevenir a repetição de atrocidades como o nazismo. Para Rüsen (2012), a memória histórica não é apenas reconstrução do passado, mas um saber orientado para o futuro, logo, deve ser capaz de sustentar valores democráticos e humanistas frente aos perigos da negação, da intolerância e do autoritarismo.

Mas os imperativos da vida modificaram o curso dos acontecimentos, tal como ressalta Cruz (2022), no texto, “Um Estágio Pós-Doutoral em Tempos de Pandemia e de Ensino Remoto Emergencial: um aprendizado autobiográfico, acadêmico e histórico (2020–2022)”, segundo o estudioso a realidade se apresentou maior que o macrocosmo acadêmico. Naqueles primeiros meses de 2020, para ele e para muitos de nós, a notícia que já vinha do ano anterior, da pandemia provocada pela COVID-19, ganhou escala, proporções e desdobramentos até então pouco

pensados, esperados e desejados (Cruz, 2022). Um desses desdobramentos, foi o recrudescimento da luta contra a extrema-direita que continuava em vários outros campos.

Da mesma forma que Cruz relata que nos primeiros meses de 2020, início da pandemia de COVID-19, ele se reposicionou no contexto do pós-doutorado, passando então a combater o obscurantismo e o negacionismo com a escrita regular para jornais, sites de notícias e redes sociais (2020, p. 10), eu debrucei-me a refazer meu trabalho docente, no difícil contexto pandêmico. Primeiro, dediquei-me a algumas leituras, como “A história e suas epidemias”, de Stefan Ujvari. Era preciso entender como as doenças fizeram parte da trajetória humana. Não são coisas à parte, isoladas, mas sim fenômenos sociais e históricos intrínsecos às atividades humanas e sua expansão pelos quatro cantos do planeta (Ujvari, 2003).

Com a suspensão das aulas presenciais, entre fechamentos e restrições, reorganizei as práticas docentes, com a necessidade de entendimento de uso de plataformas diversas: *Microsoft teams*, *Zoom meeting* e *Google meet* foram usados, no entanto, o método que melhor se fixou foi o de fazer a vídeo chamada pelo *Google meet* e gravar, pois os alunos que não participavam ao vivo, assistiam depois a gravação que ficava no drive. Infelizmente isso só veio a acontecer já na parte final, quando descobri que a secretaria de educação havia disponibilizado um e-mail institucional no *Google*, com o recurso de gravação e utilização do drive.

Durante as restrições provocadas pela pandemia, a manutenção de leituras diárias de sites, blogs, redes sociais e noticiários de televisão, por vezes, tornaram tudo muito angustiante. Era preciso também cuidar da saúde física e mental, para poder orientar bem os alunos nas aulas remotas, que inclusive passaram por várias privações, bombardeio de informações, verídicas ou falsas, exclusão ou limitação digital etc. Não foi fácil. E continua não sendo difícil.

Assim como discutido na obra “Vidas em transe: migrações, ditaduras e lutas democráticas” (Cardoso, 2023), que estabelece uma analogia entre sua trajetória docente e as lutas retratadas no filme de Glauber Rocha, também compreendo que o exercício da docência em História, especialmente no ensino básico brasileiro contemporâneo, enfrenta desafios de magnitude inédita.

Em 2022, iniciei o curso de pós-graduação Lato Sensu, à distância, em história e cultura afro-brasileira, no Instituto EducaVales, concluído no início de 2025. Em 2024, por conta dos estudos do mestrado, dei uma pausa na vida política partidária. Não disputei eleição. Era preciso cuidar da família e tocar projetos pessoais. Urgia o sonho da casa própria.

Impelido pela inquietação que me é característica, sentia que faltava alguma coisa. Desde o fim da graduação, em 2010, sempre mantive acesa a perspectiva de um dia retornar à universidade, para novos estudos. O ambiente acadêmico sempre me encantou. Quando soube

do processo de seleção para o mestrado há alguns anos, logo me interessei, mas por conta de uma exaustiva carga horária de quase sessenta aulas em cinco cidades, por vezes declinei.

As encruzilhadas da vida, ora impõem, ora sugerem novas rotas. Por isso relato minha origem e trajetória como esteio do que sou como docente. Sobre este campo, o professor Antônio Nóvoa recorda os impactos da publicação do livro “O professor é uma pessoa (1984)”, de Ada Abraham. Ele toma este caso como uma virada nas produções na área de educação. Os profissionais e suas trajetórias - de vida, acadêmicas e profissionais -, tomariam papéis centrais no debate educacional. “Desde então, a literatura pedagógica foi invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores” (Nóvoa, 1992, p.15).

Ano a ano, para menos impactos, reduzi um pouco a carga horária, ainda muito alta, alimentando a expectativa de um possível mestrado. Fiz a prova de seleção. Aprovado, sabedor dos horários das matérias concentradas no início da semana, me perguntava se conseguiria licença remunerada para poder fazê-lo. Resolvi adaptar os horários de aula e trabalhar em mais turnos para fazer o curso, independentemente da licença, superando o fato da carga horária exaustiva.

Para além das intenções profissionais, em construir um recurso pedagógico que valorize a história de minha cidade, diria que ainda estou aqui em reforço da memória de minha avó materna, Dona Maria Lúcia dos Santos, falecida em 2021, e que por décadas foi professora das redes estadual e municipal. Ela, tanto me serviu de inspiração, como também foi a grande incentivadora e fiadora dos meus estudos.

Sinto que, desde o início de minha atividade docente, ainda na metade da graduação, em 2008, concluída em 2010, a minha formação profissional seria como estar sempre em busca do tesouro no final do arco-íris, ou aquela corrida que fazemos no sonho (ou pesadelo) e que temos a sensação de não sair do lugar. Por isso, para mim, a atividade de ensinar história representa um grande desafio.

Com apenas 20 anos à época, inquietava-me tanto a necessidade de domínio temático, como a de abordagem didático-pedagógica. Ou seja, era preciso estudar bem e se apropriar de uma vasta gama de conteúdos que iam da pré-história até os dias de hoje, além de buscar uma síntese palatável para um público de jovens. Ainda, tudo isso deveria fazer sentido e, de alguma forma, se conectar.

No decorrer dos anos, fui construindo esses alicerces pedagógicos e formulando uma didática que se consolidava de acordo com a aceitação do público. Essa prática de ensino foi fortemente influenciada pelo modelo dos cursinhos pré-vestibulares, por sua vez alinhada com

a prova de vestibular da principal instituição, a Universidade Federal de Sergipe, produzida pela Fundação Carlos Chagas. Então, por irreflexão, frente aos práticos ditames do mercado, por inexperiência, ou pelos dois, nestes primeiros anos de minha atividade docente, o ensino de história teria como finalidade quase que exclusiva a de conduzir os alunos para um maior número de acertos na prova do vestibular, perfazendo um maior número de aprovações, que, por sua vez, incorpora o *marketing*, sobretudo das instituições privadas.

Era uma prática excessivamente conteudista e pouco reflexiva. A memorização de fatos, nomes e até datas eram critérios para acertos e erros. De 2008 a 2012, essa foi a tônica. Mas, com a adoção do Enem, como critério para ingresso na Universidade Federal de Sergipe, em 2012, ocorreram importantes mudanças (Universidade Federal de Sergipe, 2012). No entanto, antes, o vestibular era feito pela própria instituição, que deixava a cargo da Fundação Getúlio Vargas a elaboração da prova (Marinho, p. 156, 2023).

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) nasceu como prova nacional para avaliar estudantes da educação básica em 1998. E, a partir de 2004, foi também utilizado para a seleção de vagas nas universidades (Tancredi, 2025), mas somente em 2012, a Universidade Federal de Sergipe adotou sua nota para selecionar os estudantes. Desse modo, observa-se que, baseadas em competências e habilidades, não em conteúdos e fatos históricos concebidos de forma estanque, as questões do Enem permitiam e exigiam abordagem dos conteúdos de forma muito mais diversificada.

Primeiramente, viria a reflexão e o entendimento sobre cultura e identidade, o estado e o direito, e cidadania e democracia. Depois, os conteúdos de história seriam abordados sob a luz desses conceitos. Então, as habilidades integrantes das competências deveriam formar um arcabouço teórico capaz de levar os alunos a entender os processos históricos. Melhor assim. Foi justamente a partir dessa percepção que reencontrei motivações para tentar a seleção do mestrado, experiência que impulsionou a uma verdadeira virada de chave em minha trajetória profissional. Aqui estou agora.

2. ENSINO DE HISTÓRIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:

2.1 Reflexões sobre o ensino de história, experiências e Recurso Educacional Aberto

Nesta seção, buscaremos relacionar as experiências colhidas na trajetória docente às reflexões suscitadas pelas leituras desde a época da graduação, até este mestrado, como também aos problemas e potencialidades encontrados nas vivências em sala de aula. Tudo isso, servirá de base para a composição do Recurso Educacional Aberto. Este material pedagógico é chamado de “Aberto” no sentido de que qualquer professor pode usá-lo sem a preocupação com direitos autorais, bem como adaptá-lo à sua realidade educacional. Segundo os autores Débora Furtado e Tel Amiel, a expressão “recurso aberto” foi cunhada e definida formalmente pela primeira vez em um Fórum da UNESCO em 2002:

designando materiais de ensino, aprendizado e pesquisa disponibilizados em qualquer suporte ou mídia, sob domínio público ou licenciados de maneira aberta, permitindo, assim, utilização ou adaptação por terceiros. Os REA podem ser livros, capítulos de livros, planos de aula, softwares, jogos, resenhas, trabalhos escolares, artigos, dissertações, teses, manuais, vídeos, áudios e imagens, dentre outros tipos (Furtado; Amiel, 2019, p. 10).

Uma importante discussão foi levantada no mestrado, sobretudo nas aulas de História do Ensino de História, do Professor Fábio Alves: O que devemos ensinar? Como nossa proposta pedagógica para o ensino de História localiza-se na História do Ensino de História? Por que estávamos ali? Qual a importância da formação do professor? Sobre esta última, ao refletir sobre a formação do professor de História, Villalta retoma a construção feita por Déa Fenelon, que por sua vez considerou que o professor ideal deva ser “capaz de fazer história, relacionar-se criticamente com o saber produzido e também produzir um novo saber ao mesmo tempo em que o organiza e transmite” (Villalta, 1992, p. 223). Uma difícil missão.

O referido autor acrescenta que o professor deve possibilitar aos alunos o acesso ao conhecimento histórico e familiarizá-los com o trabalho do historiador, conduzindo-os a aprender História e a construir conhecimento histórico. Isso representa um bom diálogo com o recurso pedagógico proposto neste mestrado em ensino de história, visto que a pesquisa versa sobre perspectivas invisibilizadas ou ainda pouco trabalhadas pela historiografia e no ensino, em Itabaiana, Agreste de Sergipe, Nordeste do Brasil.

Se não conseguimos atingir o ideal de professor sugerido por Fenelon, podemos sugerir questionamentos e pesquisas sobre o que está por trás da invisibilidade preta, indígena e parda da comunidade do Tabuleiro dos Caboclos. A familiarização dos alunos com o fazer do historiador, é desejável, como também é desejável que eles se reconheçam como personagens

históricos, além de adquirirem propriedade e consciência de sua consciência histórica (Rüsen, 2012). Então, por exemplo, ao ler um documento escrito, fotografia, ou depoimento, os alunos serão apresentados a fontes históricas que podem provocar reflexões e questionamentos sobre as relações entre diferentes esferas do processo de formação do Brasil e da colonização portuguesa, bem como seus interesses, esquecimentos, silenciamentos e apagamentos.

Tudo isso no campo ideal. Porém, sabemos que inúmeros problemas existem e outros aparecem no campo real de trabalho. Villalta (1992), por exemplo, reflete sobre o professor ideal e o professor real e considera que realmente é impossível dissociar a atuação profissional com as condições que cercam nossa atividade, a começar por uma carga horária exaustiva, que inclusive desconsidera as inúmeras atividades feitas fora da sala de aula. Então, segundo o autor, esse professor é fruto de uma série de situações negativas que envolvem sua atividade, como: “baixos salários, jornadas de trabalho muito altas, má formação e escolas deficitárias em termos de materiais e recursos didáticos”, são as principais (Villalta, 1992, p. 226).

Logo, ele aponta como o professor real, infelizmente maioria, um professor frágil do ponto de vista teórico e/ou, cuja prática difere radicalmente de seu discurso, é um professor que não planeja suas aulas, por isso as aulas tornam-se monótonas, pobres do ponto de vista didático e histórico. “Esse é o professor real, de uma precariedade teórica e didática assustadora” (Villalta, 1992, p. 226).

Outro problema reside no distanciamento entre a produção acadêmica e a atuação do professor na escola. Nadai (1984), afirma que é preciso superar a dicotomia ensino e pesquisa (Nadai, 1993, p. 159). Que houve durante muito tempo uma fratura grave nas graduações de história e que “o futuro professor recebe informações esparsas e incompletas, sobretudo das duas vertentes mais importantes da historiografia contemporânea – o materialismo histórico e a escola francesa dos Annales”, faltando então, “domínio sobre seus componentes fundamentais (teóricos, metodológicos)” (Nadai, 1984, p. 83). Não vejo que tive, na graduação, informações esparsas e incompletas, porque os principais autores foram apresentados. Leopold Von Ranke e Augusto Comte foram vistos em contraponto às contribuições de Bloch e Febvre, entre outros, claro, a não ser que se esvaziassem outras correntes ou disciplinas, para aumentar o tempo dedicado a estas.

Ainda nesse campo, sobre minha graduação entre 2006 e 2010, pela Universidade Federal de Sergipe, e o mestrado profissional em ensino de História, ProfHistória, de 2024 a 2026, constato dois grandes dilemas: primeiro, que na própria academia o mestrado profissional é visto como inferior ao acadêmico. E segundo, que isso se estende à graduação quando da preocupação e importância intelectual do pesquisador em detrimento do futuro professor. É

como se a ciência tivesse uma aura de superioridade e o professor não faria ciência, tão somente retransmitiria conhecimentos produzidos pelos cientistas da academia.

Nesse sentido, Rüsen acrescenta que, ao concentrar esforços para a promoção da cientificação da história no século XIX, provocou-se um efeito. E qual efeito foi esse? O esvaziamento da didática em detrimento da metodologia da pesquisa histórica (Rüsen, 2006, p. 8). Ou ainda mais que isso, uma separação. Por sua vez, Circe Bittencourt, já na introdução do conjunto de artigos “O saber histórico na sala de aula”, diz que o conhecimento histórico escolar: “não pode ser entendido como mera e simples transposição de um conhecimento maior, proveniente da ciência de referência e que é vulgarizado e simplificado pelo ensino” (Bittencourt, 1998, p. 25). A partir da leitura desse texto, já aqui no mestrado, é impossível não destacar, para os alunos, na minha prática docente cotidiana, que o que fazemos não é a mera simplificação ou vulgarização da história como conhecimento científico, mas sim uma apresentação, ou, por vezes, uma ressignificação, intencional ou não.

Ainda neste âmbito, pesquisa-ensino, academia-sala de aula, entendo que, duas importantes pontes foram construídas para essa relação: os programas Pibid e Pibic. O primeiro, ao estimular estudantes de graduação a praticarem as técnicas e conhecimentos produzidos e aprendidos na universidade, nas escolas públicas. O segundo, aliado ao fundamento da extensão universitária, ao levar a produção científica até os estudantes da educação básica das escolas públicas (Melo; Lyra, 2020).

Enquanto professor, há 6 anos fui apresentado a outra importante ferramenta: a Olimpíada Nacional de História do Brasil, produzida pela Unicamp. A prova apresenta diferentes visões sobre a história do Brasil e percorre vários períodos com questões necessariamente alicerçadas em documentos históricos textuais e imagéticos. Por exemplo, ao refletir sobre quem são os sujeitos historicamente excluídos, a prova tem grande relevo para a construção da consciência crítica por parte do aluno, ou nas palavras de Maria Auxiliadora Schmidt, analisando Rüsen, reforçaria “a relação dialógica entre a cultura histórica e a cultura escolar” (Schmidt, 2012, p.77).

Durante a graduação, não me recordo de ter acontecido uma formação ou um debate mais específico sobre as obras didáticas que iriam ajudar o ensino-aprendizagem na futura prática docente. Aparece então, outro problema, revelado por Marieta de Moraes e Renato Franco, no artigo “Desafios do ensino de história”, que versa sobre a produção de materiais didáticos. Estes trazem imposições do mercado e limites de abordagem, como mostrados nos ataques à coleção “Nova história crítica”, de Mário Schmidt (Ferreira; Franco, 2008). Para além da produção, outra questão surge: a devida atualização dos professores para a utilização dos

materiais didáticos que trazem novos recursos e abordagens. Um duplo problema, visto que o professor, um dos pilares da educação, no Brasil não é tratado com a devida importância. É como se a bagagem teórica do professor não fosse importante, e a erudição maior ou menor não tivesse serventia. Ou seja, os estudos, a atualização e a formação continuada restringem-se à formalidade da lei, sendo o professor desencorajado de todas as formas possíveis a continuar estudando e pesquisando.

Enquanto erramos no diálogo entre academia, educação escolar e produção de materiais didáticos, corre-se o risco da apresentação estanque de duas áreas do conhecimento. Nas palavras de Marieta de Moraes e Renato Franco seria o divórcio entre a produção de uma história dita “científica” e o de uma história dos manuais escolares. Ainda sobre o tema, segundo Rüsen, a didática da História não pode jamais ser vista como

uma disciplina que faz a mediação entre a história como disciplina acadêmica e o aprendizado histórico e a educação escolar. Assim, ela não tem nada a ver com o trabalho dos historiadores em sua própria disciplina. A didática da história serve como uma ferramenta que transporta conhecimento histórico dos recipientes cheios de pesquisa acadêmica para as cabeças vazias dos alunos (Rüsen, 2006, p. 8).

Na visão do autor, isso seria grave equívoco pois falharia duplamente, primeiro na tarefa básica de combater os problemas cotidianos do ensino-aprendizagem e educação histórica, e segundo ao limitar ideologicamente a atuação do professor-historiador.

Em minha experiência como professor, entendo que a separação entre didática da história e pesquisa histórica provoca outro grande problema: A falta de perspectiva dos alunos do ensino médio para ingressar na universidade, sobretudo os da rede pública. É como se existisse um abismo mental que os separa, ou como se o conhecimento produzido na universidade fosse completamente desconectado de sua realidade, ou não fosse algo alcançável para o seu grau de conhecimento e fizesse parte de um mundo paralelo. Desta forma, o mundo acadêmico seria distante, praticamente inacessível.

Por tudo isso, a proposição de Sequências Didáticas – base para um projeto futuro de um caderno de estudos de educação étnico-racial – revela um esforço pedagógico e de pesquisa científica sobre parcela invisível ou pouco conhecida da história de Itabaiana, encaixa-se como alternativa para conhecer as contribuições dos estudos das relações étnico-raciais. Assim, pretende-se estimular o lado problematizar dos alunos. Provocá-los. Instigá-los para a busca do conhecimento. Fazer-lhes revelar sua consciência histórica. Por que esta parcela da população seria menos importante para não merecer nenhuma menção? O que se relaciona à construção do mito de que Itabaiana é formada por pessoas brancos? Onde estão os negros, indígenas e caboclos de Itabaiana? Qual capítulo da historiografia estabelecida é reservado a esses grupos?

Nosso objetivo, ao trazer à luz do conhecimento histórico uma nova perspectiva para a formação da cidade, com a participação de uma comunidade remanescente de mocambo, é levantar uma importante questão, a saber: É possível a revelação de outras histórias de Itabaiana. Uma Itabaiana plural. Histórias de uma Cidade que se formou também por caboclas e caboclos pobres, paneleiras, sapateiros, feirantes, bodegueiros e pataqueiros.²

Para alcançarmos esta pluralidade, faz-se necessário a construção de uma educação integral, que aborde os conteúdos diretamente conectados à formação para a cidadania. Os múltiplos aspectos da cidadania, oxigenam a vida democrática e vice-versa. Os dois conceitos complementam-se e interagem na sala de aula. No texto “Reflexões sobre o ensino de História”, Circe Bittencourt reflete sobre os caminhos percorridos pelo ensino de História no Brasil e as encruzilhadas trazidas com as transformações curriculares (Bittencourt, 2018). Mesmo com alguns entraves, tomamos, com certo atraso, o caminho de muitos países ocidentais, no pós-guerra, que buscou “desenvolver, (nos alunos) as capacidades intelectuais e afetivas necessárias para esta forma de construção política democrática” (Laville, 1999, p. 152).

Para todo professor de história isto deve ser um pilar, sobretudo para trazer o entendimento de democracia e cidadania calcados na pluralidade de perspectivas, ou seja, não são fórmulas prontas e acabadas, são construções, tal qual o discurso histórico. Em resumo, a cidadania e a democracia residem na consciência plena do exercício dos direitos civis, políticos e sociais, sob perspectiva ativa e transformadora. Nas palavras de Jaime Pinsky:

Ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais (Pinsky, 2003, p. 9).

É possível que, ainda assim, no transcurso da construção desse ambiente histórico democrático, surja outro dilema — como o apontado por Arthur Lima de Ávila em “*A quem pertence o passado norte-americano?*” (2015), ao mostrar a intenção de determinados setores em manter uma narrativa sempre amistosa e estável, com o devido espaço para seus heróis. A proposta de reforma curricular para o ensino de história nos Estados Unidos, *National History Standards* (NHS), provocou a revolta de setores conservadores da sociedade americana. A

² Segundo Câmara Cascudo, pataca foi uma moeda colonial cuja circulação perdurou por muito tempo mesmo após a independência (Cascudo, 2001, p. 684). Logo, pataqueiro era o trabalhador que fazia qualquer atividade para receber alguma remuneração. Ele estaria disponível para realizar serviços gerais e esporádicos, sendo remunerado por “meia-pataca”, ou “qualquer pataca”.

mesma pergunta podemos fazer: “A quem pertence o passado de Itabaiana?”, e chegamos à conclusão de que devemos construir uma história vista de baixo, das classes populares e subalternizadas.

Esta carência é reveladora da necessidade de ampliação do conceito de cidadania como o entendimento do reconhecimento da amplitude do conjunto de lutas para conquistas de direitos, bem como as lutas que seguem para a sua manutenção, aponta Cruz (2019). Logo, estas lutas são feitas por diferentes atores sociais que devem ter o seu espaço na História e na construção da identidade local, sepultando a ideia de que o transcorrer do passado seria fruto da vontade de grupos específicos. Nesse sentido, a proposta de um Recurso Educacional Aberto (REA) produzido a partir de SD busca revelar outros sujeitos, narrativas e temporalidades históricas.

Nesse sentido, um outro constructo de Rüsen nos traz revelações, quando diz que na guinada metodológica da História do final do século XX, os historiadores “ao fazê-lo, levantaram importantes questões referentes à tarefa básica da cognição histórica e da função política dos estudos históricos” (Rüsen, 2006, p. 10). Entendo que a tarefa básica da cognição histórica seria esclarecer sobre a dialética da luta de classes. A função política da história deve revelar a opressão e apontar para os caminhos da justiça social. Ora, então a pesquisa sobre grupos marginalizados ou pouco estudados, confrontaria o pensamento de uma história de Itabaiana homogênea, coesa e branca, sem conflitos. A própria configuração geográfica inicial do ambiente urbano revela um conflito, visto que o Tabuleiro dos Caboclos nasce como comunidade afastada da área central da cidade.

Já sobre a atividade do professor, ao criticar os modelos dos antigos cursos de graduação em História, Elza Nadai (1984), Marieta de Moraes Ferreira e Renato Franco (2008) convergem para o pensamento de que seu papel não pode ser apenas o de um transmissor de conhecimento, mas sim de um fomentador de sua busca. Logo, ao apresentar a produção científica da humanidade o professor também deverá fornecer as ferramentas para que os alunos construam o conhecimento histórico.

O domínio destas ferramentas qualifica e empodera o professor. Críticas de documentos e fontes, contextualização, temporalização e didática, são fundamentais para superar os desafios que aparecem todos os dias na sala de aula. Nesse sentido, a trajetória do ensino de História no Brasil e os ensinamentos suscitados por esse legado conectam-se à construção de um bom professor de História, passando por uma sólida formação teórico-metodológica, por uma carreira profissional valorizada, com remuneração digna, tempo adequado para descanso e condições efetivas de formação continuada.

Nos novos terrenos das batalhas da história escolar, a formação teórica do professor é a base para enfrentar os desafios e os ataques da extrema-direita que confundem, desinformam e distorcem valores. E que tentam colocar no mesmo balaio o senso comum, a desinformação e a desqualificação da ciência. O bom professor de História, portanto, deve ter preparo e coragem para separá-los.

2.2 O ensino de história sob perspectiva antirracista

No intuito de estender diálogo permanente com a escola básica, o Programa de Pós-Graduação stricto sensu ProfHistória, apresentou 31 produções sobre a temática de educação para as relações étnico raciais. O levantamento foi realizado no artigo “*Vinte anos da Lei n. 10.639/2003, a produção do ProfHistória e a formação continuada de professores(as)*”, de autoria de Wilma Coelho, Nicelma Brito e Felipe Cruz, e corresponde às primeiras produções do programa, entre 2016 e 2022, tendo em vista os 20 anos da lei 10.639, em 2023 (Coelho; Brito; Cruz, 2023).

O artigo destaca, tanto as contribuições para a formação continuada de professores, como a importância dessas produções para a consolidação da temática afro-brasileira no ensino de história. Neste ponto, acreditamos que a temática não pode ser apêndice, nota de rodapé, algo que seria feito pontualmente ou isoladamente, mas sim algo central, de forma a permear todo o ambiente escolar do ensino de história. O Recurso Educacional Aberto (REA) proposto neste trabalho, apresentado na seção quatro sob a forma de Sequência Didática (SD), segue este propósito. Neste sentido, foi realizada a opção por relacioná-lo à primeira unidade e ao primeiro capítulo dos anos iniciais do ensino fundamental II. Isto, para servir de ponto de partida na construção do ensino-aprendizagem, ao demandar que a temática já esteja presente desde o primeiro capítulo, desde o primeiro contato do aluno com a essência do saber historiográfico, nas aulas de introdução à história.

O levantamento das pesquisadoras Wilma de Nazaré, Nicelma e Felipe, aponta para um recorte de quatro produções de Sequências Didáticas (SD). Duas delas se propõem ao trabalho crítico da branquitude, “Entre o visível e o invisível: a branquitude e as relações raciais nos conteúdos curriculares de ensino de história” (Coelho; Brito; Cruz, 2023, p.125).

A outra é “A História da África e dos afrodescendentes vai à escola: a Lei 10.639/2003 e os saberes docentes”, de Rui Leon Aenlle, visando a compreensão da maneira que o ensino de História da África e dos afrodescendentes vem sendo ensinado, a dissertação produziu

pesquisas com professores de História da educação básica e suas práticas e visões sobre a efetivação da lei 10.639. Ao final, o autor apresentou Sequências Didáticas voltadas à trajetória de personagens específicos, na alçada da micro-história, para o entendimento do contexto escravista mais amplo. Com temas e métodos variados, forjados por suas experiências como professor, mas sem ligação direta com as pautas levantadas pelos entrevistados (Corrêa Junior, 2018).

Uma outra, desfila com o título “Samba-enredo e trajetórias negras: uma proposta de sequência didática para o Ensino de História e Cultura Afro- brasileira”, de Lourival Mendonça Silva Junior (2020), que objetiva “permitir aos alunos a produção de conhecimento histórico a partir de uma sequência didática ancorada por uma pesquisa sobre a história das escolas de samba desde a década de 1920 e dos sambas-enredo de temática afro até hoje” (Coelho; Brito; Cruz, 2023, p.125).

Nas considerações prévias da construção da Sequência Didática, o autor considerou:

Muitos desses elementos serão sintetizados e transformados em textos de apoio a alunos e professores e algumas novas referências serão adicionadas, a fim de tornar os sambas-enredos selecionados objeto de análise, reflexão e pesquisa para o ensino de História, tendo como finalidade contribuir para o trabalho docente com temáticas relacionadas ao ensino de História e Cultura afro-brasileira (Silva Junior, 2020, p.122).

Esta reflexão se assemelha com a proposta do nosso trabalho. Acreditamos que, ao promover críticas a branquitude itabaianense, ao se propor a falar sobre o Tabuleiro dos Caboclos, sobre as Paneleiras e sua invisibilidade histórica, foram criados subsídios que contribuem para o fazer docente, para o ensino de História e Cultura afro-brasileira, sobretudo na seara da educação étnico-racial.

Uma dissertação mais recente do ProfHistória, de autoria de Edicarlo Alvino da Silva (2025), intitulada “Ensino de História e a implementação da Lei 10.639/2003: uma análise do tema em livros didáticos”, examinou como os livros didáticos de História concebem - ou deixam de conceber - conteúdos relacionados à história e cultura afro-brasileira. O estudo evidenciou avanços e lacunas na efetivação da lei no material escolar, analisando livros didáticos do ensino médio e sinalizando por uma demanda crescente de mais recursos educacionais voltados para a questão étnico-racial. Portanto, especialmente em circunstâncias de maior debilidade dos livros didáticos sobre a temática, o REA pode ampliar o raio de ação de professoras e professores.

Com o auxílio da autora Sueli Carneiro, em sua tese de doutorado, “A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser” (2005), consegui compreender melhor este

problema e seu contexto, especialmente na área educacional. A autora expõe que a deslegitimação de saberes e práticas dos povos subjugados aconteceram de maneira imbricada a uma desqualificação pessoal destes, seja como produtores, ou também como difusores de conhecimentos.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes (Carneiro, 2005, p. 97).

Desta forma são processadas três mortes: A primeira acontece com a negação do Ser. A segunda com a negação dos saberes do Ser. A terceira morte, uma consequência terrível das duas primeiras, se reproduz no contexto educacional. A autora fala sobre o epistemicídio nas escolas, alertando para a reprodução de práticas sistemáticas de silenciamento e apagamento das culturas e saberes afro-brasileiros no sistema educacional brasileiro. É desta forma que se constitui a configuração de um verdadeiro “epistemicídio”, ou seja, a morte dos conhecimentos de matriz africana dentro da escola (Carneiro, 2005, p. 102).

Ao invés de servir de espaço de valorização da diversidade cultural, a intelectual negra nos mostra que a escola historicamente justificou e reforçou hierarquias raciais e o eurocentrismo (Carneiro, 2005, p. 104). Isto é revelador da necessidade urgente de revisões no processo educacional brasileiro e este trabalho busca servir a tal propósito. Reafirmando o pensamento de Carneiro (2005), a autora Nilma Lino Gomes, alerta para outro grave problema: O reconhecimento do racismo nas escolas, mas a fuga do tema-problema. Reconhecer, mas não fazer nada passa longe de ser remédio.

Há professoras e professores não negros que escamoteiam o seu preconceito, adotando diferentes estratégias para negar o racismo e não se posicionar diante de práticas discriminatórias na escola e na universidade. Existem, também, professoras e professores negros que, para evitar o confronto diante de situações de discriminação racial, mostram-se temerosos, escolhem não se expor, diluindo os conflitos raciais, fingindo não os enxergar, fugindo do debate quando são chamados para falar do seu lugar como professor (a) ou pesquisador (a) negro (a). E, há docentes negros e não negros que indagam, questionam, partem para a ação, realizam projetos pedagógicos, pesquisa, extensão, internacionalização e reconhecem o protagonismo do Movimento Negro, atuando em uma perspectiva antirracista e emancipatória” (Gomes 2021, p. 445).

A necessidade de saída do estado de letargia envolve alternativas didáticas, como a proposta neste trabalho. O Tabuleiro dos Caboclos, hoje nomeado bairro São Cristóvão é um

território negro, ocupado de modo ancestral por pessoas pretas e pardas em Itabaiana. Neste sentido, as turmas de sextos anos da escola estadual da comunidade pedagogicamente devem ser instigadas a interpelar este passado próximo, sensível e presente.

Assim, na busca pelo diálogo com as produções do programa ProffHistória, conectei-me a uma dissertação com profunda similaridade: “As Marias da Conceição: Por um Ensino de História Situado, Decolonial e Interseccional” (2018), de Carla Moura. A professora propõe um ensino de história situado, que promova intervenções antirracistas. No trabalho, os alunos reinterpretaram fontes históricas ligadas aos bens culturais com significado de patrimônio para a comunidade. Os alunos e alunas produziram diários de campo e um documentário sobre a história das mulheres da comunidade – As Marias da Conceição.

Isto me inspirou para a necessidade de abertura de espaços para o protagonismo dos estudantes no REA. A aprendizagem decorre de um processo mental que envolve os sujeitos à sombra de sua realidade. Eles devem fazer. Reinterpretar, ressignificar, reprocessar. Sigo ancorado nas palavras de Paulo Freire, em *Pedagogia como prática da liberdade*:

Estávamos, assim, tentando uma educação que nos parecia a de que precisávamos. Identificada com as condições de nossa realidade. Realmente instrumental, porque integrada ao nosso tempo e ao nosso espaço e levando o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito (Freire, 1967, p. 106).

As Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos e as mulheres da Vila Maria da Conceição são as pessoas de carne e osso que fizeram história nas suas comunidades. Estas trajetórias revelam uma conexão histórica profunda. Ao conhecerem essas Histórias, passado, presente e futuro se entrelaçam em reforço ao sentimento de pertencimento, na forja de identidades juvenis.

3 – OS MOCAMBOS NA FORMAÇÃO DE ITABAIANA

3.1 O Tabuleiro dos Caboclos

A ocupação do território sergipano pela conquista do colonizador português dar-se-á pela necessidade estabelecer um acesso entre as faixas de terra próximas a áreas litorâneas que ligariam as duas principais regiões produtoras de açúcar, Bahia e Pernambuco (Santos, 1984, p. 9). Em torno deste objetivo, foi preciso combater ou catequizar os povos indígenas, afastar a presença francesa e expandir a criação de gado – atividade que daria suporte para o desenvolvimento da empresa açucareira (Freire, 1891).

Após a violenta tomada de terra ocorrida entre os séculos XVI e XVII, a povoação começou com a doação de sesmarias aos que combateram os indígenas junto ao conquistador Cristóvão de Barros (Freire, 1906, p. 282). Como apontam Maria Nele dos Santos e Felisbello Freire, a ocupação do território sergipano para fins de exploração portuguesa, deu-se pela criação de gado. Prova da importância dessa atividade já no século XVII, foi a Rebelião dos Curraleiros de 1656 (Bispo, 2022), contra São Cristóvão e o governo português na Capitania da Bahia, como afirmou Felisbello Freire: “A criação do gado era a profissão dominante nesses tempos. Verifica-se aqui uma lei geral da marcha das civilizações. Antes do sergipano ser lavrador, foi pastor” (Freire, 1891, p. 146).

Décadas depois, já no final do século XVII, no âmbito político e administrativo ocorreram a elevação à condição de vila, em 20 de outubro de 1697, e do estabelecimento da câmara de vereadores (Carvalho, 2009, p. 145). O século XVII marcou uma série de acontecimentos. No campo das lendas, o mito de fundação de Itabaiana, teria sido fruto do relacionamento de um soldado francês com uma indígena, a concepção da figura de Simão Dias Francês, o primeiro itabaianense (Carvalho, 2009, p. 54).

No campo religioso, a construção da Igreja Velha, provavelmente edificada nas décadas de 1620 ou 1630 (Menezes, 2024). A constituição da Irmandade das Almas do Fogo do Purgatório da Capela de Itabaiana, em 1665 (Carvalho, 2009, p. 222). Sobre a Irmandade das Almas, Carvalho destaca, entre outros aspectos, a referida Irmandade como resultado de “65 anos de presença branca em suas terras, se reproduzindo, se multiplicando, até se constituir um punhado de pessoas que, pelo número e grau cultural, exigiam uma sociedade que os reunisse e lhes concedesse força e exigência jurídica” (Carvalho, 2009, p. 95).

A coesão jurídica citada por Carvalho está associada aos outros acontecimentos nos âmbitos administrativo e jurídico: A criação da freguesia de Santo Antônio e Almas de

Itabaiana, em 30 de outubro de 1675 e a criação da vila, que foi levantada pelo Ouvidor D. Diego Pacheco de Carvalho, em 1698, sob a denominação de Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana (Santos, 1984, p. 26).

Com o desenrolar desses acontecimentos no século XVII, temos a gênese de Itabaiana. A sedimentação desse processo se deu nos séculos seguintes, como apontado por Felisbello Freire, na primeira metade do século XVIII, o qual destaca que já estavam devidamente constituídas as câmaras municipais e que desde “1727 havia as câmaras de S. Christovao, Santa Luzia, Lagarto, Itabaiana, Villa Nova e S. Amaro, representando os respectivos municípios” (Freire, 1891, p. 181).

Na seara religiosa, a construção da Igreja Velha foi grande marco da colonização, edificada entre as décadas de 20 ou 30 do século XVII, na povoação primeira do Arraial de Santo Antônio. O arraial de Santo Antônio e a Igreja Velha ficavam onde hoje é o povoado Agrovila, a seis quilômetros da sede do município de Itabaiana (Menezes, 2024, p. 114).

A constituição da Irmandade das Almas do Fogo do Purgatório da Capela de Itabaiana, em 1665, mostra que o movimento colonizador seguia trabalhando intensamente (Carvalho, 2009, p. 222). Ela comprou o terreno da Caatinga Aires da Rocha Peixoto, ao vigário de São Cristóvão, Sebastião Pedroso de Goes, com o compromisso de erguer, em 10 anos, a nova igreja no local. A Igreja Matriz foi construída neste terreno, onde hoje fica o centro de Itabaiana, abandonando-se a povoação anterior, denominada Igreja Velha.

A respeito, o pesquisador e professor Wanderley Menezes, explica que a intenção inicial era construir o novo templo invocando o santo protetor da Irmandade, São Miguel Arcanjo. Todavia, para desmobilizar o antigo Arraial de Santo Antônio e impulsionar o novo lugar de povoamento, decidiu-se que o novo templo reservasse a fé a Santo Antônio, bem como incluísse a Irmandade, no nome e na fé. No nome “Almas”, em Igreja Matriz de Santo Antônio de Almas de Itabaiana. E na fé, ao colocar, no altar-mor da nova igreja, até os dias atuais, a imagem de São Miguel à esquerda de Santo Antônio (Menezes, 2024, p. 123).

São Miguel Arcanjo, figura central como padroeiro da Irmandade das Santas Almas do Fogo do Purgatório de Itabaiana, era um santo ligado à função de combate, guerreiro que aludia à mentalidade medieval para proteger os cristãos, invocado em batalhas (Dillmann, 2015, p.4). Enquanto que, Santo Antônio, além da fama de casamenteiro, também ficou conhecido como protetor dos militares. Apesar de ter sido pacifista em vida, após a morte, sua imagem foi requisitada durante aperreios em batalhas, primeiro em Portugal, depois no Brasil (Veiga, 2021, p. 161).

Aqui em terras brasileiras, a afirmação da colonização portuguesa também se faria alicerçada na fé em Antônio. O espírito belicoso da Reconquista lá, chegaria para extermínio aqui. No livro “Santo Antônio: A história do intelectual português que se chamava Fernando, quase morreu na África, pregou por toda a Itália, ganhou fama de casamenteiro e se tornou o santo mais querido do Brasil”, Veiga (2021, p. 163) afirma: “Antônio entrou oficialmente para guardas brasileiras ainda antes do que na metrópole. Seu primeiro posto militar teria sido como soldado na Bahia, em 1595”.

Seja com Santo Antônio, na povoação inicial que carrega seu nome, seja com São Miguel Arcanjo, uma fé guerreira amalgamou o primeiro impulso de ocupação da terra por parte do elemento ibérico. Passando por todas essas etapas da colonização e relacionando-se ao potencial de proteção militar dos dois santos, nos chama atenção, uma afirmação que Felisbello Freire fez sobre a Capitania de Sergipe, em 1668. Ele afirmou que a capitania foi dividida em distritos militares e Itabaiana era um deles. Isto se fez junto à formação de outros distritos: Rio Real, Lagarto, Cotinguiba e Japaratuba e teve a intenção de promover proteção aos núcleos populacionais que se formavam e para combater a formação de quilombos (Freire, 1906, p. 298). Desta forma, um santo protetor dos soldados e forças policiais seria o ideal para fortalecer as tropas nos combates ou mesmo na demonstração de força para garantia da colonização. Era preciso combater os mocambos.

Nos tempos coloniais e também no período monárquico, o território era muito maior do que é hoje. Itabaiana era um vasto território entre os rios Sergipe, mais ao norte, e Vaza-barris ao sul. Na divisa oeste iria até encontrar as terras de Jeremoabo. A leste, passando a Serra, encerraria até encontrar as terras de São Cristóvão (Vide mapa 06, abaixo).

Mapa 06: Divisas originais de Itabaiana até o início do século XIX. O mapa mostra os municípios que já fizeram parte da “Itabaiana Grande”.



Fonte: Acervo de José Almeida Bispo.

O território sofreu muitas perdas ao longo dos anos, sobretudo no século XIX, mas ainda no século XX. Com a emancipação de Laranjeiras em 1832, perdeu-se Riachuelo; Com a emancipação de Itaporanga, em 1854, perdeu-se a parte que hoje é daquele município, no lado esquerdo do vale do Vaza-Barris; com a emancipação de Riachuelo, em 1874, perdeu-se Malhador, e em 1878 perdeu toda área sacarífera restante para Laranjeiras, a leste da Serra Comprida; e para Nossa Senhora das Dores, a parte entre o rio Sergipe e Moita Bonita, e também São Miguel do Aleixo (Bispo, 2013, p. 128).

Em 1890, o desmembramento de Carira levou junto o território de Frei Paulo; em 1896, perdeu Santa Rosa de Lima; em 1912, perdeu os territórios de Campo do Brito com Macambira, seguidos de São Domingos, Pedra Mole e Pinhão; em 1933, perdeu Ribeirópolis com Aparecida. Por fim, em 1963, Moita Bonita e Areia Branca (Bispo, 2013, p. 128).

O conjunto de tais evidências, ressaltadas por Maria Nele dos Santos (1984, p.26) e Felisbello Freire (1906, p. 298), nos permite conceber que, para a formação do núcleo de colonização de Itabaiana, existiu desde cedo a preocupação dupla: Impulsionar a ocupação por pequenos sitiantes, muitos deles criadores de gado, além de impedir a proliferação de negros escravizados fugidos que formavam mocambos nas cercanias da Serra de Itabaiana.

No território que restou, a toponímia e a constituição étnica de vários povoados de Itabaiana sugerem associação de ajuntamento de pessoas que fugiam da escravidão. Os povoados Barro Preto, Carrilho, Taboca e Dendezeiro, entre outros, por exemplo, apresentam forte presença de populações negras e pardas. O povoado Dendezeiro ainda carrega o nome de uma palmeira de origem africana, muito comum em florestas da África Ocidental e Central (Castañeda, 2022).

Já o povoado Carrilho, guarda, ironicamente, o nome do seu almoz. Certamente queria cantar uma vitória nunca alcançada, pois, ainda hoje, o fenótipo de seus habitantes revela suas origens. O povoado é constituído de muitos pretos retintos, cujos antepassados resistiram aos ataques de Fernão Carrilho, segundo aponta Abdias Nascimento, no trecho de “O Quilombismo”:

Vários quilombos de Sergipe merecem referência sobretudo pela adoção eficaz da tática de guerrilhas. Aliás, em Sergipe, antes de 1690, o governo já se empenhava no combate aos guerreiros quilombolas; investiram a Fernão Carrilho para a tarefa de destruir aqueles insurgentes no território (Nascimento, 1980, p.56).

Atualmente, o povoado é reconhecido pelo beneficiamento de castanha de caju. A castanha e o povoado tornaram-se patrimônio imaterial de Sergipe em 2017, sob o simplório, lacônico e burocrático título “Castanha de Caju do Povoado Carrilho, localizado em Itabaiana/SE, Patrimônio Imaterial do Estado de Sergipe” (Sergipe, 2017). A ancestralidade negra do local, mais uma vez, oficialmente, foi silenciada.

Segundo Maria Nele dos Santos, o povoamento se fazia mais por sitiantes em lavouras de subsistência e criação de gado, do que por engenhos. Porém, a presença de escravizados era marcante, conforme registrada por inventariantes de 1728 a 1793. Dos onze inventários analisados, somou-se 82 escravizados e apenas um não mencionou possuir, o que prova a presença da mão-de-obra negra e indígena mesmo em lavouras de menor rentabilidade (Santos, 1984, p. 28). Desta forma, a existência das comunidades negras rurais, hoje povoados e antigo Tabuleiro dos Caboclos, atual bairro de São Cristóvão, sugere que o processo de ocupação do território ocorreu em paralelo aos outros sitiantes inseridos à colonização portuguesa.

Maria Nele ainda aponta para uma população geral em Sergipe estimada em 132.640 habitantes, sendo 100.192 livres e 32.448 escravizados. Dentro destes números, Itabaiana ocupava:

quarto lugar entre as vilas mais populosas e o sexto em relação ao número de escravos, ou seja, 6,0 % e 4,8% respectivamente. Numericamente correspondiam a 7.879 habitantes: sendo 6319 livres e 1560 escravos (Santos, 1984, p. 105).

Um rico panorama sobre a presença africana em Sergipe, foi traçado pela professora e pesquisadora Joceneide Santos (2014) em sua obra *Negros(as) da Guiné e de Angola: Nações Africanas em Sergipe (1720-1835)*. A vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana contribuía com números significativos do quantitativo de negros, sejam africanos ou os já nascidos por estas terras. Inventários *post-mortem* e testamentos analisados pela pesquisadora, apontaram, até 1800, para 57 homens e 43 mulheres de diversas nações africanas. Nascidos aqui, crioulos e mestiços, 66 homens e 57 mulheres (Santos, 2014, p. 171). No entanto, os índices comparativos entre africanos e escravizados nascidos aqui, na verdade eram menores “devido aos senhores de engenho da Povoação de Laranjeiras que fizeram seus inventários em Itabaiana” (Santos, 2014, p. 169), ficando mais próximo da porcentagem de Lagarto, por ter situação econômica semelhante.

Entre 1821 e 1835, os inventários *post-mortem* e testamentos revelaram 37 homens e 29 mulheres africanas. Nascidos no Brasil, 46 homens e 43 mulheres. Estes números, somados a população preta e parda livre ou aquilombada da região, ajudam-nos a entender como surgiram comunidades negras rurais em Itabaiana. No entanto, a tese vai muito além da quantificação, revela-nos a criação de espaços de resistência e sociabilidade imbricados nas relações de compadrio e batizados, casamentos e irmandades.

Wladimir Carvalho expõe que Cypriano de Almeida Sebrão apresentou à Assembleia Provincial, em 1873, relatório apontando para a presença de 3295 trabalhadores escravizados matriculados nas estações da Fazenda Geral, frente a 154 livres. Esse quantitativo colocava a Vila de Itabaiana em segundo lugar no Estado, atrás apenas da Vila de Capela, com 3471 e 131 livres (Carvalho, 2000, p. 23). Por tudo isso, a presença negra em Sergipe, em especial em Itabaiana, contribuiu decisivamente para a formação cultural do estado.

A constituição do Tabuleiro dos Caboclos, fez-se mais próxima da cidade. Uma comunidade negra rural que não poderia existir, mas que escolheu resistir. Venceu o tempo e foi engolida pela zona urbana. Transformou-se em quilombo urbano e, por isso constituiu-se no desprezo e esquecimento, que teve sua memória sistematicamente apagada, como um projeto das elites, conforme ressalta Abdias Nascimento: “No sentido de apagar da lembrança do afro-brasileiro a horripilante etapa histórica brasileira do escravagismo, a camada dominante no Brasil não tem poupado esforços” (Nascimento, 1980, p. 84).

3.1.2 O futebol e o Tabuleiro dos Caboclos

O futebol nasce em Itabaiana no Tabuleiro dos Caboclos. A prática do futebol e o surgimento da Associação Olímpica de Itabaiana tem relação umbilical com o bairro. Nele também foi construído o primeiro campo do clube, o Estádio Etelvino Mendonça. Até 1938, existiam duas agremiações, o Balípedo Club Santa Cruz, de azul e branco no uniforme, e Brasil Football Club, de vermelho e branco. A fusão incorporou não somente atletas, mas também as cores. Nascia tricolor o Botafogo Sport Club, que mais tarde se chamaria Itabaiana Sport Club. Somente no início da década de 1950 é que se consolidou o nome para a eternidade: Associação Olímpica de Itabaiana (Gois, 2010, p. 15).

Com o crescimento da prática do futebol na comunidade e da própria instituição Associação Olímpica de Itabaiana, exigia-se mais espaço. Neste sentido, em dezembro de 1950, o prefeito Jazon Correia assinou o decreto pleiteado pela Câmara Municipal, procedendo a doação de um grande terreno no início do bairro (Itabaiana, 2000).

Cresceu e popularizou-se. Depois dos títulos conquistados, as glórias e o reconhecimento chegaram. Agora, a construção de um moderno estádio de arquibancadas de concreto e refletores não poderia acontecer naquele espaço negro. A comunidade foi alijada da apreciação rotineira e próxima do clube que carregava o nome da cidade. Isto deve ter sido brutal. Logo, foi construído o então Estádio Presidente Médici, em 1971. A homenagem ao ditador, felizmente, caiu pelo decreto estadual assinado pelo governador Jackson Barreto (UOL, 2016). A praça esportiva foi renomeada pelo seu primeiro nome, Etelvino Mendonça. Este, grande incentivador da prática do futebol em Itabaiana, tendo inclusive trazido a primeira bola e promovido a primeira partida no final da década de 40. O desportista Etelvino Mendonça também foi prefeito em 1946, e vereador do município de 1947 a 1950 (Meneses, 2017; YouTube, 2019; Câmara Municipal de Itabaiana, 2026).

O futebol está na alma da comunidade e sua prática torna os finais de semana efervescentes. O grande clássico local é Ideal e São Cristóvão, mas com o crescimento do bairro outros times surgiram, como Real Invasão e Fumaça. Com grande presença de público por volta de todo o campo, como sugere a imagem abaixo em dia de agitado dérbi local entre Ideal e Fumaça, o futebol amador é muito significativo para a comunidade:

Figura 04: O futebol agita a comunidade aos domingos. No passado, uma bola mal chutada poderia quebrar as painéis armazenadas nos quintais.



Fonte: Fotografia registrada pelo próprio autor. Campeonato de futebol amador, 2025, Ideal x Fumaça.

Sobre a importância da prática esportiva, Samarone relata que os Pretos do Tabuleiro dos Caboclos eram habilidosos ceramistas e sapateiros. Mas além de exportar potes, panelas e purrões, a comunidade também produziu grandes atletas de futebol: “Os primeiros, que se destacaram no futebol, foram: Coringa, sobrinho de Divo Preto, que foi jogar na Bahia e Lima de Mané Padeiro, que brilhou no gol do Confiança” (Samarone, 2025).

Segundo o autor, o futebol jogado pelos Pretos do Tabuleiro dos Caboclos, trouxe destaque ainda para:

Tonho e Zé de Preta, filho do finado João Babão; Cosme e Damião, gêmeos, filhos de João Barraca, Augusto e Elisio, filhos do bodegueiro Zé Mapinguim; Turinha, sobrinho de Osano, Pai de Santo. Sem contar os Pretos importados de Maruim: Pierrô, Bonito e Seu Jorge (goleiro), (Samarone, 2025).

Outra evidência da importância dos atletas da região reside nas lamentações pela iminente perda do Atleta Tonho de Preta, pretendido pelo Clube Sportivo Sergipe (Góis, 2010, p.85). Os jornais da capital noticiavam freneticamente a evolução das negociações: “O presidente Miguel Valverde, acaba de oferecer ao Itabaiana, a importância de duzentos e cinquenta mil cruzeiros pelo liberatório do atleta Tonho de Preta” (Góis, 2010, p.85).

Tanto pelo fato de os primeiros passos do Clube terem sido dados nesse território negro, como porque muitos nascidos no bairro vestiram a camisa tricolor, não é possível dissociar a origem da prática do futebol, bem como da própria Associação Olímpica de Itabaiana ao Tabuleiro dos Caboclos, posteriormente nomeado de Cruzeiro, apelidado de Coréia e, por fim, renomeado de Bairro São Cristóvão.

O futebol amador sempre foi uma atividade de lazer importante no território do Tabuleiro dos Caboclos, sobretudo nos finais de semana. Os dois principais times eram o Ideal e o São Cristóvão, que protagonizaram grandes clássicos de parar o bairro. Vez ou outra, os veteranos que não faziam mais parte dos times principais, montavam times alternativos para continuar a prática em amistosos festivos, como o da imagem da figura 05.

Figura 05: A imagem abaixo é da década de 90 e mostra maioria de homens negros e pardos. Da esquerda para a direita, em pé: Carlos de Pirrô, Egnaldo, Orlando Brito, Tinho, Wesley, Clodoaldo, Carlos, Véio e Cotó. Agachados: Ricardo, Lô, Carlinhos, Almir, Sandro, Gilvan e Cotó-filho



Fonte: Acervo pessoal do pai do autor, Almir. O quarto agachado, de bigode.

3.2 A invisibilidade do negro em Itabaiana

A cidade de Itabaiana é apresentada como uma cidade de brancos, católicos e ascendência ibérica. Provas disso estão nas palavras de escritores locais, que carregam na tinta ao apontar a ascendência europeia, ao mesmo tempo em que inferiorizam as contribuições de outros grupos étnicos. Isto começa com a reafirmação da identidade de Simão Dias Francês. O fruto de um relacionamento entre um soldado francês desgarrado e uma indígena, não seria um mestiço? Um mameluco? Um caboclo? Apesar disso, a historiografia tradicional sobre o município construiu e reforçou a ideia de um vaqueiro mítico, herói de sangue francês.

O jurista Wladimir de Souza Carvalho, em Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana, diz que, “O grande exemplo da mistura de um francês com uma índia é a presença de Simão Dias Francês, nascido em terras itabaianenses, na sombra de uma quixabeira, onde está erguida

a Igreja Matriz” (Carvalho, 2009, p. 54). Ao mesmo tempo em que se evoca o nascimento do primeiro itabaianense, este relaciona-se diretamente com a Igreja e a branquitude francesa. Carvalho sacramenta, a respeito que a “presença do elemento negro na formação do itabaianense é bastante diminuta” (Carvalho, 2009, p. 56). O autor acrescenta que o município teve pouca influência negra quer de

escravo domesticado, quer do escravo foragido. Registra-se apenas um aglomerado no antigo Tabuleiro dos Caboclos, já mencionado, assim mesmo mistura de negros e índios. No entanto, a pele escura ou morena de muitos denuncia a presença no sangue do escravo africano (Carvalho, 2009, p. 58).

Este autor, curiosamente ao mesmo tempo em que crava a “pouca influência do negro”, menciona o “aglomerado no antigo Tabuleiro dos Caboclos”, uma rele contraditória ou interpretação deliberada? Este seria o bairro mais antigo de Itabaiana, segundo outro autor, José de Almeida Bispo, em entrevista (Bispo, 2017). O mencionado autor em uma outra passagem destaca que a presença negra na formação étnica de Itabaiana é relativamente pequena, pois quando este grupo passou a influir

à área em que está assentado o município atualmente, o foi sob a forma de escravo fugido, logo recapturado; ou como escravo fixo. Contudo, neste caso, e por pouco tempo, já que seu ingresso ocorreu basicamente na era da expansão algodoeira, entre 1860 e 1880, e, já em 1875, grande parte deles havia sido vendida para outras províncias do Império, notadamente São Paulo [...] (Bispo, 2013, p. 27).

Há ainda espaço para outros autores reforçarem, para atestar a veia comercial, outras descendências: “No mais, nem os árabes, os ciganos ou o mais astuto dos judeus chega aos nossos pés. Também pudera, somos uma mistura dessas três descendências” (Mendonça, 2015, p. 34).

Entretanto, parece-me que a população negra além de fazer parte do processo de constituição étnica do município também cresceu. E foi um crescimento exponencial, superando o número de brancos, sejam eles descendentes de portugueses, franceses, holandeses, sejam ciganos de olhos azuis vindos do leste europeu. O censo de 2010 concluiu, por meio de autodeclaração, a seguinte composição étnica para o município de Itabaiana: 34.852 consideravam-se brancos, 4.186 pretos, 213 amarelos, 47.665 pardos e 51 indígenas, de um total de 86.967 habitantes. Nesse panorama, observa-se então, que a presença de pardos e pretos representava quase 60% dos itabaianenses (IBGE, 2011). A respeito, como é de conhecimento público, o critério do IBGE para classificação étnico-racial é feito por autodeclaração, ou seja, o entrevistado revela a percepção sobre sua etnia. Para fins estatísticos sobre o que é ser negro

no Brasil, somam-se pretos e pardos, conforme estabelece o Instituto brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013).

Já no censo de 2022 indicou-se que a população branca regrediu, tanto em números totais, como em porcentual. Por sua vez, pretos e pardos aumentaram nestes mesmos aspectos, somando 69.644 pretos e pardos, o que significa mais de 67% do total de habitantes. Vejamos: 33.565 consideravam-se brancos, 7.951 pretos, 119 amarelos, 61.693 pardos e 111 indígenas, de um total de 103.440 habitantes (IBGE, 2023). Cenário que revela não apenas uma mudança estatística, mas também uma reconfiguração quanto a identidade étnico-racial.

O gráfico abaixo serve bem a uma melhor visualização e compreensão da composição demográfica de Itabaiana. Ele mostra a predominância de pardos (59,6%), seguidos por brancos (32,4%), pretos (7,7%). Em proporções muito pequenas, amarelos (0,1%) e indígenas (0,1%).

Figura 06: Gráfico com a distribuição étnica de Itabaiana – Censo 2022



Fonte: Autoria do arquiteto e urbanista Wendel Paes da Costa (2025), respaldado nos dados do IBGE, Censo Demográfico 2022.

Aparece aí um novo retrato social mais amplo da identidade coletiva da população. O crescimento da autodeclaração de pretos e pardos reforça também a relevância das políticas públicas voltadas à valorização da diversidade étnico-racial e ao combate às desigualdades históricas. Ao mesmo tempo, evidencia que a composição demográfica do município

acompanhou tendências nacionais de reconhecimento das origens e pertencimentos culturais, visto que pela “primeira vez, o Brasil se declara mais pardo que branco; populações preta e indígena também crescem”, noticiou o portal de notícias G1 (2023).

O Tabuleiro dos Caboclos provavelmente nasceu no caldo de embranquecimento do século XIX. Quando havia a clara negação do negro, tanto cativo, como em liberdade, como aponta Clóvis Moura, quanto a semelhante “fato tem acontecido com a memória do negro-africano, vítima, quando não de graves distorções, dá mais crassa negação do seu passado histórico” (Moura, 1980, p. 247).

Abdias do Nascimento, reclamou em *O Genocídio do Negro Brasileiro*, que nós “os negros, temos sido forçados a esquecer nossa história e nossa condição por um tempo demasiadamente longo. Por que ficarmos quietos, silenciosos, e perdoarmos ou esquecermos o holocausto de milhões sem conta (...)” (1980, p. 21). Desta forma, temos uma dupla e brutal negação. Primeiro, ao negro, foi negada a liberdade – este serviria tão somente na condição de cativo. Segundo que, após a abolição, sua mão-de-obra foi preterida pela do branco - restou-lhe a exploração e o subemprego em condições parecidas de quando era cativo.

A trajetória do espaço escolar referenciado neste trabalho, também expõe o silenciamento de identidades negras. Inicialmente nomeado Monsenhor Mário de Oliveira Reis, depois renomeado para Maria da Conceição (Maria Pereira), em nenhum momento buscou-se ancorar identificação em sujeitos pertencentes à comunidade ou associada a significados étnico-raciais. O padre branco e a professora branca, que inclusive fez carreira em outra instituição, o Colégio Estadual Murilo Braga, nunca mantiveram nenhuma relação com a comunidade. Isto é mais uma prova do esmagamento cultural institucionalizado. Nas palavras de Sueli Carneiro, o perverso epistemicídio demonstra a:

existência de um dispositivo de racialidade/biopoder operando na sociedade brasileira como instrumento articulador de uma rede de elementos bem definida pelo Contrato Racial que define as funções (atividades no sistema produtivo) e papéis sociais, este recorte interpretativo localiza neste cenário o epistemicídio como um elemento constitutivo do dispositivo de racialidade/biopoder” (Carneiro, 2005, p. 96).

Muito antes de tudo isso ser processado, outro brutal epistemicídio aconteceu. O apagamento do antigo nome do local. O Tabuleiro dos Caboclos foi renomeado, ainda no século XIX, para Cruzeiro do Século. Isto aconteceu fruto da construção da Igrejinha, tendo à frente um cruzeiro, em foto mostrada no início desta dissertação (Carvalho, 2000, p. 35). A mudança final veio com a renomeação para bairro São Cristóvão, pela lei municipal nº 172, de 30 de junho de 1958 (Itabaiana, 1958).

No Tabuleiro dos Caboclos, as panelleiras, os sapateiros, os pataqueiros, bodegueiros e toda sorte de artesãos sobreviveram a esse contexto de exclusão como puderam, seja arrancando o barro com as próprias mãos e fazendo panelas, caçando, coletando, plantando ou vendendo. Contudo, suas histórias foram negadas e invisibilizadas.

A respeito, valemo-nos mais uma vez das reflexões de Abdias Nascimento, que nos apresenta o conceito de esmagamento e desaparecimento étnico. Evidências de uma suposta falta de registros oficiais dos pretos e pardos do Tabuleiro dos Caboclos, a renomeação da comunidade, a ausência de qualquer referência à memória ancestral negra e indígena local, bem como o reforço para a negação dos mesmos pela historiografia estabelecida.

3.3 O ofício das Panelleiras do Tabuleiro dos Caboclos

Lélia Gonzalez (2018, p. 321) nos mostra que “a cultura brasileira é predominantemente africana, pois se apresenta em tudo que é tido como brasileiro, desde o Carnaval à feijoada, até os mitos, lendas e festas populares”. Ainda assim, isto foi historicamente negado, como coloca em entrevista para o documentário da TV Cultura, “O Negro, da Senzala ao Soul”, a historiadora Beatriz Nascimento, no ano de 1977, ao dizer que:

A História do Brasil... Eu gostaria de dizer que uma frase de José Honório Rodrigues, que se tornou quase que uma afirmação geral, é que a “História do Brasil foi uma história escrita por mãos brancas”. Tanto o negro quanto o índio, quer dizer, os povos que viveram aqui, juntamente com os brancos, não têm suas histórias escritas, ainda (Nascimento, 2018 [1977], p. 195).

É a omissão dessa História a grande motivação para esta dissertação. É preciso confrontar a projeção de uma identidade galega itabaianense. Existem outras Itabaianas. Os povos originários ancestrais legaram saberes diversos que foram projetados por gerações e isso não pode ser esquecido. Segundo Geyza Muniz, “o ofício da moldagem do barro em panelas é um saber de tradição indígena, ao qual foram adicionadas novas técnicas, por africanos” (Muniz, 2012, p. 3). Essa mestiçagem é sugerida pelo próprio termo “Caboclos”, conforme aponta Marcio Antônio Both da Silva, em “Caboclos: as especificidades históricas e os diferentes empregos de uma palavra”, e descreve como, sob o ponto de vista racial “esse grupo já foi descrito como formado por pessoas que não são negras, brancas ou índias, mas mestiças” (Silva, 2004, p. 2).

Carvalho também apontava as origens negras e indígenas dos habitantes da localidade, porém, minimizava, apontando para uma “pequena população” e de pele “escura”, fixada no atual bairro Cruzeiro, antigo Tabuleiro dos Caboclos, representa o sangue indígena, misturado com o elemento negro, daí caboclos ou cafuzos, resultando nos

antigos habitantes do local, quase todos peritos na arte de fabricar potes, panelas e mais utensílios de barro, ali abundante, arte que os índios dominavam (Carvalho, 2009, p. 46).

Mas quem são os caboclos do Tabuleiro dos Caboclos? Antônio Samarone expõe que Sebrão, o Sobrinho, enxergou uma origem indígena dos Boymés (Samarone, 2026). De alguma forma esses saberes ancestrais negros e indígenas se misturaram. A mestiçagem de gerações criou no imaginário popular o “Caboclo”. A palavra “caboclo” designa, originalmente, o fruto da miscigenação entre brancos e indígenas. Entretanto, historicamente, o termo também passou a ser utilizado para se referir a comunidades negras e indígenas em diferentes contextos sociais e culturais. O Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome atribui ao termo para comunidades cujo “uso comum da terra e dos recursos naturais é uma das características marcantes dessas comunidades” (Brasil, 2024). Esse parece ser o caso das Panelas do Tabuleiro dos Caboclos, cuja sobrevivência foi, conforme a história, construída a partir dos recursos extraídos dos barreiros e da vegetação da região.

Na continuidade da definição, o órgão oficial encerra que “Trata-se de coletividades com forte relação com o território e com domínio de conhecimentos tradicionais aplicados à pesca, extrativismo e agricultura familiar, principalmente para autoconsumo” (Brasil, 2024). Logo, é plausível atribuir àqueles grupos humanos a sabedoria necessária para encontrar uma atividade econômica que garantisse a subsistência, daí a configuração: grande número de mulheres panelas e de homens sapateiros na comunidade- conhecedores dos barreiros da região - converteram esse recurso natural em sustento.

O termo caboclo é comumente evocado na religiosidade afro-brasileira, mas por uma questão temporal, acreditamos que não se relaciona diretamente à nomenclatura antiga da comunidade. A umbanda popularizou o termo no âmbito religioso no decorrer do século XX e a comunidade constituiu-se ainda no século XIX. Guardadas as devidas especificidades geográficas, culturais e históricas, é possível estabelecer certa aproximação com as panelas de Goiabeiras, no Espírito Santo. Assim como naquele contexto, a produção das panelas do Bairro São Cristóvão era realizada nos quintais das residências (Simão, 2008).

Sobre a feitura das panelas, a ex-paneleira Dona Irene (figura abaixo), nos prestou valiosas informações. Com fala serena e poderosa, Dona Irene nos informou que muitas casas tinham o espaço, no quintal, reservado para a feitura das panelas, porém, nem todas tinham forno. Logo, estes poderiam ser compartilhados, o que revela laços comunitários profundos.

Figura 07: Ex-paneleira Dona Irene. Hoje, uma rezadeira muito procurada



Fonte: Fotografia feita pelo autor em 2025.

As folhas das ervas ao chão, junto a cadeira branca à sua frente, denunciam a visita recente. Os pés no chão mostram a conexão com sua ancestralidade.

A ex-paneleira e hoje rezadeira Dona Irene, afirma-se católica. Contudo, não informou nenhum registro de participações coletivas das paneleiras na procissão de Santo Antônio. A devoção ao santo, segundo ela, manifestava-se de maneira individual e particular entre essas mulheres.

Sua atividade e condição de mulher negra, ex-paneleira e hoje rezadeira, revela-nos um catolicismo popular, não-oficial, fruto da mescla de elementos místicos, mágicos e sagrados, de seus antepassados negros e indígenas (Souza; Santos, p. 13). Por outro lado, esta mistura indica também que o catolicismo é apenas uma das formas de religiosidade popular existente. Segundo Gilson Azevedo e Carolina Lemos, “índios incorporaram elementos católicos em seu culto, orixás africanos foram substituídos por santos católicos e benzedeiras incorporaram rezas e preceitos do catolicismo oficial” (Azevedo; Lemos, 2019, p. 117).

Dona Irene e sua irmã Dona Dina, não conseguiram identificar nenhuma antiga paneleira fora do catolicismo. Isto foi confirmado pela minha tia-avó Bernadete Brito e por Dona Tereza de Zé de Chico (figura 12, p. 85). No entanto, a exceção se deve a Nega (Maria

José Santos de Jesus), a única paneleira que resiste ao tempo, mantendo todo o processo, desde a feitura dos artefatos de barro, até a venda nas feiras. Aprendeu o ofício com sua mãe, Dona Luíza (Maria Luíza Santos de Jesus), que por sua vez o aprendeu com Dona Zefa (Josefa Carmosina de Brito), minha bisavó materna. Inexoravelmente, reservou o destino à última paneleira em atividade, de liderar o terreiro Centro de Umbanda Oxóssi, localizado no povoado Cajueiro, em Itabaiana.

Segundo a narrativa de Dona Irene, uma etapa muito importante para a fabricação de panelas era a coleta dos torrões de barro. Esta atividade indicava a exploração de barreiros que existem na região. Muitos deles foram cavados tão profundamente que hoje são tanques que acumulam a água da chuva e permanecem com ela durante boa parte do ano. Outra etapa era a coleta de garranchos de madeira para alimentar os fornos e queimar as panelas. Essas etapas eram o divertimento da molecada. A exploração das matas para procurar barro e buscar lenha, era uma grande aventura.

Na imagem seguinte (figura 08), Valtenes, neto da paneleira Dona Bela, aponta para um antigo barreiro. Este, se transformou em tanque, “feito com suas próprias mãos e de muitos moleques da região” (Fala proferida por Valtenes, em 13 de junho de 2025). As matas que seguiam atrás das casas ao fundo da imagem, serviam para a coleta dos “garranchos”. Eram toda a sorte de troncos e galhos secos utilizados para queimar nos fornos, na última etapa da feitura das panelas.

Figura 08: Valtenes, filho de Paulo de Belinha (paneleira), aponta para um barreiro



Fonte: Fotografia feita pelo próprio autor em 2025.

Valtenes ainda nos mostrou outro barreiro (vide figura 09 abaixo). Disse haver dezenas na região, porém muitos soterrados pela construção de ruas e casas. Isso mostra, mais uma vez, que a geografia local era bem conhecida explorada.

Figura 09: Nesta área ficava outro barreiro, em terreno doado, mas que foi tomado.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2025.

O neto de paneleira ainda nos informou que este terreno foi doado às trabalhadoras, em palavra, pelo senhor João Guarda. Porém, na falta de registro cartorial, a doação não foi concretizada e o terreno passou à posse do senhor conhecido por Mané Lombriga. Quem dera, o espaço acima poderia ter concentrado as paneleiras em cooperativa. Possivelmente, isto poderia fornecer os subsídios necessários para a continuidade do ofício no momento de seu declínio. Acreditamos que neste ponto, a autonomia e fragmentação política das paneleiras, debilitou a luta para a continuidade do ofício nos tempos difíceis. A relevância das paneleiras foi grande ao ponto destas mereceram local reservado na feira e ainda hoje conhecido por “Feira das Panelas”, conforme nos aponta o autor José Wilson Moura, em dissertação do ProfHistória, de 2021, *“A feira e o ensino de História: Caderno de Sequências didáticas a partir da feira de Itabaiana/SE”*, já citada nesta pesquisa. A imagem abaixo, mostra um espaço dentro da “Feira das Panelas”, que era a alegria da criançada:

Figura 10: “Sessão das crianças”, na Feira das Panelas.



Fonte: Acervo de Nega, a última paneleira da região em atividade.

A “seção de brinquedos” ou “seção das crianças”, era destaque da feira das panelas. Bois, cavalos, carrinhos, bonecas e bonecos, panelas e outras miniaturas de utensílios domésticos foram durante muito tempo os companheiros das viagens imaginárias infantis. No canto esquerdo inferior da imagem, ao lado do bule amarelo, vemos um vaqueiro em seu cavalo. Por toda a imagem há vaqueiros montados a cavalo, além de toda a sorte de cavalos e bois com seus caçuás – cesto grande de cipó unindo dois cestos, um de cada lado do dorso do animal, se faz uma cangalha (Dicio, 2026). Quantas crianças sonharam em comprar bois, cavalos e carneiros para montar sua própria criação de barro?

Como destacado no mapa 08, a seguir, Itabaiana tem localização central no estado de Sergipe e, portanto, foi elo entre litoral, agreste e sertão. A feira de Itabaiana é longeva e data de meados do século XIX, segundo relatos do governo da província. Zona de passagem Leste-Oeste e Norte-Sul, cresceu por meio do comércio de algodão e atraía caixeiros viajantes e mascateiros, vendendo e comprando produtos (Mendonça, 2015, p. 51).

Mapa 07: Mapa destacando o município de Itabaiana, no coração de Sergipe.



Fonte: Edição feita por José de Almeida Bispo (Acervo do autor, 2024).

A posição central mostrada no mapa 07, serviu de rotas de passagem para muitas mercadorias desde os tempos coloniais (Bispo, 2013, 116). Isto favoreceu Itabaiana para se tornar um polo de redistribuição agrícola. Carvalho (2010) destaca que a comercialização de hortifrutigranjeiros no município se consolidou por meio da feira, dos supermercados e do atacado, configurando uma rede de fluxos que reafirma o papel da cidade como espaço estratégico de circulação e distribuição de produtos agrícolas.

No levantamento sobre as bancas da feira de Itabaiana, em 2015, o mesmo autor omite a existência das paneleiras e seu espaço reservado conhecido por “Feira das Panelas”. Ele identifica 200 bancas de carne bovina, 37 para carne suína, 50 para frango, 17 para caprinos, 17 para charque, 40 para vísceras, 12 para mariscos, 120 para frutas, 135 para verduras, 80 para cereais, 70 para calçados e bolsas, 230 bancas para roupas e confecções diversas, 16 para doces e alimentos, 17 para derivados de leite e 60 para artigos diversos. Certamente, as bancas das paneleiras estão na seção de “artigos diversos”. Entretanto, sabiamente, as panelas de barro receberam atenção especial na cultura e imaginário populares para nomeação do espaço.

Minha mãe relata que em sua infância, acompanhava a sua avó materna, Dona Josefa Carmosina de Brito, na venda das panelas. Em suas memórias, guarda os versos cantados junto ao tilintar de uma moeda sobre um pote de barro, ao chegar um comprador. O som atestava a qualidade do produto: “Bata, meu bem, pode bater, bata com força que eu não sinto nem doer”.

Curiosamente, o mesmo autor, em cordel intitulado “Na feira de Itabaiana tem?”, diz nos versos que “Na tenda de Saduminga / Tem vaso, pote e moringa” (Mendonça, 2011, p. 19). Outro cordelista, o defensor público Veríssimo José de Oliveira, reforça, *apud* Mendonça

(2015, p. 61) “Também se vende esteira / Pra forrar a montaria / Panela, moringa e pote / Porrão e lavanderia / Amarradinho, tripa e buchada / Fussura, mocotó e queixada / Uma saborosa iguaria”.

Outro cordel, “O feirão de Itabaiana”, usa o termo “feira do barro”, certamente para rimar com “jarro”. De autoria de Uélinton Mendes, diz:

Tem panela, muito jarro
 Tem moringa e porrão
 É lá na feira do barro
 Que ninguém fica na mão
 Na feira do passarinho
 Tem nambú e azulão
 Papagaio, periquito
 Se brincar até leão
 (apud Marques 1999, p. 66)

O mesmo autor reforça o estereótipo da branquitude itabaianense quando mostra, na imagem abaixo, apenas as mulheres empresárias. Não são as fateiras, costureiras, feirantes, faxineiras ou paneleiras. São elas, as empresárias do grande comércio, todas brancas (Mendonça, 2015, p. 154).

Figura 11: Destaque para o empresariado. Esquecimento para os trabalhadores.



Fonte: Mendonça (2015, p. 155)

Outro exemplo, está no que escreveu a jornalista e memorialista Núbia Marques, que segue a mesma linha, apontando que o território itabaianense foi “esconderijo para os judeus perseguidos pelo Santo Ofício, e também caminho dos ciganos que erravam nas suas plagas comerciando” (Marques, 1999, p. 71). Judeus e ciganos, obviamente, brancos e grandes comerciantes. Onde estão os negros de Itabaiana? Esta História também não os coube.

A questão que nos propusemos a combater, está na proposital vinculação com o branco e desvinculação com o negro, em Itabaiana. O discurso bairrista ressoado na mídia, acentua-se no branco, no galego, no caminhoneiro, no comerciante, mas nada sobre comunidades ancestrais, artesãos, camponeses, jogadores de futebol, sapateiros, fateiras e grupos étnico-raciais originários e afrodescentes. Quando Beatriz Nascimento criticou Florestan Fernandes com relação a sua análise do negro na sociedade de classes, foi pelo fato de faltar-lhe o viés racial. Esse é o ponto crucial. As panelleiras do Tabuleiro dos Caboclos eram todas elas pobres e quase todas pretas ou pardas, socialmente e racialmente invisíveis.

Mas, chegamos, então, a outra questão: Como fornecer para os alunos, ferramentas para a construção do conhecimento histórico, se a história da historiografia enfatizou uma supremacia branca na memória nacional (Assunção; Trapp, 2021, p. 233)? Beatriz Nascimento e Clóvis Moura são alguns dos caminhos apontados por estes autores para a construção de uma educação antirracista por meio de abordagens historiográficas politicamente racializadas. Estas, indisciplinam “o lugar epistêmico de uma história da historiografia assentada no limitado horizonte epistêmico branco, masculino e eurocentrado” (Assunção; Trapp, 2021).

Beatriz Nascimento, ao escrever sobre as produções acerca de quilombos no Brasil Colônia, alertou para as mãos brancas na seleção de fontes (Nascimento, 2018). A partir daí, olho para a história da minha cidade e constato que esta relega invisibilidade quase que total ao meu bairro. A sensação de desprezo, ou ressentimento, é percebido quando, por exemplo, em conversa com moradores mais antigos, como Dona Tereza de Zé de Chico e Valtenes de Paulo de Belinha, estes expressam seus ressentimentos: “Toda vida o bairro foi desprezado, o primeiro que olhou pra cá foi Luciano” (Luciano Bispo, ex-prefeito) e “A gente sempre foi esquecido, ninguém nunca gostou daqui”.

A comunidade negra e parda do Tabuleiro dos Caboclos sofreu, como tantas outras em Sergipe e Brasil afora, com a negação da integração, ficando esquecida, à parte da cidade, inclusive sem qualquer tipo de benefício urbano até o início da década de 1990, como apontou Dona Tereza (imagem 12, abaixo) – ex-paneleira.

Figura 12: Dona Tereza de Zé de Chico, foi paneleira junto a sua mãe, Dona Maria Rosa de Almeida, “Maria Padeiro”.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor em 2025.

Neste sentido, no artigo, “É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiaspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura”, Assunção e Trapp ainda acrescentam que a obra de Nascimento age “contra o recalçamento psicossocial e as políticas de esquecimento de uma historicidade não escrita”, ao “lembrar para os negros que eles têm um passado de homens capazes de empreender um tipo de estrutura que foi muito forte” (Nascimento, 2018 [1977], p. 137). Logo, faz-se então, um reposicionamento do eixo histórico, ao se criticar frontalmente à supremacia branca na historiografia, o quê, que na visão destes autores, indisciplinaria os cânones deste campo.

Por tudo isto, a exposição em material didático, de pesquisa sobre as Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos, na Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira), na mesma localidade, nas turmas de 6º Ano, cumpre a função de cimentar a estrutura sugerida por Nascimento Moura ao nos alertar para a exclusão do negro pós abolição (Moura, 1977), provavelmente momento em que se formou a comunidade do Tabuleiro dos Caboclos, por conta da proximidade com o centro urbano de Itabaiana. Sua obra ainda aponta para a superação do olhar colonizado (Assunção; Trapp, 2021, p. 244) e se encaixa perfeitamente naquilo que, enquanto professor de história, pretendemos combater.

Portanto, o bairro São Cristóvão deve ser visto como um espaço de resistência cultural negra, pois constituiu-se como um mocambo, o antigo Tabuleiro dos Caboclos, e expressou a contraposição mais emblemática da sociedade escravista: um local onde o negro era livre. Segundo Clóvis Moura, estes espaços atuaram não apenas nas periferias do sistema, mas atingiram em vários graus as estruturas do escravismo e, “ao mesmo tempo, criando uma sociedade alternativa que, pelo seu exemplo, mostrava a possibilidade de uma organização formada de homens livres (Moura, 2021, p. 47).

Essa incrível “organização formada de homens (e acrescento mulheres) livres, forjou artefatos de barro incríveis, como o mostrado na imagem abaixo:

Figura 13: Cuscuzeiro com fogareiro e panela de barro que pertenciam a minha avó, Dona Maria Lúcia, paneleira e professora.



Fonte: Fotografia tirada pelo autor, em 2025.

É impossível observar os detalhes do objeto acima e não lembrar de dois momentos: o de sua produção e o do seu uso. Na verdade, são dois objetos. O de baixo é um fogareiro, onde adicionava-se carvão em brasa. O de cima, uma linda panela de barro que preparou sobretudo carnes cozidas, mas também teve espaço para moquecas com dendê, na quaresma. Não tenho como precisar a idade desse artefato, mas não descarto a chance de que eu mesmo tenha participado de alguma etapa de sua feitura, seja o de buscar torrões de barro, triturá-los, ou na coleta de madeira para a queima ao final do processo.

A reminiscência vem como fotografia à minha cabeça. A primeira é a cabana de taipa onde eram feitas as panelas da minha bisavó, Dona Josefa Carmosina de Brito, junto as suas filhas e netas, entre elas minha avó, Maria Lúcia e minha mãe Vilma Maria. A segunda, pela lembrança do cheiro da moqueca de pescada, com dendê, preparada por minha avó, recorrentemente às sextas-feiras.

A mulher da imagem abaixo, Dona Madalena (figura 13), lembra muito a minha avó, quando cozinhava. O pano na cabeça serviria para evitar a queda de cabelo durante o preparo das iguarias, mas também pra amenizar o sofrimento do sol na lavagem da roupa. Por sua vez, o vestido leve e estampado e o hábito de andar descalça serviam perfeitamente para um dia de trabalho doméstico invisível.

Figura 14: Dona Maria Madalena dos Santos, residente do bairro São Cristóvão.



Fonte: Fotografia tirada pelo próprio autor, em 2025.

O olhar atento e a boa memória de quem nos contou com orgulho que foi agricultora no povoado Fazenda Grande e Lagoa do Forno e conviveu com várias panelleiras vizinhas à sua casa, no Beco Novo (Rua Coronel Sebrão): Dona Santana, Maria de Arlindo, Maria de Hugo, Lindalva, Maria de Zizi, Maria de Bela e suas filhas (esta, irmã de minha bisavó, Dona Josefa Carmosina de Brito, também panelleira), Dona Pita de Regino (tinha altas habilidades e fazia a difícil chaleira de bico) e sua filha, Dona Santa (Maria Santana Santos), entre outras.

Os mesmos nomes mencionados por Dona Madalena, também aparecem nas informações prestadas pelos filhos de Seu Paulo de Belinha, um antigo bodegueiro já falecido, Ronaldo e Valtenes, netos da panelleira Dona Pita de Regino. Estes dois caboclos me receberam

neste cenário incrível da imagem abaixo: A bodega do seu pai, cujo espaço, funcionamento e memória, ainda preservam.

Figura 15: Ronaldo, morador do Tabuleiro dos Caboclos, exhibe com orgulho sua moringa. Ao lado, seu irmão Valtenes. Ambos os filhos do falecido bodegueiro Seu Paulo De Belinha. Na infância, os dois coletavam barro e madeira para alimentar os fornos das panelleiras.



Fonte: Fotografia registrada pelo próprio autor, em 2025.

As conversas e apurações com os moradores locais me fizeram optar pela nomeação, preferencialmente, via apelidos. Utilizar os nomes como são popularmente conhecidas estas personagens, fugindo à formalidade, torna esta dissertação mais próxima da realidade, acredito. Vale ressaltar, que existe um fértil campo para estudos no campo da história oral. Entre as panelleiras vivas, já falecidas e seus descendentes, temos:

Dona Ceição (Maria Conceição) e sua filha Dona Celina (Maria Celina dos Santos). Seus filhos: Bernadete Pereira Santos, Aiá (Maria José dos Santos), Vandinha (Maria Givalda dos Santos), Maria Gildete dos Santos, Matinês (Maria Francisca dos Santos), Maria Eliane dos Santos, Maria de Lourdes dos Santos, Evaldo Pereira dos Santos (marceneiro), Valter Pereira Santos (cabeleireiro), Luís Antônio dos Santos (Sapateiro), José Umberto dos Santos (sapateiro), José Ubaldo dos Santos, ex-sapateiro, ex-atleta de futebol da AOI e atualmente bodegueiro.

Dona Santa. Seus filhos Isac, Gildete e Lourdes.

Dona Pita de Regino e sua filha Dona Santa (Maria de Santana Santos).

Dona Maria de Bela (Maria Francisca dos Anjos) e suas filhas.

Dona Maria Ana de Moura, Dona Daora e Dona Zefinha. Ainda seu filho José Erinaldo dos Santos.

Dona Maria de Zizi e Dona Catita, sua filha. Dona Lindinalva.

Dona Maria de Arlindo.

Dona Maria de Hugo.

Dona Santana (Karina Santana dos Santos).

Dona Maria de Osiris.

Dona Lica. Dona Dina de Raimundo Sapateiro (Maria Erundina dos Santos). Seus filhos Ia Vêia (Maria José dos Santos), Sinalva (Edinalva Souza Campos), Ceicinha (Maria da Conceição Souza Campos), Neguinha (Gilcineide dos Santos), Naninha (Ana Rúbia dos Santos), Jovaldo dos Santos e Carro Pipa (Ednaldo dos Santos).

Dona Irene Rezadeira (Maria Irene Santos) e Dona Dina (Maria Dinair dos Santos) e Dona Terezinha dos Santos, irmãs.

Dona Roquina e suas filhas Totonha (Maria Antônia), Guega e Creuza. Seu Filho Roque (sapateiro).

Dona Maria Fernandes Lima e sua filha Miúda. Dona Maria Padeiro (Maria Rosa de Almeida) e sua filha Dona Tereza de Zé de Chico.

Dona Loli (Maria Sales Nascimento) e suas filhas Dona Nane (Maria Nivalda dos Santos) e Teté (Maria José dos Santos).

Dona Pequena.

Dona Josefa Carmosina de Brito (bisavó do autor, já falecida) suas filhas vivas, Bernadete Maria dos Santos e Maria Carminha Brito e seu filho vivo Orlando Martins de Brito. Dona Dete (Bernadete Maria dos Santos) e suas filhas: Kakinha (Maria Claudete Santos) e Dedé (Maria José dos Santos Teixeira). Dona Maria Lúcia dos Santos, a minha avó, já falecida, e suas filhas Vilma Maria dos Santos e Vera Lúcia dos Santos. Outras filhas, paneleiras já falecidas, e filhos que ajudavam no ofício, Maria de Lourdes Brito Costa, Maria das Dores de Brito Santos, Maria José Nunes, José Antônio de Brito, João Francisco de Brito e Pedro Francisco de Brito.

4. SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE AS PANELEIRAS DO TABULEIRO DOS CABOCLOS, ITABAIANA, AGRESTE DE SERGIPE

No dia 09 de setembro de 2025 foi aplicado um questionário para coleta do perfil sociocultural e de verificação da aprendizagem de conhecimentos já adquiridos, entre os alunos da Escola Estadual Professora Maria da Conceição (Maria Pereira). Os dados coletados impulsionaram a elaboração deste material. Para além disso, este conteúdo também serviu de inspiração para sua inclusão como momento inicial da própria Sequência Didática.

Para estes fins, adotamos os conceitos de Sequência Didática (SD) conceituado por Itamar Freitas e Maria Margarida Dias Oliveira, em “Sequências didáticas para o ensino de História”, publicado em 2022. De início, uma diferenciação fez-se necessária: a distinção entre plano de aula, organizado para uma única aula, com objetivos, conteúdos, metodologia, recursos e avaliação associados ao currículo. Já a SD, articula de modo progressivo atividades que se desenvolvem ao longo de várias aulas, formando uma unidade didática (Freitas; Oliveira, 2022, p. 10).

Nesta perspectiva, a demanda de uma SD parte justamente da aplicação de um questionário que visa traçar o perfil sociocultural e de verificação da aprendizagem de conhecimentos já adquiridos pelos alunos. O formulário deste trabalho, segue anexo sob o título: Perfil sociocultural e de verificação da aprendizagem de conhecimentos já adquiridos de discentes da Escola Estadual Professora Maria da Conceição (Maria Pereira), bairro São Cristóvão, Itabaiana, Sergipe.

A Escola escolhida, pertence à rede estadual de Sergipe, situa-se na Rua Coronel Sebrão, 859, bairro São Cristóvão, Itabaiana, Sergipe. Funciona no espaço da extinta escola Monsenhor Mário de Oliveira Reis. Foi reformada e ampliada em 2023 para absorver os alunos da Escola Rotary Dr. Carlos Melo, fundada em 1973. Esta já tinha sido incorporada à jurisdição da Diretoria Regional da Educação 3 (DRE3), tendo como entidade mantenedora o Governo do Estado de Sergipe, por meio da Resolução 194/91 do Conselho Estadual de Educação, de 16 de maio de 1991.

Nesta fusão, implantou-se a modalidade de tempo integral. Atende agora, em sua expansão, alunos do ensino fundamental menor e maior. Atualmente (2026), com expansão gradativa dos anos iniciais, formando pela primeira vez turmas de 4º e 5º ano (Seduc/SE, 2023).

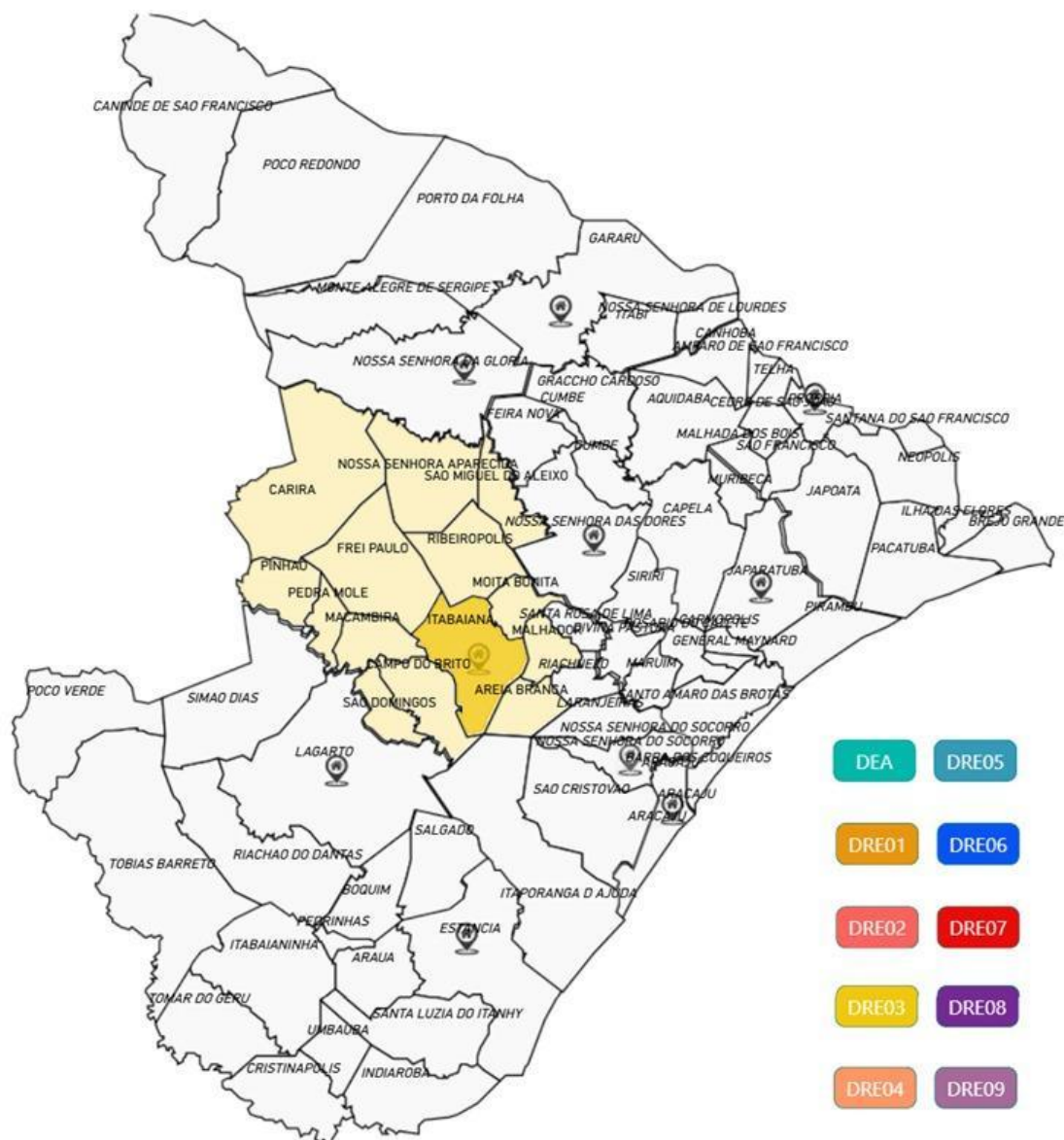
Figura 16: Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira).



Fonte: Fotografia registrada pelo próprio autor, em 2025.

Após reforma e ampliação, concluídas em 2023, a escola continuou atraindo uma matrícula crescente em sua nova sede. Os anos finais do ensino fundamental registraram, no ano de 2024, 67 matrículas, em 2025, 142. Em 2026, já se apontam 251 alunos matriculados (Seduc/SE, 2026). A referida escola integra as unidades de ensino que compõem a DRE3, que tem no município de Itabaiana a sede da regional (mapa 09). A observação do mapa abaixo revela as 14 cidades que a compõem, em amarelo: Itabaiana (Sede), Areia Branca, Campo do Brito, Carira, Frei Paulo, Macambira, Malhador, Moita Bonita, Nossa Senhora Aparecida, Pedra Mole, Pinhão, Ribeirópolis, São Domingos e São Miguel do Aleixo.

Mapa 08: Mapa de Sergipe com destaque para as cidades que compõem a Diretoria Regional de Educação 3 (amarelo claro). Itabaiana é a sede da regional (amarelo escuro).



Fonte: Site da Secretaria de Estado da Educação (2026).

O questionário³ revelou que a totalidade dos alunos desconhece o nome antigo do bairro, Tabuleiro dos Caboclos. Mais de 90% das respostas giraram em torno de “não sei” ou “nunca ouvi falar”. Apenas uma pequena parcela (cerca de 5%) demonstra algum nível de associação ou interpretação sobre o nome. Isso revela um desconhecimento coletivo sobre a história local, indicando a necessidade de ações educativas e de valorização da memória da comunidade (vide figura 17, abaixo).

³ Questionário aplicado aos alunos: https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeF0MWnsTVSmw-yp47pXb1ha0ByJcTrFxQGzX3_cJdV6yygfQ/viewform?usp=sharing&oid=108043869764436585934

Figura 17: Tabulação das respostas dos alunos do 6º Ano da Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira), frente a pergunta: O que você conhece acerca da história da comunidade Tabuleiro dos Caboclos?

Categoria de resposta	Exemplos de respostas dadas	Frequência	% sobre o total
Nada / Não sei	"nada", "não sei", "não sei de nada", "não sei nada"	34	43,6%
Nunca ouvi falar / desconheço	"nunca ouvi falar", "nunca ouvir falar", "não conheço"	37	47,4%
Confusão / dúvida	"o que é isso?", "não sei nem o que é isso"	3	3,8%
Mistura de raças (interpretação)	"sei que é mistura de preto com branco"	2	2,6%
Já ouvi falar, mas não sei detalhes	"já ouvi falar mais não sei"	2	2,6%

Total: 78 respostas (100%).

Fonte: Criado pelo autor utilizando a inteligência artificial Copilot (02-10-2025).

Da mesma forma que os alunos mostraram não saber o antigo nome da localidade, quase todos também desconhecem a história das panelleiras da comunidade. A maioria absoluta (mais de 70%) não conhece ou nunca ouviu falar das panelleiras. No entanto, a pergunta "O que você conhece sobre as Panelleiras do Bairro São Cristóvão? Foi bastante reveladora. Cerca de 22% associam as panelleiras à feira ou ao trabalho artesanal com barro. Uma pequena parcela (3,8%) traz memórias familiares, mostrando vínculos pessoais com a tradição (vide figura 18, abaixo).

Figura 18: Tabulação das respostas dos alunos do 6º Ano da Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira), frente a pergunta: O que você conhece sobre as Panelleiras do Bairro São Cristóvão?

Tabela de resultados

Categoria de resposta	Exemplos de respostas dadas	Frequência	% sobre o total
Nada / Não sei	"nada", "não sei", "não sei nada", "nn sei", "NAO SEI"	33	62,3%
Nunca ouvi falar / desconheço	"nunca ouvi falar", "NUNCA OUVIR FALA SOBRE ISSO"	6	11,3%
Associação à feira	"a feira", "a feira das panelas na feira", "porque elas vendiam na feira antigamente"	6	11,3%
Reconhecimento do trabalho artesanal	"fazem panelas de barro", "faziam objetos de barro", "arte de fazer panelas com amor"	6	11,3%
Memória familiar / pessoal	"minha vó Neide vendia", "minha vó já comprou", "minha vó Dira fazia panelas de barro"	2	3,8%

Total: 53 respostas (100%).

Fonte: Criado pelo autor utilizando a inteligência artificial Copilot (02-10-2025).

Por uma demanda técnica, neste campo, as respostas de uma turma não foram coletadas, implicando no total de respostas que caiu de 78 para 53. A maior parte dos alunos precisava de ajuda para executar tarefas básicas nos computadores. Isto exigiu acompanhamento exclusivo para orientação a cada pergunta, o que implicou uma demanda de tempo maior do que o esperado. Desta forma, a turma B, a última consultada, não conseguiu concluir o questionário. Porém, isto não implica a nossa análise, visto que, mesmo sem digitar em tempo hábil as respostas, a maioria dos alunos sinalizou verbalmente desconhecer o ofício das paneleiras. Apesar da maioria desconhecer as paneleiras, a terceira pergunta: "Para você, qual a importância da História de Itabaiana?", mostrou-nos esperança. Apesar de um grupo significativo (17,9%) declarar não saber nada, a maioria (cerca de 60%) reconhece a importância da história da cidade, associando-a em termos de conhecimento, cultura ou memória. Há também menções específicas às belezas naturais e pontos turísticos, mostrando também associação ao patrimônio material e imaterial da cidade. Em suma, as respostas revelaram que os alunos, apesar de dizerem não saber sobre, reconhecem a importância da história da cidade.

Figura 19: Tabulação das respostas dos alunos do 6º Ano da Escola Estadual Maria da Conceição (Maria Pereira), frente a pergunta: Para você, qual a importância da História de Itabaiana?

Categoria de resposta	Exemplos de respostas dadas	Frequência
Não sei / Nada	"não sei", "nada", "não sei nada", "NO SEI"	14
Importância geral (boa, importante, tudo)	"boa", "acho importante", "importante", "toda importância", "muita importância", "tudo"	18
Conhecimento da cidade / povo / origens	"para conhecer a cidade", "para saber a história do povo antigo", "para conhecer nossas origens"	16
Memória e descendência	"para que nossos descendentes saibam", "conhecer antepassados", "saber o que aconteceu antigamente"	10
Cultura, folclore e turismo	"sobre o folclore", "para aprender sobre a cultura", "para turistas conhecerem", "mostrar cultura e finalidade"	12
Belezas naturais / lugares da cidade	"serra", "poço das moças", "parque dos falcões", "campos, praças e casas"	5
Outros / respostas confusas	"DECTHGYNH66UMJGNDVTG3R2T", "as imagens de Itabaiana"	3

Total: 78 respostas (100%).

Fonte: Criado pelo autor utilizando a inteligência artificial Copilot (02-10-2025).

A partir destas constatações propomos uma Sequência Didática no intuito de consubstanciar uma proposta de aprendizagem histórica atenta tanto ao local quanto a trama das relações étnico-raciais. A respeito, segundo Barros, o ensino de história local

apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador/educando/sociedade e o meio em que vivem e atuam (Barros, 2013, p. 3).

Deste modo, o REA, no formato de SD, sobre as Paneleiras, apresentará um conjunto de saberes tradicionais de uma comunidade e deve proporcionar ao aluno a saída de uma concepção mecânica do entendimento da dinâmica do seu bairro, para uma percepção viva e dinâmica.

A ideia de produzir uma SD sobre as paneleiras, dialoga com os dois primeiros procedimentos básicos do processo de ensino e aprendizagem pautados na BNCC, para os anos finais do ensino fundamental (Brasil, 2018, p. 416). O primeiro, conduz-nos a discussão sobre as formas de registros da memória, momento quando deve ser problematizada as motivações para a seleção de determinados eventos, sujeitos e narrativas. O segundo, por sua vez, leva a interpretação de documentos e aos questionamentos suscitados sobre como essas fontes são reinterpretadas em determinadas épocas e sociedades. Neste sentido, como afirma Barros:

o diálogo entre o ensino de História e o conhecimento científico redimensiona a importância social da área na formação do estudante, sinalizando e fundamentando a possibilidade de estudo e atividade que valorizem a atitude intelectual do aluno no desenvolvimento e envolvimento em trabalhos que favoreçam sua autonomia para aprender (Barros, 2013, p. 2).

Logo, este redimensionamento implicaria a própria contribuição para a construção da identidade do(a) aluno(a), ao ver sua comunidade como parte integrante do mundo científico, como também se ver representado a partir de sua realidade no global e na história humana.

Neste sentido, este aluno(a) ao se perceber como agente da própria história e fruto de um amálgama social bem mais complexo, embora que outrora desvalorizado por arcaicas visões sobre o passado, mas que agora, sob a luz de novos conceitos e, sobretudo problematização das fontes e das possibilidades de interpretação, pode observar a multiplicidade de perspectivas, interesses e projetos de sociedade. Atingir este potencial deve ser, ou deveria ser, o foco de uma escola humanística, inclusiva e crítica.

A exemplo, a apresentação e exploração de alguns documentos pode ser uma atividade de grande valia para o aprendizado, ao proporcionar o contato com as fontes e a amplitude de interpretações. Isto reforça o sentimento de pertencimento à história local ao revelar, no presente, o compartilhamento de elementos culturais formulados há muito tempo e relacionados à diversas origens da cidade de Itabaiana, sedimentando assim, a construção de uma memória e história locais. Nesse sentido, como destacam os autores Romilda de Jesus e Cairo Mohamad, em *Nós da Memória: Saberes africanos, vivências e (Re)significação identitária* (2015, p. 414), a valorização dos saberes ancestrais e da memória coletiva é essencial para a ressignificação identitária e para o fortalecimento das relações étnico-raciais. Desta maneira, a educação para as relações étnico-raciais ligada a saberes ancestrais, serve como instrumento para afirmação identitária, ao reconhecer as múltiplas origens da sociedade brasileira.

O REA também se propõe a fomentar nos(as) alunos(as) a atitude de pesquisar, problematizar e historiar, desejada na BNCC (Brasil, 2018, p. 401), ao propor atividades de pesquisa e interpretação de fontes. Desta forma, busca-se então, a construção de uma formação

de estudantes capazes de promover intervenções democraticamente respaldadas, que respeitem os direitos humanos, a democracia e promovam justiça social.

Ao evidenciar a história das paneleiras e seu ofício intimamente ligado à ancestralidade negra e indígena, bem como ao próprio território e a constituição da comunidade do Tabuleiro dos Caboclos, constituímos terreno propício para a criação de uma SD para educação étnico-racial. A proposta de constituição deste REA pode promover, por parte do leitor-professor, a mobilização de elementos de diversas localidades e contextos, partindo de um ofício, de uma comunidade, de um aspecto da história local, resgatando sua ancestralidade, forjando identidades e pertencimento. A proposta é mostrar que é possível a replicação do método de reconhecimento de um saber tradicional, de uma comunidade e de um território, como ponto de partida para uma alfabetização étnico-racial, ao lançar olhares sobre segmentos sociais historicamente invisibilizados, silenciados, apagados e/ou secundarizados. A respeito, a

ideia de aprendizagem histórica é elemento estruturante de uma sequência didática. Mas a sequência não se sustenta apenas com esse enunciado. Não basta traduzir os verbos e substantivos que expressam uma teoria da aprendizagem histórica em atos constituintes de uma sequência didática. É também necessário traduzir o que queremos do aluno e sob quais caminhos teóricos sustentamos esse querer em uma série de informações outras (Freitas; Oliveira, 2022, p. 26).

A partir desta discussão compreendemos ser possível trabalhar uma SD a respeito da educação étnico-racial e da história local em turmas de sextos anos na escola referida. A utilização das paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos, como exemplo, tem também a intenção de instigar o estudante-pesquisador-cidadão a buscar outros coletivos e ofícios de comunidades tradicionais.

4.1 A proposta de Sequência Didática

A proposta de Sequência Didática aqui delineada foi pensada para ser trabalhada no primeiro momento da primeira unidade do ano escolar de 2026, no sexto ano. Neste contexto – e considerando que o livro didático adotado pela Escola Maria Pereira é o “Sociedade e Cidadania, de Alfredo Boulos (PNLD 2024-2027) – observa-se que o referido livro didático na sua primeira unidade, capítulos 1 e 2, aborda os temas relacionados à Introdução à História, campo fecundo para aplicação desta proposta de SD. O livro é dividido em 4 unidades, de 3 capítulos cada. Com uma carga horária anual de 120 aulas, em uma divisão simplificada, visto que cabe a cada professor estender ou encurtar o quantitativo de aulas para os capítulos, temos 30 aulas para cada unidade e 10 aulas para cada capítulo. A primeira e segunda SDs apresentam

duas aulas cada, a terceira, 3 aulas, e estimulam a participação ativa dos alunos, o que torna sua aplicação flexível, seja no início, meio ou final de cada unidade.

Como sugestão, as SDs 01 e 02 encaixam perfeitamente na reflexão que encerra o capítulo 2, “Quem faz a História”, na seção que instiga a reflexão do discente sobre os sujeitos da História. Quando apliquei o questionário, identifiquei que os alunos respondem sobre sua etnia relacionando-a a dos seus pais e avós. Lembro de uma frase: “Professor, eu acho que sou indígena, pois minha avó era índia”. O IBGE adota o critério da autodeclaração nas pesquisas de cor e raça (IBGE, 2013), ou seja, para além da autopercepção fenotípica há a consideração do indivíduo sobre sua ancestralidade. Desta forma, as noções de ancestralidade e pertencimento dos alunos são os fios condutores da aprendizagem nas SD 01 e SD 02.

A SD 02 sugere uma entrevista com um familiar para montagem de uma árvore genealógica. Como sugestão, além de nomes e datas de nascimento e morte, seria interessante a coleta das profissões. No caso das crianças da Escola Maria da Conceição, no bairro São Cristóvão, antigo Tabuleiro dos Caboclos, a expectativa de aprendizagem giraria em torno da identificação de inúmeras paneleiras e sapateiros como ancestrais. No livro didático da referida instituição, essa investigação relaciona-se tanto com a seção “As fontes da História, do capítulo 2, visto que constrói uma fonte oral, como com a seção “O conhecimento histórico, do mesmo capítulo, que fornece o passo a passo simplificado sobre ofício do historiador na construção do conhecimento histórico.

Na nossa percepção, a SD 03 pode ajudar o colega professor a trabalhar a seção “O que a história estuda?”, do capítulo 01, onde são apontadas as mudanças e permanências do fluxo histórico. Se para Bloch, essencialmente a História estuda as ações humanas no tempo (2021), para Bittencourt, além disso, é preocupação dos historiadores situá-las no espaço (2008, p. 207). Logo, como a SD propõe o registro de personagens, objetos, construções ou monumentos da comunidade e significativos para os estudantes, outra aplicação da SD 03, pode ser conectada à reflexão suscitada na seção “O tempo histórico”, do mesmo capítulo. Para tal, as fotos devem ser datadas, identificadas, contextualizadas e apresentadas em ordem cronológica.

O aluno deve buscar entender como aquela fonte representa as características de uma determinada época. O colega professor pode provocar os alunos com perguntas como "por que antigamente revelávamos muito mais fotos do que hoje?", isso auxiliará os discentes a entenderem como o avanço da tecnologia, com celulares de grande armazenamento e redes sociais, levou a uma mudança de hábitos da população.

Esta unidade temática possibilita ao professor trabalhar o conceito de História como ciência, diferenciando de outras concepções da palavra história. A atividade sugere isso. A

atividade com fotografias, por exemplo, é um campo fértil para trabalhar a relação entre tempo e história. As entrevistas e os dados coletados, as fotografias de objetos, personagens ou paisagens, propiciam a abordagem de conteúdos que relacionam as mudanças e permanências percebidas no tempo histórico. Esta unidade tem uma duração aproximada de 08 aulas. Como exemplo, explorando a realidade do livro didático adotado neste colégio, a primeira unidade é composta de 3 capítulos. Logo, são 10 aulas para cada capítulo, tornando a SD plenamente possível de ser colocada em prática.

Ao fazermos o levantamento das panelleiras vivas e de seus parentes mais próximos, identificamos um grupo de pessoas que podem ser objetos de história oral – em algum momento do processo de aprendizagem. Este levantamento servirá também como exemplo para o professor em busca de modelos da construção metodológica de enfoque étnico-racial, ou seja, fazer o levantamento das pessoas vivas ligadas a determinado ofício, ou dos seus parentes mais próximos vivos mostrará um quantitativo potencial de pessoas-fontes.

Frente a necessidade de protagonismo quando do relato coletado pelos alunos, ser apresentado para a turma: o que eles acharam, quais dificuldades e interpretações frente ao que foi falado ou ao que não foi falado? Vocês acham que a pessoa, por algum motivo, como a timidez ou vergonha, não trouxe todas as informações? É possível ainda instigar um debate e comparações entre as pesquisas. Os alunos também podem sugerir pautas para a entrevista. Neste ponto, é importante que o professor sugira o que não pode faltar na entrevista, mas que permita a criação de novos questionamentos. Uma outra parte da SD é a construção do roteiro de entrevista (“você é o historiador”), no qual o professor vai inserindo coordenadas para a inserção das trilhas a serem percorridas pela entrevista – “o que perguntar? como perguntar? como se comportar na entrevista?” A orientação, a princípio, é estabelecer um tempo para que os próprios alunos construam suas trilhas ou roteiro de entrevistas. À medida que o trabalho avance, o professor pode sinalizar ajustes, sugestões e caminhos. Para este propósito e como sugestão, pode-se indicar o vídeo da entrevista feita com a panelleira Maria Adélia Sales do Nascimento. Esse material pode ser exibido como ilustração para discutir ofício das olarias de barro, atividade econômica bastante forte em Itabaiana até o início da década de 1970, em particular, a das panelleiras. Mulheres, e sua grande maioria, que viviam da produção e comercialização de panelas e outros artefatos de argila no então povoado Tabuleiro dos Caboclos, depois nomeado

Cruzeiro do Século, incluído na zona urbana em 1958 e renomeado para Bairro São Cristóvão, cidade de Itabaiana, Sergipe.⁴

A SD 04 gira em torno da apresentação e leitura de uma história em quadrinhos sobre as Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos, Itabaiana-SE. A proposta é apresentar a HQ como contação de história para valorizar a tradição oral. O professor pode reunir a turma em círculo e fazer a leitura e debate, inclusive solicitar a leitura de trechos pelos alunos.

Por exemplo, ao revelar as entranhas da tradição oral africana em "A tradição viva", Amadou Hampâté Bâ (2010) trouxe a devida importância para a reflexão central desta SD: A oralidade. Não somos necessariamente uma sociedade oral, ao contrário, a oralidade foi inferiorizada frente a excessiva burocratização do regime cartorial português, porém, no Brasil, muito da oralidade persiste nas relações sociais. Nesse caminho, tenho exemplos vividos no contexto em que me formei, momento em que foram construídas lendas seculares sobre a Serra de Itabaiana, as minas de prata (que nunca existiram) e o carneiro de ouro (também não), quando meus avós e bisavós discorriam horas contando histórias que entrelaçavam aspectos importantes das suas histórias, provérbios, contos e lendas. Quase todos eram analfabetos, no entanto, todo esse conhecimento foi passado pela oralidade.

Sobre este tema, é imperioso que o professor suscite a reflexão da turma sobre a constatação de que não existe nenhum manual escrito para a feitura das painéis. Nem por isso é uma atividade menos importante. Logo, o conhecimento das técnicas e etapas foram passados oralmente e na prática cotidiana, por gerações.

Apesar de propor inicialmente que esta SD possa ser aplicada em quaisquer capítulo ou unidade temática, é associável sua conexão umbilical ao capítulo 04 do livro didático de história do sexto ano, utilizado neste trabalho como referência pedagógica ao estabelecer links com as SDs. Em qualquer momento do capítulo intitulado "Os indígenas no Brasil", pode ser introduzida a SD 04, tanto para evidenciar os poderes de tradições em sociedades orais, quanto para reconhecer a importância da ancestralidade, ou até mesmo refletir sobre o apagamento histórico das culturas indígenas frente a sanha dos colonizadores europeus.

⁴ O Trabalho dos Oleiros no Bairro São Cristóvão, Itabaiana Sergipe: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WnVs19ck3-4>>. Acessado em 21.01.2026. Resultado do Projeto de Estágio Supervisionado em Ensino de Geografia III, do Departamento de Geografia da UFS, Campus Alberto Carvalho, pelos formandos Ana Claudia Silva, Eliana Lúcia Santos e José Paes da Costa. Co-produção de José de Almeida Bispo, com edição de Anailson Santos Mota e José de Almeida Bispo, este também na edição final. Professor-Orientador: Dr Daniel Almeida da Silva.

A proposta de apresentar a HQ em forma de contação de história, com a turma em formato circular, na sala ou em algum outro espaço externo, quem sabe sob uma frondosa árvore, busca evocar esta oralidade ancestral. Como colocado pelo professor Nyimpini Cossa em “Nkaringana wa nkaringana, Xitiku ni mbawula a matiku ya vambe: fluxos da tradição oral africana e sua magia”, a contação de histórias à volta da fogueira é uma grande ferramenta pedagógica. Em suas palavras

é um lugar de vivências intergeracionais, em que tanto crianças, adultos e jovens ensinam e aprendem mutuamente uns com os outros. Mais do que de contação de histórias, é um espaço de autocrítica, pois as histórias narradas são também mecanismos de refletir e repensar o presente bem como atitudes comportamentais (Cossa, 2020, p. 199).

Mesmo sem fogueira, esta ferramenta pedagógica pode reforçar o poder da palavra e da tradição oral, ascender ou reafirmar a ancestralidade, além de orientar sobre comportamentos, saberes e virtudes entre os jovens estudantes. Ainda, tal experiência pode ser muitíssimo proveitosa, seja por levar os jovens a um outro espaço, fora da sala de aula, mas também constitutivo de conhecimento, ou pelo fato de os colocar em formato de igualdade circular, ou seja, mais livres para falar, enseje-se certo protagonismo.

A HQ levanta dois questionamentos cruciais: Primeiro, sobre a invisibilidade historiográfica desta comunidade e seus atores sociais. Segundo, sobre a extirpação do antigo nome local, Tabuleiro dos Caboclos, substituído inicialmente por “Cruzeiro do Século”, e, por fim, “Bairro São Cristóvão”, nome atual. Estes pontos estão entrelaçados a cenas e diálogos de crianças ajudando as Paneleiras na coleta do barro e da matéria vegetal que alimentava os fornos que queimavam as panelas.

A ideia é que as crianças se sintam partícipes do processo histórico. Por exemplo, em turmas de alunos oriundos da zona rural, esta associação é plenamente possível, visto que muitos destes ajudam seus pais em várias tarefas. Porém, mesmo para alunos fora deste perfil, a correlação estará sempre presente, pois, as crianças poderão se ver como personagens daquelas cenas, nas etapas da confecção das panelas. As afirmações surgirão: “Professor, eu também ajudo minha mãe na feira”, “na roça”, “na oficina”, “na mercearia”, etc. Se não vierem, o professor pode suscitar: “Alguém aqui, da mesma forma que as crianças da história em quadrinhos, ajuda sua família em alguma tarefa?”

É desejável envolver a prática cotidiana dos educandos para buscar uma reflexão inicial. Esta problematização sobre sua realidade servirá para o entendimento de seu contexto histórico sob perspectiva étnico-racial. Na busca da construção desta criticidade discente, caminha-se em direções cada vez mais desalienadas. A este propósito, Paulo Freire refletiu: “Quanto mais se

problematizam os educandos como seres no mundo e com o mundo, mais se sentirão desafiados” (Freire, 1987, p. 40).

Para tal fim, este trabalho não deve se resumir “ao que eu quero que o aluno faça”. Logo, o professor já deve buscar antecipadamente informações sobre as comunidades e os ofícios de sua realidade, e suscitar questionamentos. Exemplo, ao perguntar “Será que determinado grupo ou comunidade fazia algum objeto?” o professor precisa estar municiado de informações prévias, sugerir e instigar os discentes a buscarem mais informações a respeito.

As Sequências Didáticas, em regra, giram em torno da expectativa norteadora dos anos iniciais do ensino fundamental quando a BNCC deixa explícito que a “ênfase no Ensino Fundamental – Anos Iniciais está na compreensão do tempo e do espaço, no sentido de pertencimento a uma comunidade” (Brasil, 2018, p. 417). Portanto, os anos iniciais devem consolidar a concepção de identidade da criança ao oferecer-lhes elementos do seu entorno, da sua família e da sua comunidade.

Entretanto, a SD avança para a problematização sobre os registros feitos como fontes históricas, como por exemplo, nas orientações para a atividade sugerida na SD 03, que na tarefa de retratar um personagem ou patrimônio indispensável à comunidade, levanta questionamentos sobre figuras ou símbolos enfatizados ou ignorados. Nos anos finais do ensino fundamental, os alunos desenvolverão uma gama de habilidades que envolvem não só a detecção de problemas, mas sua contextualização, comparação e intervenção para soluções. Isto acontece frente a consolidação de sua dimensão espaço-temporal e “vincula-se à mobilidade das populações e suas diferentes formas de inserção ou marginalização nas sociedades estudadas” (Brasil, 2018, p. 417).

Por isso a proposta para turmas de sexto ano. O intuito é o de promover uma alfabetização racial, que faz parte de um contexto maior, o de letramento racial. É importante destacar que o olhar racializado da sociedade e da própria História invisibilizou essas mulheres e essa comunidade. Do mesmo modo das Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos, outras comunidades Brasil a fora permanecem alijadas do devido reconhecimento.

Ao desenvolvermos a presente SD, o objetivo foi o de dialogar com a proposta curricular para as séries iniciais, mas também “abrir os caminhos” para o eixo de discussão das relações étnico-raciais nas séries finais do ensino fundamental.

Para o 6º ano, A BNCC contempla uma reflexão sobre a História e suas formas de registro. No transcorrer desse processo, são discutidos procedimentos próprios da História enquanto ciência e são recuperados aspectos da aprendizagem dos anos iniciais do Ensino

Fundamental (Brasil, 2018, p. 417). Diretamente conectada a esses pontos, as SDs abordam elementos como ancestralidade e pertencimento, tempo histórico, fontes e sujeitos da História.

Encerrando, tomamos como referência as seguintes habilidades da BNCC: Identificar diferentes formas de compreensão da noção de tempo e de periodização dos processos históricos (continuidades e rupturas), de código EF06HI01 (Brasil, 2018, p. 421). E Identificar a gênese da produção do saber histórico e analisar o significado das fontes que originaram determinadas formas de registro em sociedades e épocas distintas, de código EF06HI02 (Brasil, 2018, p. 421). Alicerçadas nestes pilares, a SD propõe aos alunos a investigação sobre sua comunidade e, por conseguinte, a reflexão sobre sua realidade.

4.2 A Sequência Didática

4.2.1 Sequência Didática 01 – Quem eu sou e quem somos nós?

Instituição: Escola Estadual Maria da Conceição (“Maria Pereira”).

Público-alvo: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental.

Aulas previstas: 2.

Tema relacionado: Ancestralidade e pertencimento.

Objetivo: Obter um perfil sociocultural da comunidade.

ROTEIRO DE ATIVIDADES

AULAS 01 e 02: Aplicação de questionário étnico-racial

- ✓ Na primeira aula o professor (a) reunirá os alunos em uma roda de conversa na qual ele apresentará o questionário étnico-histórico (ou étnico-racial) previamente preparado por ele(a) e explicará que o objetivo principal é gerar dados concretos acerca da composição étnico-racial da população estudada. Como exemplo, no apêndice deste trabalho segue o link para acesso ao questionário aplicado aos alunos da Escola Maria da Conceição. Entre outras coisas, ele questiona o pertencimento étnico e a possível ciência do tradicional ofício das paneleiras do entorno da comunidade escolar.
- ✓ Na sequência mostrará minuciosamente como o questionário deve ser aplicado para não interferir na qualidade dos dados obtidos.
- ✓ Sanada todas as dúvidas o professor poderá avançar por dois caminhos: O primeiro é pedir que os estudantes apliquem o questionário com membros da família. No outro o próprio professor se dirigirá à comunidade acompanhado de seus estudantes para aplicar o questionário/piloto que será utilizado apenas como guia para aplicação dos demais.

- ✓ Na segunda aula cada aluno aplicará um questionário e organizará os dados obtidos para traçar o perfil étnico-racial da comunidade.
- ✓ Nesse momento é hora de o professor introduzir os conceitos de raça e etnia enfatizando as arbitrariedades históricas da diferenciação social baseada em critérios de raça e as consequências advindas dessa diferenciação.
- ✓ A aula será concluída com uma abordagem sobre a importância da ancestralidade e a valorização dos saberes populares enquanto uma herança, um patrimônio cultural imaterial.
- ✓ Como fechamento da aula, o professor poderá solicitar ao aluno que obtenha dos seus familiares a maior quantidade de dados possíveis para a construção de sua árvore genealógica. Isto ocorrerá caso o professor opte por também abordar a SD 02, a ser elaborada em sala de aula nas duas aulas subsequentes sob à orientação do professor.

4.2.2 Sequência Didática 02 – Raízes da Minha História

Instituição: Escola Estadual Maria da Conceição (“Maria Pereira”).

Público-alvo: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental.

Aulas previstas: 2.

Tema relacionado: Ancestralidade e pertencimento.

Objetivo: Desenvolver nos alunos o sentimento de pertencimento a uma etnia bem como o desejo de conhecimento e, conseqüentemente, valorização da herança cultural desse referido grupo.

ROTEIRO DE ATIVIDADES

AULAS 03 e 04: Construção de uma árvore genealógica

- ✓ Tomando como ponto de partida as discussões das aulas anteriores, o professor auxiliará na construção da árvore genealógica do aluno a partir dos dados coletados pelo aluno citado partindo desse aluno a escolha de um dos ramos genealógicos (paterno ou materno) para um aprofundamento. Essa atividade será desenvolvida na primeira aula e buscará inserir o discente no contexto social do qual é oriundo.
- ✓ A elaboração da árvore genealógica ensinará ao discente a importância da memória social de um grupo, destacando a contribuição de cada geração do passado na construção do presente e despertando-o para a rede de relações na qual está inserido. Isso contribuirá para a tomada de consciência de sua história, bem como para a identificação de elementos essenciais no processo de construção de sua identidade individual, bem como de uma identidade coletiva.

- ✓ No segundo momento, o professor solicitará que cada aluno escolha um personagem a ser entrevistado e pedirá a esse aluno que antes de fazer a entrevista, tal qual um repórter ou detetive, investigue a história desse personagem, munindo-se de um número significativo de informações que são indispensáveis na realização de um trabalho de investigação científica.
- ✓ No fechamento da aula o professor deverá diferenciar o conhecimento científico do senso comum enfatizando o papel do historiador na construção do conhecimento histórico calcado em fontes confiáveis, bem como chamando a atenção para a diferenciação entre história e memória e ressaltando a seletividade da memória individual ou coletiva.

4.2.3 Sequência Didática 03 – "Do silêncio à visibilidade: A construção antirracista da História"

Instituição: Escola Estadual Maria da Conceição ("Maria Pereira") **Público-alvo:** Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental.

Aulas previstas: 3.

Tema relacionado: Imagens e fontes audiovisuais.

Objetivo: Despertar no discente o papel das imagens bem como dos registros audiovisuais na construção do conhecimento histórico sob perspectiva antirracista.

ROTEIRO DE ATIVIDADES

AULAS 05, 06 e 07: Realização de passeio ou visita histórica

- ✓ Partindo dos ensinamentos desenvolvidos nas aulas anteriores, o professor deverá retomá-los para a escolha de quais lugares ou pessoas devem ser visitados bem como registrados por meio fotográfico.
- ✓ O foco aqui é estimular o registro de pessoas ou grupos sociais, que foram historicamente foram marginalizados, tomando como exemplo o caso das Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos, em Itabaiana-SE.
- ✓ O caso da invisibilidade histórica das paneleiras pode ser problematizado para outros contextos, locais, regionais ou nacionais.
- ✓ O professor deve explicar que boa parte da historiografia estabelecida foi excludente para com alguns grupos. Sua história e cultura foram sistematicamente negadas e apagadas.
- ✓ Agora, mais do que nunca, é dever da história dar voz a estes personagens, reconhecer e valorizar as contribuições africanas e afro-brasileiras na formação da identidade nacional.
- ✓ No passo seguinte, o professor deve apontar o caminho: É preciso respeito às diferenças étnico-raciais em todos os lugares. Na escola, em casa, nas brincadeiras na rua, na internet etc.

- ✓ Na realização dessa atividade o professor deverá explicar os principais códigos de condutas que devem ser seguidos para registro fotográfico de uma pessoa ou objeto, enfatizando as consequências que podem advir de uma tomada de decisão errada ou impensada na hora de registrar algo. Logo, deve ser feito o pedido para o registro.
- ✓ Na sequência, o professor deverá orientar cada aluno a escolher um personagem ou patrimônio que considere indispensável para retratar a comunidade, destacando quais elementos acreditam ser importantes para a escolha daquela pessoa ou patrimônio.
- ✓ Espera-se que os alunos escolham populares da comunidade ou da família, pretos e pardos, ou espaços como os de celebrações de religiões de afro-brasileiras, feiras livres, campos de futebol, casas populares etc.
- ✓ Ainda na aula 05, além dos alunos serem estimulados a registrar imagens de objetos, construções, monumentos ou personagens de sua comunidade, também devem ter como atividade de casa, a pesquisa de imagens que já existem nos acervos familiares, replicá-las e passar ao professor.
- ✓ Na aula 06, o professor acompanhará seus alunos fazendo os registros fotográficos dos personagens ou objetos escolhidos.
- ✓ Na aula 07, será desenvolvida a construção de um quadro representativo da comunidade. Este pode ser comparativo passado/presente, ao destacar continuidades e permanências bem como a contribuição que essas heranças do passado trazem para a sociedade presente e ressaltando os aspectos positivos e negativos dessas atitudes.
- ✓ Como fechamento da SD, o professor e os alunos juntos preparam um mural com fotos do passado, e daquelas fotografias registradas por eles.

4.2.4 Sequência Didática 04 – A História das Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos

Instituição: Escola Estadual Maria da Conceição (“Maria Pereira”).

Público-alvo: Estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental.

Aulas previstas: 2.

Tema relacionado: Oralidade.

Objetivo: Apresentar a História das Paneleiras sob viés étnico-racial e problematizar este apagamento histórico.

ROTEIRO DE ATIVIDADES

AULAS 01: A História das Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos.

- ✓ A proposta aqui é apresentar a História das panelleiras do Tabuleiro dos Caboclos de forma livre, em quaisquer capítulos ou unidades. O professor terá a liberdade para relacionar este tema a qualquer outro tipo de silenciamento ou apagamento de um povo, comunidade ou acontecimento, sob uma perspectiva histórica hegemônica.
- ✓ É importante que os alunos recebam a HQ colorida contando a história das Panelleiras.
- ✓ Na busca de caminhos afrocentrados, o HQ será lido pelo professor como contação de história. Os alunos reúnem-se em roda. Se o colégio tiver uma ampla área externa e o professor sentir-se confortável, a contação pode ser embaixo de uma árvore, por exemplo (A entrega do HQ e a arrumação dos alunos em roda devem tomar 10 min).
- ✓ O professor lê a história e os alunos, com o HQ em mãos, acompanham a leitura.
- ✓ A exploração da oralidade fica por conta do fato de que as técnicas para a feitura das panelas foram passadas oralmente por gerações, visto que não existe um manual explicativo escrito sobre o passo a passo do ofício das panelleiras (Essa reflexão, junto a leitura do HQ deve tomar 10 min).
- ✓ Após a leitura, o professor deve pedir para que os alunos explorem ao máximo as informações das imagens e dos balões de fala. São válidas as perguntas: “O que mais chamou sua atenção?” “Vocês enterram todas as cenas?” “e sobre as falas, alguma dúvida ou colocação?”
- ✓ Desta forma, o professor conduz livremente o debate frente aos questionamentos e colocações dos alunos. Nesse momento, a questão da oralidade pode ser evocada (10 min).
- ✓ O debate sobre a ancestralidade pode ser enunciado com as tradições mais diversas de cada realidade escolar: Festas populares, comidas típicas, lendas etc. (10 min).
- ✓ Como fechamento do debate, os alunos deverão levantar hipóteses sobre o apagamento histórico desta comunidade e de suas atrizes e atores sociais. Isto de fará oralmente, justamente para resgatar o fundamento da tradição oral do ofício das panelleiras (10 min).
- ✓ Para encerramento o professor sugere aos alunos que falaram, que pesquisem e busquem mais informações. Os que não se manifestaram, também devem pesquisar sobre algum outro ofício, grupo étnico ou comunidade que eles entendam que foram excluídos pela história. O professor deve informar que a pesquisa é uma tarefa de casa e será utilizada na próxima aula. Também que os alunos devem levar lápis de cor.
- ✓ Para início da segunda aula, o professor deve distribuir folhas em branco.
- ✓ A segunda aula será destinada a confecção livre pelos alunos de uma história em quadrinhos sobre o ofício, grupo étnico ou comunidade pesquisados. A atividade pode ser feita

individualmente, ou o professor pode dividir a turma em grupos. Talvez, alunos que não queiram desenhar, possam escrever os conteúdos das falas.

✓ Por fim, os alunos devem fixar os materiais produzidos no mural da sala.

CONSIDERAÇÕES

A aplicação da pesquisa mostrou que os alunos são carentes de conhecimentos de enfoque étnico-racial. Isto, somado a construção de uma identidade itabaianense eminentemente branca, constitui-se na ferida aberta para a qual buscamos a intervenção por meio de um remédio educacional, sendo assim, o questionário fomentou a produção do REA. No levantamento feito, por meio do questionário, com os alunos, constatou-se majoritariamente a falta de compreensão sobre a questão étnico-racial em Itabaiana. A simples pergunta “Fale a respeito do que você sabe sobre a população negra e indígena de Itabaiana?”, gerou lacônicos “não sei” ou “nada”. Portanto, julgamos a necessidade da construção da sequência didática que contribua para a superação desta realidade.

Neste intento, a construção inicial do trabalho versava sobre o labor das paneleiras. No percurso, para fins de contextualização, avançamos sobre novos campos. Primeiro, fez-se a constituição histórica do bairro Tabuleiro dos Caboclos e depois, de toda a gente que lhe dá vida, com destaque para as paneleiras. Entretanto, o recorte de gênero é panorâmico. Não teve fôlego para explorar outros conceitos, como por exemplo o da interseccionalidade (Collins, 2000). No entanto, apesar da abordagem de gênero superficial, o trabalho avança para além das paneleiras, ao suscitar outros personagens, a exemplo: figuras populares locais e seus ofícios- rezadeiras, sapateiros, bodegueiros, feirantes e jogadores de futebol, entre outros- sendo assim, sugerem novos campos de pesquisa sobre outras histórias étnico-raciais de Itabaiana.

O conceito de Quilombagem, de Clóvis Moura, pode ser evocado para a formação das comunidades negras rurais citadas na dissertação, a exemplo do Tabuleiro dos Caboclos, Dendezeiro, Taboca, Carrilho, Lagoa do Forno, Congo, entre outras. Outro bom exemplo reside na exploração das cosmo percepções africanas e indígenas, na percepção de Nego Bispo (2015), que aponta a diferença entre as impressões cristãs, que separam o divino da vida real da pessoa, e as visões africanas e indígenas que, ao contrário, valorizam a natureza e os contatos das pessoas com ela.

Sobre a realidade escolar a qual nos impeliu o desenvolvimento desta dissertação, apenas foi possível realizar o diagnóstico, restando o prognóstico (aplicação do REA e avaliação dos resultados) para outro momento. Como não trabalho no colégio e pelo fato de que minimamente apenas finalizei a sequência didática na última parte do mestrado, não houve condições para sua aplicação. Estimo, que em momento posterior a publicação deste trabalho,

seja possível apresentá-la aos colegas professores de história, tanto da instituição onde foi aplicado o questionário quanto em outras escolas.

Durante o percurso desta pesquisa, um dos limites enfrentados foi a falta de tempo hábil para a confecção de um Recurso Educacional Aberto (REA) mais robusto. A intenção inicial era desenvolver um material que pudesse dialogar de forma ampla com diferentes públicos, oferecendo maior densidade e aplicabilidade. Nesse ponto, não obtive êxito, o que evidencia uma lacuna a ser preenchida em trabalhos futuros. Ainda assim, o esforço realizado aponta caminhos e possibilidades para que novas iniciativas possam retomar essa proposta, ampliando o alcance dos resultados aqui obtidos.

Itabaiana é um dos polos ceramistas do estado (Brasil, 2017), porém, neste trabalho, não foram tecidas considerações que liguem este fato ao ofício das paneleiras. Quais relações fraternais existem entre as Paneleiras do Tabuleiro dos Caboclos e as várias olarias e cerâmicas do município? Essas tradições ligadas ao barro são remanescentes da mestiçagem negra e indígena de quais etnias especificamente? Em torno do barro se entrelaçam atividades econômicas, festivas e culturais que trazem no seu DNA a reminiscência de uma memória cabocla, indígena e afrodescendente. No entanto, este trabalho não teve fôlego para estas importantes searas, mas novos caminhos de pesquisa são apontados, visto que a historiografia estabelecida sobre Itabaiana não aborda tais perspectivas.

Apesar dessa limitação, esta dissertação cumpriu sua finalidade principal: reconhecer e valorizar o trabalho das Paneleiras e da comunidade Tabuleiro dos Caboclos. Orientado pelo professor José Vieira, reconheci a necessidade urgente de confrontar o estereótipo de branquitude projetado sobre minha cidade. O estudo permitiu dar visibilidade a nomes e vozes que carregam a memória e a identidade coletivas, como Dona Irene, Dona Dina, Dona Tereza, Dona Madalena, Ronaldo e Valtenes. Minha intenção, ao reconhecer este espaço, personagens e práticas culturais, buscou não só fortalecer o reconhecimento da comunidade, mas também reafirmar a importância da resistência cultural.

O que foi possível realizar nos deixa orgulhosos e satisfeitos, pois contribui para a valorização de sujeitos históricos que, muitas vezes, permanecem invisibilizados. O que faltou fazer — a elaboração de um REA mais completo — abre possibilidades para futuras pesquisas e projetos. Sob tal perspectiva, afirmamos que este trabalho pode servir como ponto de partida para novas investigações e ações que possam aprofundar e expandir o reconhecimento das Paneleiras e da comunidade Tabuleiro dos Caboclos.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, Francisco José. A novilha esfolada: tributação da Bahia sobre Sergipe no século 17. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju**, n. :33, p. 97 --104, 2000-2002.
- ASSUNÇÃO, Marcello Felisberto Moraes de; TRAPP, Rafael Petry. É possível indisciplinar o cânone da história da historiografia brasileira? Pensamento afrodiaspórico e (re)escrita da história em Beatriz Nascimento e Clóvis Moura. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 41, nº 88, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/twzH93CnWDDZSCCzHtKyqxx/>. Acesso em: 10 ago. de 2024.
- ÁVILA, Arthur Lima de. A quem pertence o passado norte-americano? A controvérsia sobre os National History Standards nos Estados Unidos (1994–1996). **Anos 90**, Porto Alegre, v. 22, n. 41, p. 13–36, jan./jun. 2015. Disponível em: **Revista Anos 90 – UFRGS**. Acesso em: 12 ago. 2025.
- AZEVEDO, Gilson Xavier de; LEMOS, Carolina Teles. **Catolicismo e religiosidade popular no contexto do Centro-Oeste**. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 1–15, 2019. Disponível em: <https://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/8893> (periodicos.est.edu.br in Bing). Acesso em: 5 fev. 2026.
- BARROS, Carlos Henrique Farias de. **Ensino de história, memória e história local**. [S.l.]: [s.n.], 2013. Disponível em: https://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/junho2013/historia_artigos/barros.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.
- BISPO, José Almeida. Curraleiros e o duro nascer da sergipanidade. In: SOUSA, Antonio Lindvaldo; SANTOS, Claudefranklin Monteiro (org.). **Clio Digital: Memórias e Histórias de Sergipe (200 anos da Independência) Formação**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, p. 57-76, 2022.
- BISPO, José Almeida. **Itabaiana, nosso lugar: quatro séculos depois**. Aracaju: Infographics, 2013. 282 p.
- BISPO, José Almeida. **O trabalho dos oleiros no bairro São Cristóvão, Itabaiana – Sergipe**. YouTube, 13 jun. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WnVs19ck3-4>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- Bittencourt, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- BITTENCOURT, Circe. **Reflexões sobre o ensino de História**. Estudos Avançados, v. 32, n. 93, p. 127–149, 2018. Disponível em: SciELO Brasil. Acesso em: 12 ago. 2025.
- BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **Sociedade e Cidadania**: 6º ano: Ensino Fundamental: Anos Finais. 1. ed. São Paulo: FTD Educação, 2022.

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Ofício das Paneleiras de Goiabeiras completa vinte anos de registro como Patrimônio Cultural**. Publicado em: 01 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/oficio-das-paneleiras-de-goiabeiras-completa-vinte-anos-de-registro-como-patrimonio-cultural>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: Planalto – Lei nº 11.326/2006. Acesso em: 26 07 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em: 6 out. 2025.

BRASIL. CANALGOV. **Ofício das paneleiras de Goiabeiras (ES) é tema do Documentação**. YouTube, 26 maio 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vOP3bqyixWk>. Acesso em: 25 jun. 2025.

BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 24 de fevereiro de 1891**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1891. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm. Acesso em: 3 fev. 2026.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Promulgada em 5 de outubro de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 26 07 2025.

BRASIL. Departamento Nacional de Trânsito. **Anuário estatístico de acidentes de trânsito: 1998–2000**. Brasília: Ministério da Justiça, Departamento Nacional de Trânsito, 2000. Disponível em: <http://www.denatran.gov.br/estatisticas.htm> (denatran.gov.br). Acesso em: 3 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Local de Cerâmica Vermelha Sergipana. Observatório de Arranjos Produtivos Locais**. Brasília: Governo Federal, 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/portais-desconhecidos/observatorioapl/biblioteca-apl/planos-de-desenvolvimento-dos-apls/pdp-de-ceramica-vermelha-sergipana.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **DATASUS – Óbitos por acidentes de transporte terrestre, Sergipe (2002–2011)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/obt10uf.def> (tabnet.datasus.gov.br). Acesso em: 3 fev. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório: Educação para Todos no Brasil, 2000–2015**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: Relatório da UNESCO. Acesso em: 26 07 2025.

CÂMARA MUNICIPAL DE ITABAIANA. Etelvino José de Mendonça. Itabaiana, SE, 2026. Disponível em: <https://cmitabaiana.se.gov.br/vereador/32/etelvino-jos-de-mendon-a>. Acesso em: 24 abr. 2026.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 31 jan. 2026.

CARVALHO, Daiane Mendonça de. **Comercialização de hortifrutigranjeiros em Itabaiana-SE**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5619>. Acesso em: 31 jan. 2026.

CARVALHO, Vladimir Souza. **A República Velha em Itabaiana**. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2000. 718 p.

CARVALHO, Vladimir Souza. **Vila de Santo Antônio de Itabaiana**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda., 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CASTAÑEDA, Vanessa. **Bahia, a terra do dendê: uma história transnacional e complexa do dendê**. Afro-Ásia, Salvador, n. 66, p. 687–693, 2022. DOI: 10.9771/aa.v0i66.52088. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/52088>. Acesso em: 22 ago. 2025.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía; BRITO, Nicelma Josenila Costa de; CRUZ, Felipe Alex Santiago. **Vinte anos da Lei n. 10.639/2003, a produção do ProfHistória e a formação continuada de professores(as)**. História Hoje, v. 12, n. 25, 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2000.

COSSA, Dulcídio. **Nkaringana wa nkaringana, Xitiku ni mbawula a matiku ya vambe: fluxos da tradição oral africana e sua magia** [p. 196-209]. In: LINKE, Ines; KRUCKEN, Lia; BEZERRA, Uriel (orgs.). **Nkaringana: objetos e histórias em trânsito**. [tradução Daniele Freitas]. 1. ed. Salvador: Duna, 2020.

CRUZ, João Hélio Reale da. Cidadania e direitos humanos: análise sobre a expansão do conceito de cidadania. **Revista Populus**, Salvador, n. 7, p. 129–141, dez. 2019. Disponível em: Biblioteca Digital TSE. Acesso em: 12 ago. 2025.

CRUZ, José Vieira da. **Um estágio pós-doutoral em tempos de pandemia e de ensino remoto emergencial: um aprendizado autobiográfico, acadêmico e histórico, 2020-2022**. UFPE: Programa de Pós-graduação em Educação, 2022.

DA MATTA, Roberto. “Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira.” In: **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis, Vozes, 1981, p. 58-85, p.68-75.

DANTAS, Ibarê. **Coronelismo e Dominação**, editora UFS, 1987.

DICIO – Dicionário Online de Português. **Caçua**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cacua-2/>. Acesso em: 6 fev. 2026.

DILLMANN, Mauro. Devoção para acudir na vida e amparar na morte: São Miguel arcanjo e as almas do purgatório. **Fênix - Revista de História e Estudos Culturais**, [S. l.], v. 12, n. 2, 2015. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/737>. Acesso em: 18 ago. 2025.

DOMINGUES, Petrônio. **Por uma história negra**. Estudos Históricos [recurso eletrônico], Rio de Janeiro, v. 38, n. 85, maio/ago. 2025. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/download/92714/87626/217230>. Acesso em: 8 ago. 2025.

EMDAGRO – Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe. **Sergipe é o maior produtor de batata-doce do Nordeste, segundo Emdagro**. Aracaju: Emdagro, 2023. Disponível em: <https://emdagro.se.gov.br/sergipe-e-o-maior-produtor-de-batata-doce-do-nordeste-segundo-emdagro/>. Acesso em: 12 fev. 2026.

ESTEVES, Emerson. **Itabaiana é o único município de SE entre as 50 cidades mais violentas do país**. F5News, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://www.f5news.com.br/cotidiano/itabaiana-e-o-unico-municipio-de-se-entre-as-50-cidades-mais-violentas-do-pais.html>. Acesso em: 13 nov. 2024.

FARIA RODRIGUES, Gersa; BREDER, Debora. **Educação antirracista: um caminho para a garantia de direitos**. Em Favor da Igualdade Racial, v. 6, n. 2, mai./ago. 2023. Disponível em: Academia.edu – artigo completo. Acesso em: 8 ago. 2025.

FENELON, Déa Ribeiro. **A licenciatura na área das Ciências Humanas**. Ciência e Cultura, Campinas, v. 9, n. 35, p. 1257-62, set. 1983.

FENELON, Déa Ribeiro. **A formação do profissional de História e a realidade do ensino**. Cadernos *CEDES*, São Paulo: Cortez, n. 6, p. 24–31, 1985.

FERNANDES, Florestan. **Nova República?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

FERREIRA, Leandro Silva. **Conhecendo a feira: cultura popular na feira livre de Sapé-PB**. Guarabira: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras).

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. **Desafios do ensino de história**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 79–93, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1295>. Acesso em: 12 ago. 2025.

FIGUEIREDO, Luciano. **Rebeliões no Brasil colônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FOLHA DE S. PAULO. **Acidente mata um e fere 13 feirantes em SE**. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 fev. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/2/27/cotidiano/11.html>. Acesso em: 11 ago. 2025.

FRANÇA, Itamar. **Única fabricante de panela de barro deixa ofício após 40 anos**. YouTube, 22 de out. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=swnm9BsUipI>. Acesso em: 25 jun. 2025.

FREIRE, Felisbello. **História Territorial do Brasil**. 1º Vol (Bahia, Sergipe e Espírito Santo). Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do Comércio”. De Rodrigues e C., 1906.

FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1891.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURTADO, Débora; AMIEL, Tel. **Guia de bolso da educação aberta**. Brasília, DF: Iniciativa Educação Aberta, 2019. 28 p. Disponível em: <https://aberta.org.br/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

G1. Censo 2022: Pela 1ª vez, Brasil se declara mais pardo que branco; populações preta e indígena também crescem. Por Marina Pinhoni e Gabriel Croquer. Publicado em 22 dez. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/12/22/cento-2022-pela-1a-vez-brasil-se-declara-mais-pardo-que-branco-populacoes-preta-e-indigena-tambem-crescem.ghhtml>. Acesso em: 6 fev. 2026.

GLOBO. São Januário é reconhecido como patrimônio do Rio, e Vasco prevê valorização do estádio e mais visitas. ge.globo, 11 mar. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/sao-januário-e-reconhecido-como-patrimônio-do-rio-e-vasco-preve-valorização-do-estádio-e-mais-visitas.ghhtml>. Acesso em: 1 jul. 2025.

GÓIS, Manoel Aelson. Associação Olímpica de Itabaiana: da gênese ao penta (1938–1982). Itabaiana: Info Grafics, 2010. 351 p.

GOMES, Nilma Lino (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Primavera para as Rosas Negras. Lélia Gonzalez em primeira pessoa. Diáspora Africana: Editora Filhos de África, 2018.

GUARANÁ, Armindo. Comarca de Itabaiana – Descrição do Município. *Diário de Notícias*, Aracaju, 14 maio de 1886.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História Geral da África*. v. 1. Metodologia e pré-história da África. 2010.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo Escolar da Educação Básica 2012: resumo técnico. Brasília: INEP, 2012. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/cento_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_cento_educacao_basica_2012.pdf. Acesso em: 25 047 2025.

INFONET. Itabaiana está sem registros de homicídios há 34 dias. Aracaju, 14 ago. 2014. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/itabaiana-esta-sem-registros-de-homicidios-ha-34-dias>. Acesso em: 28 jul. 2025.

INFONET. Itabaiana fecha o ano com 80% de crimes elucidados. Aracaju, 29 dez. 2010. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cidade/itabaiana-fecha-o-ano-com-80-de-crimes-elucidados>. Acesso em: 28 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: principais resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-cento-demografico-2022.html>. Acesso em: 26 ago. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PNAD Contínua: Educação 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102180_informativo.pdf. Acesso em: 26 jul. 2025

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022: Panorama – Itabaiana (SE). Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?localidade=2802908>. Acesso em: 17 fev. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios**. Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ITABAIANA (Município). **Lei Municipal: Fica doado à Associação Olímpica de Itabaiana um terreno baldio no subúrbio Tabuleiro do Caboclo**. Câmara Municipal de Itabaiana, Sergipe, [s.d.]. Disponível em: <https://cmitabaiana.se.gov.br/lei/fica-doado-a-associa-o-ol-mpica-de-itabaiana-um-terreno-baldio-no-sub-rbio-tabuleiro-do-caboclo/739>. Acesso em: 1 fev. 2026.

ITABAIANA . **Lei nº 928, de 13 de dezembro de 2000**. Dispõe sobre nome de rua de nossa cidade e dá outras providências. Itabaiana, SE, 2000.

ITABAIANA. **Lei nº 172, de 30 de junho de 1958**. Dispõe sobre denominação de bairro desta cidade. Disponível em: <https://cmitabaiana.se.gov.br/lei/disp-e-sobre-denomina-o-de-bairro-desta-cidade/916>. Acesso em: 30 set. 2025.

ITABAIANA. **Confira a programação completa da Micarana 2025**. Prefeitura Municipal de Itabaiana, 22 ago. 2025. Disponível em: <https://itabaiana.se.gov.br/noticia/8503/confira-a-programacao-completa-da-micarana-2025>. Acesso em: 28 ago. 2025.

ITABAIANA., (**Lei nº 119, de 08 de março de 1954**) Cria feriados municipais: Art. 1º - Fica sendo feriado municipal os dias 13 de junho e 28 de agosto. Disponível em: <https://cmitabaiana.se.gov.br/lei/cria-feriados-municipais/863>, acesso em: 19 ago. 2024.

JUNIOR, Rui L. A. **A História da África e dos afrodescendentes vai à escola: a Lei 10.639/2003 e os saberes docentes. 2018**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2018. Orientadora: Elaine Lourenço.

LAVILLE, C. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de História. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.19, n.38, p.125-38, 1999.

LEVI, Giovani. Os usos da biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (orgs). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 167-192.

LIMA, Eliany Dionizio. **A feira livre na mediação campo-cidade**. 2012. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

MARINHO, Danielle Virginie Santos Guimarães. **A Estudante nos guias para a "Guerra dos Cinco Dias": vestibulares da UFS entre 1970-1980 / Danielle Virginie Santos Guimarães Marinho; orientadora Josefa Eliana Souza**. - São Cristóvão, SE, 2023. 217 f.: il.

MARQUES, Núbia do Nascimento. **Do campo à metrópole: G. Barbosa na macroeconomia brasileira**. Aracaju: J. Andrade, 1999.

MELO, Natali C.; LYRA, Keila Alves P. A importância do PIBID e do PIBIC: uma reflexão sobre programas de formação docente. *Iniciação Científica Cesumar*, v. 22, n. 1, p. 133–139, 2020. Disponível em: **Revista Iniciação Científica Cesumar**. Acesso em: 12 ago. 2025.

MENDONÇA, Carlos. **A evolução comercial de Itabaiana**. Itabaiana: InfoGraphics, 2015.

MENDONÇA, Carlos. **Na feira de Itabaiana tem?** Itabaiana: InfoGraphics, 2011.

MENESES, José Antonio Leal. **Coronelismo e violência na política de Itabaiana/SE: disputas políticas e mortes de parlamentares udenistas (1963)**. 2017. Dissertação

(Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6921/2/Jos%C3%A9_Antonio_Leal_Meneses.pdf. Acesso em: 24 abr. 2026. MENEZES, Wanderley de Oliveira. **28 de agosto é o aniversário de Itabaiana?** Jornal SAIBA, Itabaiana, Sergipe, p. p.11 - p.11, 01 out. 2011.

MENEZES, Wanderley de Oliveira. As Ruínas da Igreja Velha de Itabaiana-SE: Entre História, patrimônio e identidade cultural. Baraúnas: **Revista de História**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 111–134, 2024. DOI: 10.13102/barh.v1i2.10187. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/baraunas/article/view/10187>. Acesso em: 18 ago. 2025.

MENEZES, Wanderley de Oliveira. **Itabaianenses, papa-cebolas e ceboleiros:** apontamentos para a história de um patrimônio cultural imaterial sergipano. Jornal SAIBA, Itabaiana, Sergipe, p. p.11 - p.11, 01 jul. 2011.

MOURA, Carla de. **As Marias da Conceição: por um ensino de História situado, decolonial e interseccional**. 2018. 193 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Porto Alegre, 2018. Orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner.

MOURA, Clóvis. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?** São Paulo: DANDARA Editora, 1977. Disponível em: Internet Archive. Acesso em: 10 jul. 2025.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 5ª ed. - Teresina: EdUESPI, 2021. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/download/55/45/283-1?inline=1>. Acesso em: 15 ago. 2025.

MUNIZ, Geyza Dalmásio. As diferentes identidades culturais na panela de barro. Colartes – **Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES**, Vitória, n. 10, p. 138–150, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/download/7644/5349>. Acesso em: 29 ago. 2025.

NADAI, Elza. Análise da prática pedagógica: o ensino de História no 2.º grau – problemas, deformações e perspectivas. Educação e Sociedade, São Paulo, v. 6, n. 19, p. 134–146, ago. 1984. Disponível em: **Revista da Faculdade de Educação – USP**. Acesso em: 12 ago. 2025.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Danyllo dos Santos. **Uma fonte para a história do agreste sergipano: o livro de termos de serviço da Câmara de Itabaiana (1870–1877):** introdução, transcrição em edição paleográfica e índice onomástico. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007. 215 p. (Ciências da Educação; 4). ISBN 978-972-0-34104-4.

OLIVEIRA, Veríssimo José de. **Na feira de Itabaiana**. Itabaiana: Edição do autor, [s.d.].

PEREIRA, Matheus Serva. **Uma viagem possível: da escravidão à cidadania**. Quintino de Lacerda e as possibilidades de integração dos ex-escravos no Brasil. 2011. 292 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2011.

PETRUCCELLI, José Luis. **Raça, identidade, identificação: abordagem histórica conceitual**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, DIEPAFRO, 20123. Disponível em: <https://diepafro.ufu.br/files/media/document>. Acesso em: 26 ago. 2025.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003. 496 p.

PIRES, Breiller. **Vasco da Gama, o clube que abriu as portas do futebol para os negros**. Brasil, El País, 07 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/05/deportes/1554498170_792322.html. Acesso em: 13 nov. 2024.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

PORTO JUNIOR, Francisco Gilson Rebouças *et al.* (orgs.). Nós da memória: Saberes africanos, vivências e (Re)significação identitária. In: PORTO JUNIOR, Francisco Gilson Rebouças *et al.* (orgs.). **História, memória e saberes ancestrais**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2015. p. 414.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Tradução: Caio C. Pereira; Daniel Martineschen; Peter H. Rautman; Sibebe Paulino. Colaboração: Ingetraud Rüsen. Curitiba: W. A. Editores, 2012. 229 p.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 7–16, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279/285>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SALOMÃO, Lilian da Fonseca. **As sesmarias de Sergipe del Rey**. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1981.

SAMARONE, Antônio. **A Taba de Matiiapoan**. Blog de Samarone, 9 fev. 2026. Disponível em: <https://blogdesamarone.blogspot.com/2026/02/a-taba-de-matiiapoan.html>. Acesso em: 11 fev. 2026.

SAMARONE, Antônio. **Em defesa das causas perdidas**. Blog do Samarone, 2023. Disponível em: <https://blogdesamarone.blogspot.com/search?q=Tabuleiro+dos+Caboclos>. Acesso em: 8 ago. 2025.

SAMARONE, Antônio. **Itabaiana – 350 anos. Tinda e os Pretos do Tabuleiro dos Caboclos**. *Blog de Samarone*, 3 abr. 2025. Disponível em: <https://blogdesamarone.blogspot.com/2025/04/itabaiana-350-anos-tinda-e-os-pretos-do.html>. Acesso em: 10 dez. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Cezar Alexandre Neri. **De Cirigype a Sergipe Del Rey: os topônimos nas cartas de semarias (1594–1623)**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe, 2012.

SANTOS, Joceneide Cunha dos. **Negros(as) da Guiné e de Angola: nações africanas em Sergipe (1720-1835)**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Orientador: Prof. Dr. Carlos Eugênio Líbano Soares. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32395>. Acesso em: 07 jan. 2026.

SANTOS, José Wilson Moura. **A feira e o ensino de história: caderno de sequências didáticas a partir da feira de Itabaiana/SE**. São Cristóvão, SE: Dissertação (mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, 2021. 309 f.: il.

SANTOS, Keile Jayne Nascimento. **Feira livre de Nossa Senhora da Glória como patrimônio imaterial do estado de Sergipe**. 2024. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2024.

SANTOS, Maria Nele dos. **A vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana no século XIX (1850-1888)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1984. 154 f. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/17658>. Acesso em: 9 jul. 2025.

SANTOS, Robério. **Itabaiana: Aniversário de 100 anos de Cidade - 1988**. YouTube, 28 ago. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=43JQU0I_KWo. Acesso em: 17 fev. 2026.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **História do ensino de História no Brasil: uma proposta de periodização**. Revista História da Educação, Porto Alegre, v. 16, n. 37, p. 73–91, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/24245>. Acesso em: 12 ago. 2025.

SCHNEIDER, João Paulo. **Itabaiana divulga a programação oficial da Micarana 2025**. Infonet, Aracaju, 15 jul. 2025. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/itabaiana-divulga-a-programacao-oficial-da-micarana-2025/>. Acesso em: 17 fev. 2026.

SERGIPE. Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe. **Projeto de Lei nº 229, de 2024**. Institui o Dia Estadual de Quintino de Lacerda, em comemoração à sua trajetória e à luta abolicionista, a ser celebrado em 8 de junho. Aprovado em 09 ago. 2024. Disponível em: Folha de Sergipe – notícia sobre o PL. Acesso em: 5 ago. 2025.

SERGIPE. Governo do Estado. **Medidas tradicionais de terra em Sergipe**. Aracaju: Governo de Sergipe, 2000. Disponível em: <http://www.emdagro.se.gov.br/>. Acesso em: 3 fev. 2026.

SERGIPE. **Lei nº 8.262, de 17 de julho de 2017**. Torna a Castanha de Caju do Povoado Carrilho, localizado em Itabaiana/SE, Patrimônio Imaterial do Estado de Sergipe, e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de Sergipe, Aracaju, 17 jul. 2017. Disponível em: <https://www.al.se.leg.br/>. Acesso em: 6 fev. 2026.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. **Escolas**. Aracaju: SEDUC/SE, 2026. Disponível em: <https://seduc.se.gov.br/escolas/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

SERGIPE. Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. **Governo entrega Escola Estadual Professora Maria da Conceição em Itabaiana**. Aracaju: SEDUC/SE, 2025. Disponível em: <https://seduc.se.gov.br/governo-entrega-escola-estadual-professora-maria-da-conceicao-em-itabaiana/>. Acesso em: 2 fev. 2026.

SILVA JUNIOR, Lourival Mendonça. **Samba-enredo e trajetórias negras: uma proposta de sequência didática para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2020. Orientadora: Ivana Stolze Lima.

SILVA, Alberto da Costa e. **Francisco Félix de Souza, mercador de escravos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Ed. UERJ, 2004.

SILVA, Edicarlo Alvino da. **Ensino de História e a implementação da Lei 10.639/2003: uma análise do tema em livros didáticos**. 2025. CLXVI, 166 f.: il. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Goiânia, 2025. Orientador: Prof. Dr. Elias Nazareno.

SILVA, José Bittencourt da. Elementos para a construção do sentido e o significado do conceito de população tradicional e sua importância para o século XXI. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v. 3, n. 3, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/153/n3dasilva.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SILVA, Márcio Antônio Both da. **Caboclos: as especificidades históricas e os diferentes empregos de uma palavra**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 28., 2015, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2015. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/30/1405252958_ARQUIVO_CaboclosAnpuhRS.pdf. Acesso em: 29 ago. 2025.

SIMÃO, Lucieni de Menezes. **A semântica do intangível: considerações sobre o registro do ofício de paneleira do Espírito Santo**. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. Disponível em: <http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/LUCIENI-MENEZES-SIMÃO.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025.

SIQUEIRA, Luís. **Homens de mando e de guerra: capitães mores em Sergipe del Rey** / Luís Siqueira; orientadora Maria José Rapassi Mascarenhas. – Salvador, 2016. 300 f. : il.

SOBRINHO, Sebrão. **Fragmentos da história de Sergipe**. Aracaju, SE: Livraria Regina, 1972. 309 p.

SOBRINHO, Sebrão. **Tobias Barreto, o desconhecido: gênio e desgraça**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1941.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Tese autobiográfica: os procedimentos para o constructo do ‘eu’ fonte**. Revista Brasileira de Pesquisa (Au/to) Biográfica, Salvador, v. 5, n.14, p. 777-795, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7815>. Acesso em 20/06/2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)Biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**, ano 2, v. 4, p. 37-50, jul./ dez. 2008. Disponível em <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1808>. Acesso em: 7 ago. 2019.

SOUZA, Jadir; SANTOS, Márcia Guena dos. Produção científica sobre catolicismo popular no Brasil: alguns apontamentos. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v.

14, n. 40, p. 1–20, 2021. eISSN 2357-8963; ISSN 2318-4507. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhr/article/view/58962>. Acesso em: 5 fev. 2026.

SOUZA, Marcos Antônio. **Memória sobre a Capitania de Sergipe, ano de 1808**. Aracaju: Secretaria de Cultura, 2005. pp.59-60

TANCREDI, Silvia. **"O que é Enem?"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilestola.uol.com.br/educacao/o-que-e-enem.htm>. Acesso em 11 de agosto de 2025.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **SIG Eleição – Resultados**: Quociente eleitoral partidário. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/quociente-eleitoral-partid%C3%A1rio>. Acesso em: 8 ago. 2025.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história e suas epidemias: a convivência do homem com os microrganismos**. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo; Rio de Janeiro: Senac Rio, 2003. 311 p. ISBN 85-87864-30-0.

UOL ESPORTE. Governo de Sergipe retira nome de Médiçi de estádio em Itabaiana. **UOL**, 15 jan. 2016. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2016/01/15/governo-de-sergipe-retira-nome-de-medici-de-estadio-em-itabaiana.htm>. Acesso em: 02 fev. 2026.

VEIGA, Edison. **Santo Antônio: a história do intelectual português que se chamava Fernando, quase morreu na África, pregou por toda a Itália, ganhou fama de casamenteiro e se tornou o santo mais querido do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2021. 208 p.

VILLALTA, Luiz Carlos. Dilemas da relação teoria e prática na formação do professor de História: alternativas em perspectiva. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 223–232, 1992. Disponível em: <https://www.academia.edu/3009939>. Acesso em: 11 ago. 2025.

YOUTUBE. *Etelvino Mendonça foi o precursor do futebol em Itabaiana*. Publicado em 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hf_xmP7eoxk. Acesso em: 24 de abr. 2026.